

*Tito de Moraes "desaconselhado" de estar presente
no Forte do Bom Sucesso*

PS afasta-se dos "capitães de Abril"

*Eanes presidiu à sessão inaugural das comemorações
do X aniversário da "Revolução dos Cravos"*

O Presidente da República, general Ramalho Eanes, presidiu ontem à noite, no Forte do Bom Sucesso, à sessão inaugural das Comemorações do 10.º Aniversário da «Revolução dos Cravos» que, por iniciativa da «Associação 25 de Abril», se prolongarão até Outubro de 84. Vasco Lourenço, Fisher Lopes Pires, prof. dr. Luís de Albuquerque e Ramalho Eanes foram os oradores da noite. As centenas de civis e militares de Abril — os grandes nomes da «Revolução dos Cravos» estiveram quase todos presentes — ficaram contudo

surpreendidos com a ausência inesperada do eng. Tito de Moraes, presidente da Assembleia da República, que, dando o dito por não dito, se limitou a enviar um telegrama de felicitações... Ao que se soube Tito de Moraes foi impedido por Soares e Mota Pinto de se deslocar ao Forte do Bom Sucesso. A rotura do PS com os militares de Abril assume, assim, forma pública.



Pág. 7

Eanes na «Associação 25 de Abril»: uma presença e uma assinatura

Chile: dez anos depois renasce a esperança

Pág. 12

Hoje
Sábado

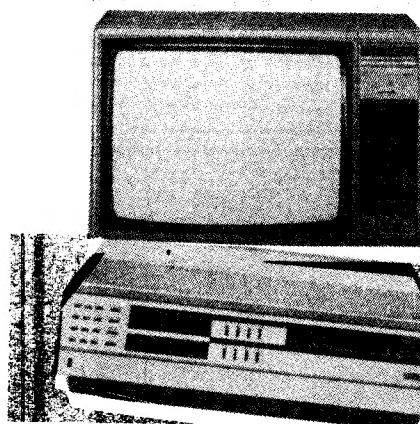
Você acredita
em



FANTASMAS

SEGUNDA-FEIRA:
INÍCIO DA REPETIÇÃO
DOS 30 CUPÕES

VERÃO 83



Um televisor
PHILIPS, a cores,
de 66 cm hi-fi
e com telecomando,
e um videogravador
PHILIPS VR2025
com telecomando

OS FABULOSOS
PRÊMIOS PHILIPS

UMA CAPELA
DE SANTO ANTÓNIO

PUBLICAMOS O BOLETIM DE INSCRIÇÃO NA PÁG. 2

comunicação social

CI da RDP rejeitou proposta do PCP recomendando suspensão da transferência de Pedro Cid

O Conselho de Informação para a RDP rejeitou uma proposta do PCP no sentido de recomendar ao Conselho de Administração daquela empresa a suspensão da transferência do jornalista Pedro Cid para a secção de reportagem geral. Houve 7 votos contra a moção comunista (5 do PSD e 2 do PS), 4 a favor (PCP e MDP) e 3 abstenções (CDS).

Durante a votação desta proposta, cinco conselheiros socialistas abandonaram a sala por não se sentirem «capazes de cumprir a orientação do PS por mera indicação ou invocação da disciplina partidária». «Nem por isso a deixaremos de respeitar, não a contrariando drasticamente», frisaram.

Numa declaração, Arons de Carvalho, Gualter Basílio, Beja Santos, Galamba Marques e Teresa Torres Antunes, manifestam-se discordantes face ao afastamento de Pedro Cid e apelam «a quem tenha poderes» no sentido de que o referido jornalista «possa voltar a exercer a sua profissão de jornalista político no espaço informativo a que habituou os ouvintes da Antena Um da RDP».

A declaração produzida pelos cinco elementos do PS assentava em princípios que resumimos:

«As quatro reuniões que o Conselho de Informação para a RDP dedicou ao chamado «caso Pedro Cid» permitiram não só análises muito detalhadas das razões alegadas para o seu afastamento, e do funcionamento e estilo da Informação da RDP como, mais importante do que isso, da própria filosofia que a informação do sector/serviço público da Comunicação Social como o é a RDP deve ou deveria ter» — começam por afirmar, lembrando depois os argumentos aduzidos por José Gabriel Viegas para a suspensão do jornalista.

«O documento desmonta a propósito cada um desses depoimentos, nomeadamente quanto à preocupação que o jornalista deve ter em «estabelecer a distinção entre a notícia e o comentário de forma clara para o público», que o respectivo Código Deontológico acolhe na alínea i) do capítulo I não colide com o estilo imprimido ao trabalho jornalístico de Pedro Cid. A intervenção deste jornalista no noticiário das 23.30 horas assume desde há muito um espaço de características extremamente próprias e específicas, significativamente diversas do conteúdo do restante noticiário daquele espaço informativo. O estilo extremamente pessoal, a sua voz característica e facilmente reconhecível, a própria circunstância de o início do seu trabalho ser na esmagadora maioria dos casos antecedido da difusão do seu nome conferem-lhe e autorizam-lhe um cunho subjectivo que se concretiza na difusão de notícias seguidas por vezes de observações ou comentários pessoais. Frequentes vezes, aliás, a intervenção deste jornalista naquele noticiário foi antecedida da expressão «Página política de Pedro Cid», circunstância que reforça ainda esse argumento.

«De resto, o que se impõe ao jornalista e aquilo que o Código Deontológico estipula não é a proibição de difundir notícias misturadas com comentários, mas sim, e apenas, uma forma de o fazer que leve o público a não distinguir onde acabam e começam umas e outras.

Dois pontos importantes

«Reconheça-se ainda dois pontos importantes: em primeiro lugar, a circunstância de só em alguns dos

exemplos de casos que justificaram o afastamento de Pedro Cid, citados pelo director da Informação, se poder falar de conjugação de uma notícia com uma opinião subjectiva do jornalista. Em segundo lugar, o facto de intervenções deste tipo serem frequentes em outros espaços informativos da RDP, nomeadamente nos relatos das sessões parlamentares ou nos «comentários internacionais» do jornalista João Soares, ainda que estes estejam mais claramente identificados».

Quanto à compatibilidade entre o trabalho de Pedro Cid e o serviço público que a RDP deve prestar os socialistas relacionam-na com o noticiário no seu conjunto.

«Não tem sido norma na RDP, desde sempre aliás, impedir que, em casos bem identificados, como é o de Pedro Cid, os seus jornalistas possam veicular algumas opiniões de carácter subjectivo desde que isso aconteça em situações pontuais justificadas e, sobretudo, desde que fique bem claro que emitem a sua opinião e não a opinião da empresa para que trabalham. As características específicas do trabalho do jornalista Pedro Cid e o seu incontestável prestígio entram claramente neste âmbito.

As fontes de informação

A terceira acusação dizia respeito à não citação das fontes de informação. Consideram os cinco socialistas que são frequentes, de facto, os casos em que Pedro Cid não revela qual a sua fonte de informação, preferindo referi-la apenas com expressões que não permitem a sua identificação completa, por exemplo, «alto dirigente», «fonte governamental», «fonte do PSD», «importante dirigente social-democrata», «círculos militares», etc.

E mais à frente: A legislação da Informação é muito clara acerca desta matéria. O Artigo 5.º da Lei de Imprensa e o Artigo 8.º do Estatuto do Jornalista estipulam taxativamente que «os jornalistas não são obrigados a revelar as suas fontes de informação, não podendo o seu silêncio sofrer qualquer sanção directa ou indi-

recta» e que «os directores e as empresas de Comunicação Social não poderão revelar tais fontes quando delas tiverem conhecimento, salvo consentimento expresso do interessado». Por outro lado, o Código Deontológico na Alínea c) do seu Capítulo I prevê o segredo profissional e a não divulgação das fontes de informação entre os próprios deveres dos jornalistas.

«A garantia do sigilo profissional está pois consagrada de forma total e absoluta, o que de resto acontece em muitas poucas legislações do Mundo.

Por outro lado, considera-se no documento que «o sigilo da fonte é muitas vezes, como se sabe, a única condição para a informação ser dada.

«Resta saber que a RDP entende ser preferível ter muitas notícias em primeira mão, não se sentindo na obrigação de revelar as suas fontes de informação ou se prefere, no estilo incontestavelmente mais oficioso, abster-se de divulgar ou mesmo de procurar essas notícias se, por compromisso com as suas diversas fontes de informação, não puder revelá-las.

«A prática dos noticiários da RDP tem sido na generalidade a primeira. Poder-se-á afirmar que o afastamento de Pedro Cid corresponde à deliberação de mudar de estilo. Pareceria, no entanto, mais correcto que todos os noticiários e não apenas os de Pedro Cid enveredassem por esta nova concepção e que, igualmente, se tivesse o mesmo cuidado com as chamadas «fontes oficiosas» ou governamentais dos diversos Executivos que se vêm sucedendo tutelando a RDP de forma directa e tão evidente.

Sobre a possibilidade de manipulação e impunidade do jornalista considera o documento:

«A melhor forma de aferir a qualidade ou o rigor da informação é medir as suas consequências. Por este prisma, a posição do jornalista, mau grado se poderem incontestavelmente encontrar alguns exemplos de textos menos rigorosos, não parece facilmente atacável.»

Afinal porquê agora?

«Afinal, que justifica agora esta decisão? — perguntam os cinco membros, respondendo: «É uma pergunta que, por nossa parte, fica sem resposta, mesmo se muitos a encontram numa tentativa encetada pela Direcção de Informação para se manter no lugar, numa altura em que se procede a uma mudança de responsáveis em alguns órgãos do sector público da Comunicação Social».

Além disso há a considerar «o próprio prestígio e capacidade profissional do jornalista em causa. Há poucas semanas, o director de Informação propôs a promoção de 18 jornalistas ao 3.º Grupo, dos quais 2 ao respectivo escalão B, o mais elevado da carreira profissional. Um destes 2 era o jornalista Pedro Cid, o que traz inquestionavelmente o reconhecimento justo e elucidativo do seu mérito e capacidade».

«Em terceiro lugar, a forma como foi feito, sem qualquer consulta ou informação ao conselho de redacção.

«Em quarto lugar, pelo que representa de contraste em relação à actualização da direcção de Informação face a outros jornalistas. Desde há muito que é notória, por exemplo, a declarada propaganda feita pelo jornalista Jorge Alexandre nos noticiários do fim-de-semana a todas e

quaisquer actividades das mais diversas estruturas do CDS, conforme foi de resto várias vezes referido neste conselho e ao próprio director de Informação sem que, pelo menos até há poucos dias, nada tenha mudado.»

Em contrapartida, o silenciamento de Pedro Cid «prejudica a RDP e a opinião pública que justamente o distinguia e apreciava e envergonha quem o determinou. É injustificável e injustificado, mesmo para quem não aprecie o seu estilo ou nele encontre, o que é legítimo em alguns textos, demasiado pendor subjectivo. Ora, são outras como se sabe a opinião e a orientação do nosso partido, mau grado, por exemplo, no chamado «caso Rui Dias José», ou no próprio afastamento de Pedro Cid em 1979, terem sido utilizados argumentos muito próximos dos que aqui aduzimos.

E a terminar os cinco elementos deixaram um apelo em dois pontos: 1) para que o jornalista Pedro Cid possa voltar a exercer a sua profissão de jornalista político no espaço informativo a que habituou os ouvintes da Antena 1 da RDP.

2) para que sejam profundamente alterados os estatutos das empresas públicas da Comunicação Social de forma a que termine a profunda dependência dos responsáveis pelo conteúdo da Informação perante o poder político, que conduz a que se possa dizer, sem exagerar um milímetro que, de todos os jornalistas afastados desde sempre dos seus postos nos órgãos de Comunicação Social do Estado, nem um foi acusado de manipular a informação a favor dos Governos que se sucederam na sua tutela.»



COMMISSIONISTAS

Grande Armazém do Distrito de Braga,

especializado em roupas de cama, pretende 2

comissionistas para trabalharem nas Beiras

e Alentejo.

Resposta a este jornal ao n.º 9901

1983

concurso

DL

N.º

Boletim de identificação do concorrente

(Preencher com letra bem legível, indicar o nome como figura no seu bilhete de identidade)

NOME _____

MORADA _____

TELEF. _____ CÓDIGO POSTAL _____

Vendedor ou estabelecimento onde adquiriu os jornais

NOME _____

MORADA _____

Preencha as duas partes do boletim (não corte, nem separe)

juntar os cupões n.ºs 1 a 30 e enviar para **DIÁRIO DE LISBOA - CONCURSO**
RUA LUZ SORIANO, 44
1200 LISBOA

1983

concurso

DL

N.º

Talão recibo (deve ser igualmente preenchido)

Selo de 16\$00
para devolução

Prenda só
por uma ponta
sem inutilizar

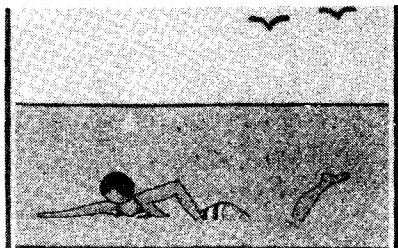
NOME _____

MORADA _____

CÓDIGO POSTAL _____

Este talão serve apenas para informação do concorrente no que respeita ao número que lhe foi atribuído, não constituindo prova de que a colecção de cupões enviada esteja nas condições previstas no regulamento, o que só será apurado na altura do sorteio.

**SE nada pouco
ou tem câibras
não se afaste da praia**

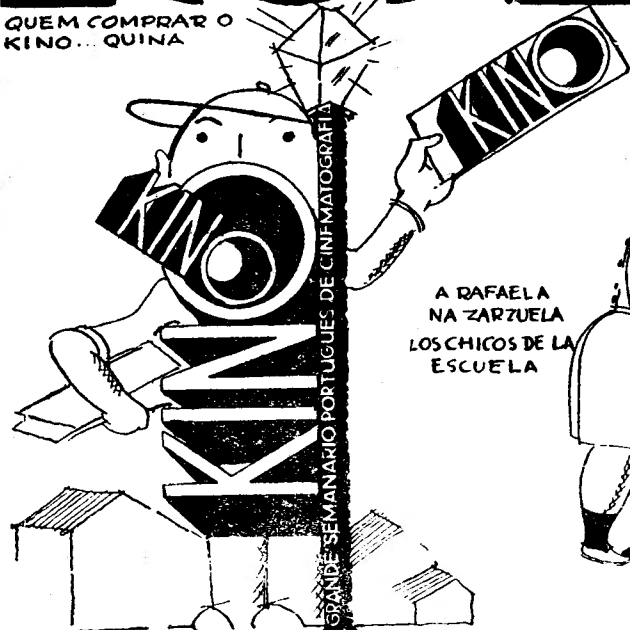


Concurso DL

3.º Álbum SEMPRE FIXE

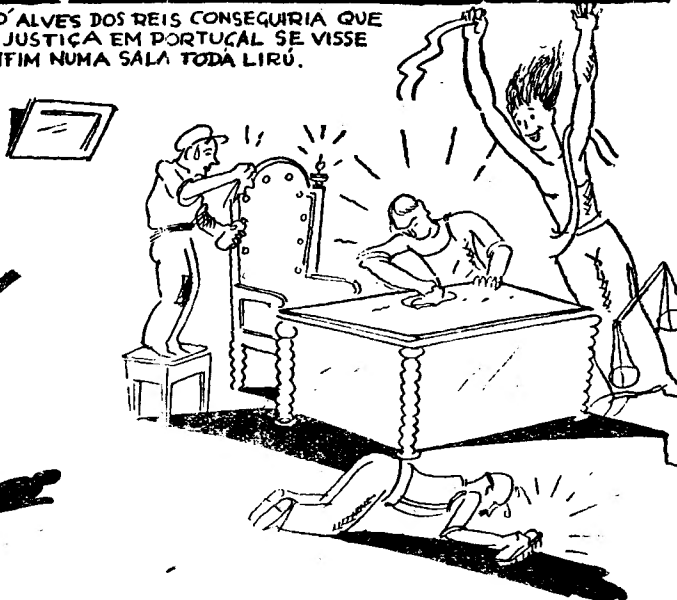
ECOS DA SEMANA

QUEM COMPRAR O KINO... QUINA

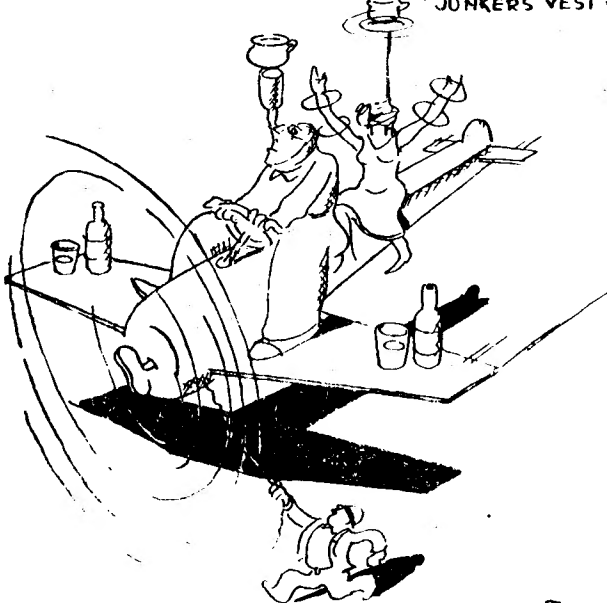


A RAFAELA NA ZARZUELA
LOS CHICOS DE LA ESCUELA

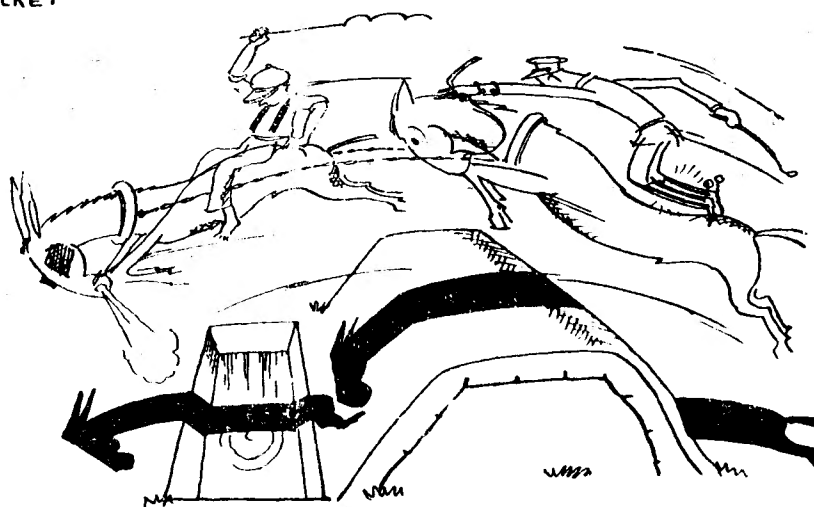
SÓ ALVES DOS REIS CONSEGUIRIA QUE A JUSTIÇA EM PORTUGAL SE VISSE ENTIM NUMA SALA TODA LIRU.



VAN VLOTEN E MARIA DE LOURDES FAZEM ACRO-BACIA NUM "JUNKERS VEST POCKET"

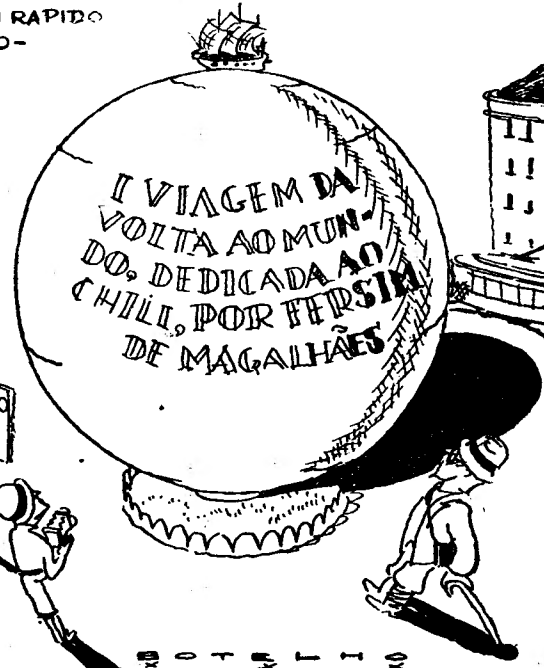


DEPOIS DE NICE, OS ESFALFAMADOS CAVALOS PORTUGUESES TERÃO DE FUTURO DE SALTAR DE SÓTA... E AS COM SORTE.



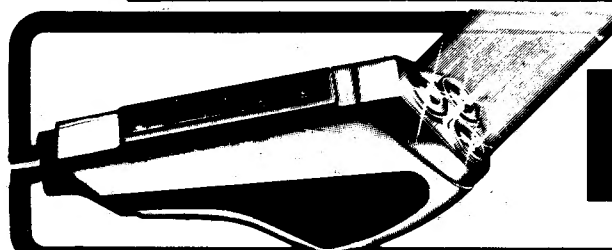
DEPOIS DO TERRENO TER SIDO CONVENIENTEMENTE ADUBADO COM NITRATO DO CHILI FOI LANÇADA A SEMENTE PARA O MONUMENTO A FERNAO DE MAGALHÃES. ESPERA-SE UM RAPIDO CRESCIMENTO-

UM TUFÃO DE PELE VERMELHA ARRIPIOU A PELE PORTUGUESA A 99.999 KM. A HORA



117

RECORTE POR AQUI



Philishave o barbear total

PHILIPS



3.º Álbum SEMPRE FIXE

Concurso DL

ELOS DA SEMANA

O SALÃO
DOS
INDEPENDENTESTEMOS
ARQUITECTURA
SCULPTURA
PINTURA
DESENHO
DE CENÁRIO
POESIA E
MÚSICAVAI ABRIR UM SALÃO
INDEPENDENTE COM PORTA
PARA A ESCADA, NA RUA
BARATA SALGUEIROPARTIRAM VELEIROS A PESCA DO FIEL AMIGO.
ESPERA-SE LARGA COLHEITA EM VIRTUDE DO ISCO
SER FEITO COM BATATAS E AZEITE QUE TEM GRAN-
DES AFINIDADES COM ESTE BARBATACEO.POR GOULETTE E MARCHESSEAU FOI
PROVADO MAIS UMA VEZ QUE A
AVIAÇÃO AINDA TEM MUITO DE
PEDESTRE.CONTINUA A
PROPAGANDIA
PACIFICA NA ÍNDIAA NOSSA MARINHA?
DANTES AINDA HAVIAM NAUS PARA
DESCOBRIR OS BRAZIS MAS AGORA...HOCKINHAGEM
AQUI VEM OS LEITORES A SOBERBA TÁTICA
PORTUGUESA QUE NOS VAI LEVAR A VITÓRIA
LOGO NO 1.º DESAFIO COM INGLATERRA

B O T E L H O X

118

NISSAN DATSUN URVAN

ENTREPOSTO

Praça José Queirós, n.º 1
1899 LISBOA CODEX
TEL. 31 40 61

AINDA ... O SEU MELHOR INVESTIMENTO



NISSAN

CONCESSIONÁRIOS
EM TODO O PAÍS

política de A a Z

Dez anos depois do dia primeiro

Os militares de Abril sentem-se vítimas de incompreensão e de ingratidão. Eles não quiseram o Poder. Deram ao País e ao mundo um exemplo de desapego ao Poder. Eles batiam-se por três ideias simples: democratização, descolonização, desenvolvimento. Eles não queriam privilégios, honrarias, homenagens. Mas queriam consideração pelo seu acto nobre, patriótico. Queriam justiça — para as suas intenções. Justiça na avaliação pública das suas ingenuidades, erros e falhas.

Disse-o ontem, num discurso claro, de uma grande firmeza, o capitão de Abril, tenente-coronel engenheiro Fisher Lopes Pires. E quem o ouviu terá compreendido que o discurso era pensado, medido, e representava uma opinião partilhada. Não era o desabafo de um homem, mas a voz de um corpo — a voz dos capitães de Abril.

Maior a gravidade do discurso — e pesadas foram igualmente as breves palavras do capitão de Abril, major Vasco Lourenço — por ter sido proferido numa cerimónia solene a que presidia o Chefe do Estado. E mais significativa a amargura do que foi dito na cerimónia, e em comentário do circunstancialismo que rodeou a cerimónia, porque ontem comemorava-se o 10.º Aniversário dos inícios dos trabalhos revolucionários que culminaram na acção libertadora de 25 de Abril de 1974.

Houve quem tenha querido alhear-se da cerimónia e houve quem tivesse sido impedido de nela comparecer. Curiosíssimas atitudes que são sintomáticas de uma grave crise institucional, moral e política. Crise de relações entre democratas civis e militares democratas que é alimentada por uma mistura fétida de ambições, intrigas e revanchismos. E que, no fundo, como as negras nuvens transportam no seu seio temporais que os meteorologistas não controlam, estes temporais cívicos que podem inrromper dos erros políticos, são mais do que perigosos, são verdadeiros de-

safios à consolidação das instituições democráticas num país que conheceu meio século de tirania e que fez a mais suave das revoluções.

As forças e os interesses de «direita» — os que nada esqueceram e nada aprenderam — parece terem conseguido uma manobra de cerco e de domínio que abarcou um largo sector popular, democrático e antifascista. Os «brancos costumes» e os «rápidos regressos» fizeram o resto. O «restauracionismo» está aí: nos hábitos velhos que se renovam, nos privilégios que ressuscitam, nas redes de interesses que se reconstituem.

A «corrupção política» acompanha a «corrupção material». A sociedade portuguesa está doente. A «classe política» que ameaça instalar-se como ditadura parlamentar ignora o 25 de Abril e ofende os capitães de Abril a pretexto de «civilismo». De uma supremacia de valores cívicos que é um primeiro atentado à unidade nacional afirmada, como factor determinante da construção democrática, e que logo tomou a forma de aliança patriótica dos cidadãos democratas, fossem eles civis ou militares.

O militar democrata é um cidadão a quem a Nação confia armas para a defender. E para defender não só o território nacional, a liberdade e a independência da Pátria, como as liberdades concretas, as instituições democráticas, a ordem constitucional que resultou do compromisso histórico de 25 de Abril de 1974.

Mais do que uma revolução militar, o 25 de Abril representando da parte dos militares democratas, a anulação das consequências directas e indirectas, do movimento reacçãoário de 28 de Maio de 1926, constituía as Forças Armadas pela acção dos capitães de Abril, em o fiel da nova ordem democrática.

Vanguarda de resgate, os capitães de Abril assumiram um compromisso histórico. As Forças Armadas constituíram-se garantes da legalidade democrática.

Não se iludam, porém, os que pretendem ignorar Abril e os capitães de Abril. A dez anos de distância da arrancada para a libertação nacional, está viva, com a noção inteira da responsabilidade histórica, a chama do ideal e a confiança na possibilidade de vencer esta crise.

Memórias da Guerra de Espanha «A Derrota» (conclusão)

Varela Gomes

A odisseia de Pedro Rocha nos campos de internamento em França, é bastante mais prolongada e tormentosa que a que suportou Mário Fernandes. Dois anos e meio, debaixo da «protecção» das autoridades francesas. Um inferno! O campo de Gurs foi evacuado já com o exército invasor alemão nas proximidades. Novamente para os areais de Argelès. A determinada altura, este campo é cercado pela tropa e pelos «vaches noires» (guardas móveis) e centenas de detidos são embarcados à força, para irem trabalhar na construção do caminho-de-ferro do Sara. Escravos no século XX! A revolta e determinação dos internacionais — que tinha por detrás a exemplar organização dos comunistas — embora os tivesse salvo do Norte de África, levou à sua dispersão por outros campos. Vernet d'Ariège: um autêntico campo de concentração, fome e frio, brutalidades carcerárias, milícias fascistas de Vichy, frequentes mortes por deapauamento físico. Pedro Rocha só se consegue safar com vida, inscrevendo-se voluntário — com o acordo da direcção comunista — para trabalho na Alemanha. No interior do império nazi passa um ano (Junho 1941 a 42). Primeiro na IG Farben, em Bitterfeld, como carregador, dez horas de trabalho diário. Mas havia comida! Embebedou-se de enchidos, de marmelada, de leite. Outros seis meses em Berlim, numa situação mais confortável obtida fortuitamente, tarefas de escritório numa editora, razoável salário, até uns biscautes na rádio, que não recusou para não levantar suspeitas. Mas logo que lhe foi possível invocar a necessidade de vir a Portugal, para visitar os pais, nem olhou para trás. No Verão de 42 desembarca em Sintra, do avião de carreira da Lufthansa, como um senhor em férias, passaporte português com todos os carimbos em ordem.

Bom, mas Portugal fascista não era propriamente o paraíso,



para um homem com o currículo político de Pedro Rocha. Entra em contacto com os amigos do partido, para descobrir que existiam dois pé-cês. Fase de cisão e troca de recíprocas acusações. Sente-se perseguido, vive na semiclandestinidadade. É denunciado, e preso pela Pide, em Dezembro de 1943. A sorte bafeja-o, fica detido só mês e meio, não vai parar a Peniche, nem ao Tarrafal. Meses depois — Maio 44 — «auto-exilia-se» para Angola, conforme escreve. Com a Pide nos calcanhares, criando-lhe dificuldades na obtenção de emprego. Ainda consegue manter-se cerca de dois anos num organismo para-estatal, Brigada de Construção de Casas do Estado — BRICON, mas a sua nomeação definitiva é boicotada pela polícia.

Transfere-se para Brazzaville, e aí, durante 14 anos, é locutor da RTF.

Ganha bem. Passa férias na Europa e Médio Oriente. E também Portugal. Onde é nova-

mente incomodado pela Pide (1956) por ter visitado a Jugoslávia. Os noticiários em português de Rádio Brazzaville tornam-se famosos. De tal modo que o governo salazarista apresenta protestos diplomáticos em Paris exigindo a sua suspensão; no último, o nome de Pedro Rocha é apontado textualmente. Em fins de 1959, a peregrinação pelo mundo deste português universal leva-o para outro continente: Brasil. Em quase todos os negócios que empreende, a má-sorte não o larga. Acaba desempenhando tarefas jornalísticas no «Estado» (como é conhecido o império de imprensa do «Estado de S. Paulo»). Logo a seguir ao 25 de Abril oferece, por carta, os seus préstimos profissionais, ao MFA. Sem resposta. Em 1976, regressa à Pátria, esperando em que a jovem democracia portuguesa, governada pelo «socialista» Soares, não o deixaria na fossa. Mas foi exactamente isso que sucedeu. A derrota da última ilusão.

Os leitores deste apontamento biográfico estavam avisados, desde o início, que ele iria ser feito a «voz de jacto». Apesar do aviso, receio que a velocidade tenha sido excessiva, e se encontrem agora, no fim do percurso, um pouco estorpidos. Não é, de facto, brincadeira nenhuma tentar captar em meia-dúzia de colunas jornalísticas, uma vida agitada, descrita pelo próprio em cerca de mil páginas dactilografadas.

Não duvido que os leitores sentiram a insuficiência do resumo, desejariam o desenvolvimento de diversos pontos abordados, suspeitam de pormenores substanciais que nem referenciados foram. É verdade. Mas só há uma maneira de a todos satisfazer: a publicação integral do manuscrito de Pedro Rocha. Aqui fica o desafio aos editores, aos responsáveis pelas várias instituições do património histórico.

Continua na pág. 18

ponto a ponto

O dirigente do PS António Campos afirmou que estão criadas as condições «para serem ultrapassados de vez» os diferendos entre a maioria e a tendência afecta ao ex-Secretariado do Partido. No final da reunião da Comissão Permanente do PS — em que Mário Soares fez uma análise da situação política — António Campos disse que esse superar de divergências corresponde «a um desejo de ambas as partes, uma vez que são guerras passadas e os motivos que as originaram já foram ultrapassados». António Campos confirmou que, neste sentido, estão em curso «demarchos» para que no próximo congresso do



partido seja apenas apresentada uma lista para os órgãos nacionais. A preparação do Congresso foi, de resto, um dos pontos da ordem de trabalhos da reunião de hoje.

A comunidade islâmica de Lisboa celebra no dia 18 uma das mais importantes datas do calendário islâmico, que é o fim da peregrinação a Meca. A comemoração realizar-se-á de manhã na mesquita em construção na Praça de Espanha, segundo informação do presidente daquela entidade, Suleiman Vally Mamede. A cerimónia assistirão todos os membros do corpo diplomático dos países islâmicos em Portugal, referiu a mesma fonte. Id'l-Quibir, a comemoração do fim da peregrinação a Meca, rivaliza em importância no calendário islâmico com o fim do Ramadão.



O Primeiro-Ministro Mário Soares, manifestou ao contra-almirante Almeida e Costa, a sua solidariedade e a do Governo, na sequência do tufão que assolou Macau. Mário Soares entrou em contacto com o governador de Macau, e solicitou mais elementos sobre o temporal, tendo sido informado de que «a situação não é tão caótica como inicialmente era previsto». O tufão «Ellen» assolou Macau, verificando-se rajadas de 150 quilómetros e ventos médios de 93 quilómetros por hora. Não se registaram acidentes mortais, mas os prejuízos materiais são múltiplos: árvores derrubadas, viaturas destruídas, andaimes de madeira caídos e telefones avariados.

O presidente do Governo madeirense reunirá dia 20, em Lisboa, com o Primeiro-Ministro, Mário Soares. Alberto João Jardim vai acertar com Mário Soares o programa da visita que o Primeiro-Ministro efectuará entre os dias 22 e 25 à região autónoma. Mário Soares e diversos ministros tratarão, no Funchal, das questões ainda pendentes entre os executivos central e regional. Uma fonte contactada pela ANOP adiantou que os assuntos pendentes relacionam-se com as pastas da Justiça, Transportes, Equipamento Social, Mar, Educação, Finanças e Comunicação Social.



O presidente do Parlamento açoriano, Álvaro Monjardino, manifestou-se esperançado de que a visita aos Estados Unidos do Presidente Eanes acelere as negociações com vista à renovação do acordo das Lajes. Em declarações à ANOP, prestadas em Angra do Heroísmo, Monjardino mostrou-se apreensivo pelo atraso verificado na renovação do acordo e por, ao contrário do anunciado, o prosseguimento das negociações, previsto para este mês, estar em vias de ser adiado para Outubro próximo.

Mira diz. "Não" ao nuclear e interroga:

Porque não instalam a central em Nafarro ou na Quinta da Marinha

«Se tentarem construir aqui a central levanta-se logo um pé de vento danado». E o povo tem força para se opor firmemente? «Ah! O povo tem muita força e há muita arma por aí se for preciso».

Mais do que outra coisa, o dono daquele pequeno restaurante da praia de Mira quer provar, na lógica do seu pensamento, que a força vem da razão. «Então, nunca nos deram nada de bom...nem pensar.» Mostra-se firme e determinado. Não tem compleição atlética, não, antes pelo contrário, mas sabe do vigor do povo donde emanou. «Não conseguem» — repete. E os olhos dele como cintilam.

Armindo Gato, outro pequeno industrial de hotelaria, também não

Lá fora, nas ruas, o movimento é reduzido. O Sol, no zénite, deixa a gente em brasa, apesar de Setembro, fim da festa solar. O caminho é, pois, a praia, ainda merecedora das loas que lhe teceu Raul Brandão em «Os Pescadores». A vaga está alta, é certo, mas a fimbria do mar chama um ror de gente. Olhem aquela coluna maciça de veraneantes, entre o tempo e o deleite, especada à frente das vagas. Reparem como ganham forças para novo ano de trabalho. E atrás, os corpos estirados ao Sol, como lagartos, e a pequenada a cabriolar.

E aquele velho ali, calças arregaçadas, só até meia perna, camisa xadrez, pingando o corpo sobre o bordão, olhem como lhe agrada. E aquelas mulheres, um pouco atrás, sobre a manta estendida, tachos ao lado, vestidas como se estivessem no campo ou na igreja, apenas descalças (santo pudor!), cavaqueando, enquanto os filhos ou netos chapinam na babugem, vede como elas gozam. E aquela jovem loira, pele leitosa, de longe — talvez holandesa ou alemã ou mesmo francesa, pois é destas proveniências que vem o maior caudal de turistas para Mira — ela ainda agora aqui chegou e já está ali na frente, contemplando o companheiro que afronta as vagas.

Era o fim

E se a central nuclear é instalada nestas bandas, como o estudo do Ministério da Indústria prevê? Já pensaram? «Era o fim completo desta praia» — diz-me aquele jovem entroncado, barba aguçada, entre a contemplação da paisagem e a frustração do mergulho que a nortada proíbe. Mas os riscos não recaem só sobre a praia de Mira. Há mais oito que para Norte e para Sul se estendem numa linha de 50 quilómetros: Figueira da Foz, Buarcos, Murraceira, Quiaios, Tocha, Vagueira, Costa Nova e Barra (em Aveiro).

Irão todas estas praias correr riscos?

Não o sabem os mirenses, que, de resto, na sua maioria, tem pouca ou nenhuma informação sobre o assunto. Vejamos aquela mulher que ali está à beira da estrada, à saída da praia para Mira, junto de grandes abóbora, camisete e saia preta, desbotada, lenço também preto na cabeça onde três moscas se passeiam, sugando. «Boa tarde, então vem para aqui uma central nuclear? — disparo para ver a reacção. E ela: «A gente não sabe nada de nada, senhor». Já ouviu falar, sim senhor, «mas isso é lá para Mira» (que fica a sete quilómetros dali). E será bom para os agricultores?

«A gente sabe lá o que é bom e o que é mau, a gente não sabe». Assim fala Alexandrina Domingues, 67 anos, apenas dois dentes na frente. Criou nove filhos e não teve tempo de ir à escola porque trabalha na terra desde

que nasceu. «Vá lá desde que cresci» — rectifica. Para junto dela chega-se uma mulher jovem, de preto, também trajada. «Diz alguma coisa ao senhor» — despacha ela.

É filha? — pergunto. Alexandrina Domingues abre um sorriso, feliz, sem palavra. E, ela, a filha, não tem papas na língua: que não senhor, que a gente tem aqui muito sol e que não precisa do nuclear para nada. «Os homens dizem que é preciso mas a gente não quer, o povo não quer».

«Os homens?» — interrogo-me.

«Sim, os homens, os que pensam e mandam nessas coisas».



João Maltês, pescador, não sabe o que é uma central nuclear, mas «se for para melhorar a nossa vida...»

E foi-se à vida, à recolha do gado. Boa tarde e obrigado. É o declinar do dia.

Mais adiante, seguem um homem e uma mulher, a passo marcado pelos bois que puxam a carroça. Saberão da notícia da central? «A gente ouviu falar, mas o povo não consente?» — diz ele, 70 anos de moireja no mar e na terra. «É mau pra terra» — ajuda a mulher que de imediato se põe em receio como a querer apagar as palavras. Medo de falar? Será que o espectro fascista ainda trava a língua? Claro. Ela teve medo da sua opinião. Por isso a esbate logo a seguir. «A gente só ouve falar, ao certo não se sabe nada, foi o que a gente ouviu». Mavília do Nascimento, ela, José Sérgio, ele, que antes de se desviar para outra estrada desabafa: «Aqui, a gente ainda anda às escuras».

«Isso é uma doca?»

Agora vamos até à praia de novo, para norte da Capelinha, para a zona da pesca, que Mira é também terra de pescadores. Lá estão os bois, os homens e as mulheres envolvidos num processo secular e inalterável — a pesca à xávega. Os barcos descançam no areal, os bois andam abaixo e acima, puxando as redes.

«Andai rapazes» — grita um dos homens para os bois. Eles puxam com mais força, enquanto a outra junta vai pegar no cabo, mais abaixo, junto do mar. Para cada rede, são quatro juntas de bois, duas em cada ponta. Lentamente lá vem a rede, cheia ou sem nada, ninguém sabe. Duas

horas depois de ter começado a operação, é que poderão ver, quando o fundo da rede estiver ali debaixo d'olho.

«Volta, olhe aí o boi, cuidado que ele é fresco». — João Maria Maltês, varapau na mão, 58 anos de trabalho a fio no mar, orienta os bois abaixo e acima. Sabe o que é o nuclear? «Não sei». — Responde ele. «Se for para melhorar a minha reforma de sete contos, sim» — para isso venha a central, quer João Maltês dizer. Enquanto anda abaixo e acima, fala com os bois como se falasse com gente. «Volta castanho» — ele, o boi, vira mesmo. «Está a ver, eu digo-lhe e ele volta, este é o castanho, aquele é o vermelho — estão habituados».

tem dúvidas: «Quando vierem marcar o terreno, se o fizerem, vai haver muita zaragata». E justifica: «O pescador daqui é muito unido e quando se juntam, alto lá com eles».

José Manuel Alcaide, fotógrafo, parece ainda mais seguro: «De certeza que não colocam aqui a central. As pessoas não são desordeiras, mas contra uma coisa dessas, de certeza que vão lutar até ao máximo das suas forças, isso garanto-lhe».

Hoje, é assim em Mira. Quem sabe muito ou pouco sobre a matéria opõe-se determinantemente. Quem não sabe, deixa falar os outros.

De cima do carro, Zé Maria, calção riscado, camisa castanha, óculos baços, boné, desce. «Eu cá por mim não venho nuclear nenhum para cá». E sem tirar os olhos da rede grita «Eh! bota para cima». Retoma: «Falam nisso da central, mas a gente não quer». E, com um 'desculpe não lhe poder dizer mais por causa da ocasião' volta para cima da carroça.

Quatro quilómetros a norte deste lugar, por trás das dunas, dizem, será o sítio para a falada central nuclear.

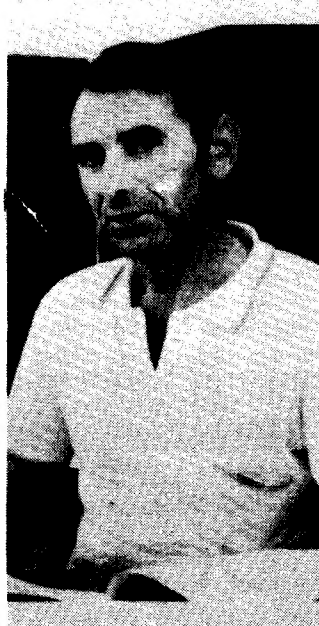
«Não sei, sou de Lisboa»

E os mais jovens, o que pensam? Numa gelataria da praia de Mira, a 'empregada', (filha do proprietário) diz-me que sim, que acha que a central vai ser construída aqui. E o que pensa disso? «Não sei, não sou daqui, sou de Lisboa». E pronto, esfrega as mãos. O perigo, se o há, não é consigo.

Cristina sim, preocupa-se, mas não acredita. É da terra e prefere a incredulidade à chaticie. «Não acredito que estraguem isto, pá». Bom, mas não sabem quem é a Cristina. Ela é estudante (12.º ano) e nas férias trabalha na recepção de uma residencial da praia de Mira. Franjinha a escorrer pela testa, sorriso largo, permanente, parece despertar de um sonho: «Essa coisa do nuclear não é a sério, pois não?». Os estudos existem, digo-lhe eu. «Então vão acabar com isto, praia maravilhosa, terra fértil, a brotar por todo o lado...»

Uma só freguesia

Mira, concelho, não é mais que uma única e extensa freguesia — cerca de 122 quilómetros quadrados — com o mesmo nome. Concelho pobre, vive essen-



João Cupido, presidente da Câmara de Mira

cialmente da agricultura. Tem de rico o nome que lhe deu origem: Emir ou Mir (príncipe), como lhe chamavam os árabes que a habitaram in illo tempore.

E se a mata extensa também é rica, separando a costa do interior, pobre e dura é, de uma maneira geral, a vida dos seus 13 000 habitantes.

Quem entra no centro da vila quase nem dá por isso. É que Mira não tem centro, cresceu sem espinha dorsal. Está a cerca de trinta quilómetros quer de Aveiro, quer da Figueira da Foz, é terra de passagem. E mesmo assim, neste campo, as estradas ajudam pouco... de resto, aquilo a que chamam 'centro', onde está a Câmara e a Igreja matriz (séc. XVII), tem um aspecto desolador. Tudo parece resumir-se a isto: Mira dá o nome à praia,

mas é esta que faz Mira. Que não tem havido planos de urbanização não foi preciso o presidente da Câmara dizê-lo. vê-se ao longe. Muita é a construção clandestina, sobretudo na praia onde sobe a 50 por cento. Agora em fase de aprovação está o plano.

A praia, a mata e as toalhas de água interiores, a barrinha, fazem de Mira um dos sítios privilegiados para o turismo. Mas o investimento tem sido quase nulo. «Parece que empurram tudo para a Figueira» — diz alguém nada ingenuo.

«Estamos a dar os primeiros passos para o incremento turístico, porque é no turismo que está o desenvolvimento do concelho» — é João Cupido, presidente da Câmara, quem o diz.

Contestação e descrença

E, agora, com a ameaça nuclear, como é?

O edil de Mira não hesita: «Todos os nossos projectos ficam cortados à partida. Não podemos pensar no desenvolvimento turístico com a ameaça de uma central nuclear».

No seu entender, a zona de Mira seria a menos indicada, mas reconhece que não tem informações objectivas. Foi também apanhado pela notícia e está à espera da reunião que juntamente com os responsáveis camarários de Freixo de Espada à Cinta, Mértola e Vila Nova de Milfontes irá ter com representantes do Governo. É já na próxima segunda-feira, dia 12, no MAI.

Não sendo um «antinuclear primário», João Cupido (PSD) não acredita que o nuclear seja para já, no nosso país. «O país não tem condições para isso».

Entretanto a câmara já se opôs, por unanimidade (PSD, PS e CDS) à falada intenção do Governo, e à Assembleia Municipal também.

Arminda Calisto, presidente desta Assembleia, é clara: «Seria desastroso para o concelho». Em sua opinião, se a central fosse ali implantada o concelho ficaria destruído do ponto de vista agrícola e ecológico e, em termos turísticos, era a morte completa.

Mais categórico na contestação está o principal elemento do PS na Assembleia Municipal, Narciso Patrão. Primeiro, interroga-se: porque não gastar os 300 milhões de contos de uma central nuclear no aproveitamento hídrico, por exemplo? Não serão os países ricos que estão a rejeitar as centrais nucleares que agora as querem exportar para o Terceiro Mundo, pensando que nós estamos incluídos? Depois, ainda que sobre a forma de pergunta, Narciso Patrão lança uma espécie de reptó: «Então se a central nuclear é tão inofensiva como começam a apregoar, por que razão não a põem na Quinta da Marinha, ou em Sintra, lá para Nafarro?»



Na praia de Mira. Pesca à xávega, uma prática corrente

Comemorações de Abril arrancaram ontem

Militares de Abril cumpriram e abriram portas do futuro

— afirmou Ramalho Eanes

«As promessas de Abril são expressão da vontade nacional. Por isso se mantêm válidas hoje, depois de terem sido confirmadas e legitimadas pelos portugueses em todas as eleições, sem excepção» — afirmou ontem o Presidente da República, general Ramalho Eanes, ao

discursar na sessão solene inaugural do ciclo de comemorações do X Aniversário do 25 de Abril, que se realizou no Forte do Bom Sucesso por iniciativa da «Associação 25 de Abril».

Centenas de militares — quase sem excepção lá se encontravam os nomes mais destacados de Abril — encheram por completo o funcional salão do Forte do Bom Sucesso, emoldurado com incontáveis cravos vermelhos. Ouviram e aplaudiram as intervenções do major Vasco Lourenço (presidente da Comissão Instaladora da Associação), do tenente-coronel de engenharia na reserva Fisher Lopes Pires, do prof. dr. Luís Albuquerque e do general Ramalho Eanes. Reafirmaram os ideais de Abril e a sua confiança no futuro deste país que é o nosso. Mas a sua indignação não tinha limites pelo que souberam logo no início da sessão: por imposição do dr. Mário Soares e do prof. Mota Pinto, enquanto líderes do PS e do PSD, o Presidente da Assembleia da República, eng. Tito de Morais, que havia anteriormente confirmado a sua presença, não «pôde» comparecer. Enviou um telegrama pessoal a cumprimentar e a felicitar os militares de Abril...

Promessas cumpridas

Ramalho Eanes começou por lembrar que «há dez anos, quando se reuniram alguns oficiais das Forças Armadas Portuguesas para fazerem uma primeira apreciação conjunta de problemas que viviam, poucos terão sido os que anteciparam a importância histórica desse encontro». Referiu que «após dez anos

do seu compromisso nacional, não obstante as tentativas feitas, de diversa origem, para desviar o percurso político do caminho originalmente prometido».

Eanes sublinhou igualmente que «sobre a responsabilidade democrática dos militares não seria legítimo que tivessem subsistido dúvidas depois do 25 de Novembro», adiantando que «na sua especial e delicada função de órgão de soberania político-militar, o Conselho da Revolução soube contribuir de modo exemplar para que as indicações de voto dos portugueses fossem respeitadas», insistindo que «a consolidação democrática e a descolonização foram os dois grandes domínios da política nacional onde mais directamente se fez sentir a acção dos militares. Ramalho Eanes realçou depois que das promessas de Abril continua por cumprir aquela que, por ser mais complexa e mais global, menos dependente poderia estar de qualquer grupo social específico, e, por maioria de razão, menos dependente poderia estar na acção dos militares. O desenvolvimento económico» — acrescentou — «é um programa que envolve toda a sociedade, todas as capacidades e meios, todos os interesses sociais».

Além de lembrar os efeitos dos preços do petróleo e das crises económicas internacionais na situação interna portuguesa, Ramalho Eanes acrescentaria que entre nós «a luta



Melo Antunes, Emídio Guerreiro, Vasco da Gama Fernandes, Garcia dos Santos, Álvaro Guerra e Vitot Alves (de costas) ontem à noite no Forte do Bom Sucesso

o progresso sejam realizáveis sob a orientação dos responsáveis políticos».

«Por caminhos complexos» — concluiu — «os militares que se reuniram há dez anos contribuíram para que se abrissem as oportunidades do futuro. Esse será, certamente, o melhor atributo que poderiam desejar para a avaliação que a história fará do seu papel.»

Um apelo

Vasco Lourenço, numa breve intervenção inicial, explicou a razão dos convites feitos para aquela sessão inaugural — a Associação 25 de Abril, disse, quis alargar o âmbito das comemorações, não se confinando aos militares. Agradeceu ao general Garcia dos Santos, ali presente, as facilidades concedidas para que a Associação se pudesse instalar no Forte do Bom Sucesso — passagem aplaudida com calor por todos os militares presentes, no que generalizadamente foi considerado como tendo um significado ainda mais amplo — e acabou formulando um apelo:

«Que as comemorações do X Aniversário do 25 de Abril, agora iniciadas sob a égide da Associação 25 de Abril, bem como todas as demais comemorações que sejam levadas a efeito, contribuam para enaltecer e festejar os benefícios e as vitórias pelo povo português conquistados naquela data histórica; mas que contribuam fundamentalmente para que todos possamos fazer uma correcta retrospectiva destes dez anos decorridos, que nos leve ao renascimento da esperança e, o que falta de Abril, se possa cumprir. Estou certo — concluiu — de que poderei falar em nome dos militares democratas, os militares de Abril, e afirmar que o povo português pode continuar a contar conosco para o servir».

Ingénuos e inexperientes

Antes do prof. dr. Luís Albuquerque, que falou do significado do 25 de Abril e terminou com o voto de que «o espírito do 25 de Abril esteja sempre presente neste Portugal de todos nós», falou o tenente-coronel de Engenharia na reserva, Fisher Lopes Pires.

Foi um discurso belo e emotivo. «Éramos muito ingénuos e inexperientes. Nada pretendíamos para nós e apenas desejávamos derrubar a ditadura, acabar com a inútil guerra em África, permitir que os povos

seguissem os seus destinos e estabelecer em Portugal um regime democrático. Não tínhamos — disse — na generalidade, qualquer experiência política e esse talvez tenha sido o nosso mal (...). O 25 de Abril fomos nós que o fizemos. Disso nos orgulhamos e, sem dúvida, tal constitui a nossa melhor recompensa. Temo-lo no sangue, na carne, vivemo-lo diariamente mesmo quando já desgastados da vida militar e política.»

Na nossa edição de segunda-feira publicaremos na integra a intervenção de Fisher Lopes Pires.

Que país é este?

O inacreditável aconteceu ontem no Forte do Bom Sucesso. Os militares e os civis que ali se deslocaram para participar no arranque das comemorações do X Aniversário do 25 de Abril foram confrontados com um facto verdadeiramente insólito e inqualificável. O Presidente da Assembleia da República, segunda figura da hierarquia do Estado, tinha sido impedido — é o termo — de estar presente. Por quem? Pelas direcções do PS e do PSD, que lhe fizeram «saber» — pasme-se! — que tinham sido os seus grupos parlamentares a eleger-lo e, por isso mesmo, não o autorizariam a representá-los naquela cerimónia.

Não sabemos o que dirão os deputados. Sabemos, sim, da indignação ilimitada que se apoderou daquelas centenas de civis e militares que ontem foram ao Forte do Bom Sucesso. Militares que fizeram o 25 de Abril, que deram a mão a Soares no Verão de 75, militares que têm vindo sucessivamente a serem vexados por quem tanto lhes deve. Ontem à noite, junto da Torre de Belém, ouvi muitos militares em desabafos sentidos, garantirem que vão contar tudo o que sabem. Ouvi militares manifestarem um profundo desprezo por um Primeiro-Ministro que «não passa de um troca-tintas», «um prepotente», «um homem que não olha a meios para atingir os seus fins».

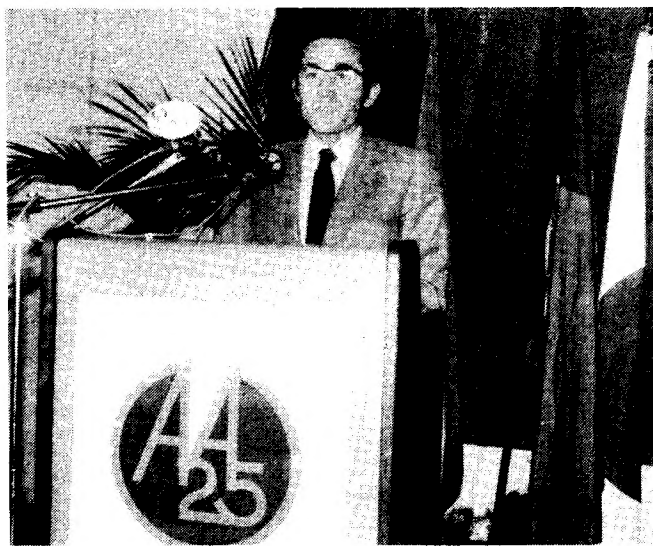
E ouvi também as exclamações de perplexidade pelo triste papel a que se prestou o Presidente da Assembleia da República.

Como é possível — perguntavam — que no Portugal de Abril, que em qualquer país que não seja uma qualquer república de bananas, a segunda figura do Estado se sinta prisioneira de dirigentes partidários que se se julgam donos de tudo e de todos?

Não foi o Presidente da Assembleia eleito pelos deputados, enquanto representantes do povo? Não é o Presidente do Parlamento uma figura digna e independente? Como poderá justificar a sua recusa de estar presente numa cerimónia de Abril presidida pelo Presidente da República?

Que país é este?

Ribeiro Cardoso



Eanes quando fazia a sua intervenção

de guerra colonial, a questão de uma vitória ou de uma derrota militar perdera o seu sentido, pois apenas uma solução política poderia abrir novas perspectivas a um tipo de conflito que transcendia, nos planos interno e externo, as condições de acção militar», acrescentando de seguida que, «das promessas de Abril», a democracia pluralista e a descolonização «são realidades assumidas e indiscutíveis».

«Em ambas» — disse Ramalho Eanes — «o papel dos militares foi relevante e foi, no essencial, cumprido no respeito,

política que se desenvolveu a pretexto da organização económica durante demasiado tempo e sem atender aos avisos feitos e às precauções sugeridas, veio tornar ainda mais preocupante uma evolução económica que exigia rigor, verdade, sentido de modernidade, participação e empenhamento colectivo».

Por fim o Presidente da República, dirigindo-se aos militares de Abril, afirmou que «hoje poderão justificadamente orgulhar-se de terem respeitado as promessas feitas ao povo português criando condições para que o desenvolvimento e

Croker em Lisboa

Estados Unidos reconhecem integridade territorial de Angola

O secretário de Estado-adjunto para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, declarou em Lisboa que os Estados Unidos reconhecem a integridade territorial de Angola e todas as fronteiras africanas herdadas do colonialismo.

Antes de deixar Portugal, aonde chegara na quarta-feira, Crocker afirmou à ANOP que os Estados Unidos não interferem nos assuntos internos de Angola, pelo que não dizem se tem ou não de haver uma aproximação entre a UNITA e o MPLA (conforme o pretendido pelo movimento de Jonas Savimbi).

É certo que tem de haver um diálogo dentro de Angola — acrescentou o secretário de Estado-adjunto — mas Washington não tem posição sobre como ou entre quem é que esse diálogo se deverá efectuar.

A UNITA não é parte, em sentido formal, de quaisquer negociações sobre a Namíbia ou sobre o evoluir da situação na África Austral, uma vez que as negociações só decorrem entre Estados — afirmou Crocker, em resposta a outra pergunta que lhe foi posta durante um encontro com jornalistas.

Os Estados Unidos não desconhecem a existência de apoio externo — sublinhou o secretário de Estado-adjunto, quando interrogado sobre se a UNITA deve ou não ser considerada um desdobramento do potencial sul-africano.

Durante o seu encontro, na residência do embaixador norte-americano em Lisboa, Crocker sublinhou que o assunto da presença de tropas cubanas em Angola é considerado pelos Estados Unidos a chave da situação na África Austral.

Chester Crocker disse que, no processo para a independência da Namíbia, tudo depende do acordo a que se chegar sobre a retirada daquelas tropas cubanas.

Noutro ponto do diálogo com a Imprensa, o visitante declarou que todas as partes devem ser tratadas de igual modo durante o período de transição para a independência da Namíbia, sem que se reconheça qualquer privilégio à SWAPO.

A paz de Moçambique

Por outro lado, afirmou que a paz e a segurança no interior de Moçambique são um imperativo para a coexistência desse país com a República da África do Sul, seu vizinho imediato.

«Esperamos que Moçambique alcance força e segurança» — sublinhou Chester Crocker, que já na quarta-feira reconheceu uma nitida melhoria das relações entre Washington e Maputo, ao longo do último ano.

Durante os dois dias em que esteve em Lisboa, o principal especialista norte-americano nos assuntos de África conferenciou com o presidente Ramalho Eanes, com o Primeiro-Ministro Mário Soares e com outros membros do Governo sobre a situação na África Austral.

Crocker disse num dos seus contactos com a Imprensa que as relações de Portugal com a África são demasiado importantes para que os Estados Unidos desejem consultar periodicamente Lisboa acerca do que se passa naquele continente.

A viagem do secretário de Estado-adjunto verificou-se poucos dias antes da visita oficial que o presidente português realiza na próxima semana aos Estados Unidos.

de ontem para hoje

GF apreende contrabando em Lisboa e Elvas

FORÇAS do Batalhão da Guarda Fiscal de Évora apreenderam na região de Elvas uma viatura e a respectiva mercadoria constituída por material de som, em situação ilegal, avaliados em cerca de mil contos. Com efeito, no interior do veículo foram encontrados 23 rádios, dez rádios-leitores, seis gravadores, quatro compactos, quatro auto-rádios e quarenta auscultadores. Na mesma operação, e segundo a mesma nota do chefe do Estado-Maior da Guarda Fiscal, foram apreendidas dez cabeças de gado, em presumível situação de contrabando, no valor aproximado de 350 contos. Entretanto, o Batalhão da Guarda Fiscal de Lisboa apreendeu um contentor transportado num navio nacional procedente de Nova Iorque, e o respectivo conteúdo, constituído por tabaco americano no valor de 3800 contos.

Caães envenenados com croquetes

Pelo menos meia centena de cães de Porto Salvo (Paço de Arcos) apareceram mortos por envenenamento com croquetes contendo, possivelmente, estricnina — segundo a Liga Portuguesa dos Direitos do Animal. Habitantes da zona foram quase unânimes em afirmar tratar-se de uma iniciativa municipal. Ainda não

nos foi possível contactar os responsáveis pela Câmara Municipal de Oeiras para obter uma confirmação, uma vez que os seus serviços estão hoje fechados. Junto dos animais foram encontrados croquetes preparados de carne, cuja relação com as mortes também ainda não foi oficialmente reconhecida.

Nipónicos convidam leirienses

Os elementos de uma delegação da cidade gêmea japonesa de Tokushima foram ontem recebidos nos Paços do Concelho de Leiria depois de passar por uma guarda de honra constituída por formações dos bombeiros municipais. O presidente da Câmara de Tokushima, Junzo Yamamoto, recordou ser esta a sua terceira visita à cidade e transmitiu um convite para que o presidente leiriense, Lemos Proença, se desloque àquela cidade nipónica. Entre os dois autarcas foram trocados diversos presentes, havendo hoje à noite uma recepção no castelo.

PSP de Ovar recupera motos

A PSP de Ovar entregou ontem ao juiz de Instrução Criminal do Tribunal de Ovar, dois jovens acusados de furto de motorizadas — informou uma fonte policial. O juiz atribuiu liberdade condicional, sob fiança, aos inculpatos: Fernando Jorge e Vítor José, ambos de 19 anos. As quatro motorizadas roubadas já foram entregues aos seus legítimos proprietários. A descoberta do crime iniciou-se

com um acidente, a 4 de Julho, na estrada do Furadouro (Ovar), do qual resultou a morte de José Luís, de 15 anos, irmão do Fernando Jorge, que conduzia uma das motorizadas. Ao tomar conta da ocorrência e elaborar o respectivo processo, a PSP averiguou que a matrícula da moto não só era falsa, como não correspondia ao registo feito na Câmara Municipal de Ovar.

Governo «estuda» o Douro

Os Ministérios das Finanças e do Equipamento Social assinaram um despacho conjunto que cria uma comissão que informará as instituições financeiras internacionais sobre os estudos das novas travessias no rio Douro — informou uma fonte ministerial. O despacho, a que a ANOP teve acesso, seguiu já para publicação no «Diário da República» e surge no seguimento de estudos que têm vindo a ser desenvolvidos por diferentes entidades e grupos de trabalho, alguns dos quais já se encontram concluídos ou estão em fase de conclusão.

Estes estudos pretendem habilitar o Governo a tomar decisões no âmbito da construção das novas travessias ferroviárias e rodoviárias sobre o rio Douro, bem como das ligações rodoviárias projectadas para as margens Norte e Sul (vias circulares do Porto e de Vila Nova de Famalicão).

Colónia ainda existe na Madeira?

A União dos Caseiros da Madeira (UCIM) considerou ontem grave o facto de «o Governo Regional dizer que a colónia já acabou, quando a maioria dos caseiros continua a não ser dono das terras que trabalha». Em conferência de imprensa, dirigentes da UCIM adiantaram que «os casos por resolver devem rondar os dois mil». Acrescentaram «ser preocupante que o prazo para os caseiros requererem, os seus direitos expire no fim do ano,

quando há um grande número de casos por resolver». E sublinharam que, «entretanto, os Tribunais do Funchal e Santa Cruz continuam à espera de uma sentença do Tribunal Constitucional sobre se o diploma que extingue a colónia é constitucional. Estes tribunais — frisaram — ainda não deram uma única sentença enquanto em S. Vicente os senhorios recorreram de quase todas as que o tribunal da comarca deu».

Hoteleiros algarvios ao ataque

A Associação dos Industriais Hoteleiros e Similares do Algarve (AIHSA) distribuiu um comunicado criticando a Secretaria de Estado do Turismo por não ter consultado as organizações do sector, antes de aconselhar ao Governo o encerramento de Centros de Turismo no Estrangeiro. No documento, que se reporta a uma reunião ontem realizada para análise da situação, a «AIHSA» considera que a solução adoptada de encerrar os Centros de Turismo em nada contribui para o aumento da eficiência dos Serviços de promoção e irá conduzir ao abandono do esforço de promoção do turismo português no exterior».

Ouviveria sem 1500 em jóias

Uma ouviveria de Castelo de Paiva situada a menos de cinquenta metros do posto da GNR local foi assaltada sem que nem gnr's nem vizinhos se apercebessem. Foi ontem de

madrugada: os assaltantes entraram pelo telhado, passaram pelo 1.º andar (desabitado) saíram do estabelecimento com jóias no valor de milhar e meio de contos.

Preconiza o presidente do INIP

Portugal deve limitar despejos radioactivos

O presidente do Instituto Nacional de Investigação das Pescas disse à ANOP que «Portugal não deve passar cheques em branco aos países do Norte da Europa para o despejo de resíduos radioactivos nas suas águas».

O comandante Ataíde revelou ter enviado do Funchal um telex ao Ministério do Mar alertando para que «numa reunião que se vai realizar em breve, Portugal tenha a máxima prudência na autorização desses despejos».

Acentuou que «os países do Norte da Europa pretendem uma

autorização de cinco anos».

«Na minha opinião — referiu — só se deveria dar autorização de um ano, após o que seria feito um contrato para apurar se os despejos tinham tido impacto no meio biológico adjacente».

«Então sim, a autorização poderia ser renovável por mais um ano» — afirmou.

O presidente do INIP salientou que «até 1967 os despejos nas nossas águas não eram fiscalizados».

«Desde 1967, até 1980, já foram despejados qualquer coisa como 70 mil toneladas de

resíduos (controlados) no Atlântico entre a Irlanda, Açores, Madeira, e Costa da Península Ibérica».

«Isto representa muito e eles querem verter cada vez mais».

O presidente do INIP declarou ainda que «o despejo de resíduos radioactivos no golfo da Biscaia pode afectar os mares da Madeira».

O comandante Ataíde explicou que «o chamado braço Canárias da corrente oceânica do Atlântico passa muito perto da Madeira e que se houver poluentes nesse braço, os mares regio-

nais poderão correr o risco de serem afectados».

Referiu que «de momento os mares da Madeira têm níveis de poluição aceitáveis e todas as espécies capturadas podem ser consumidas sem perigo algum».

Revelou que «em Novembro vai realizar-se na costa madeirense uma recolha de água para apurar se o nível de poluição subiu ou desceu em relação à recolha de 1977».

«Creio — sublinhou — que os mares devem estar menos poluídos devido à deslocação dos esgotos e outros poluentes para outras áreas».

Seminário Internacional conclui em Vigo

Lixeiras atómicas ameaçam a própria existência do Homem

O seminário internacional sobre o lançamento de despejos radioactivos no mar, reunido em Vigo, advertiu a opinião pública de que converter os oceanos em lixeiras atómicas, põe em perigo a própria existência do homem.

Cientistas nucleares, juristas, oceanógrafos, ecologistas e representantes de organizações de cidadãos participam na conferência.

O professor Luís Gutierrez Jordá, do Conselho de Segurança Nuclear de Espanha revelou que, desde 1949 até aos nossos dias, o oceano Atlântico recebeu 158 mil toneladas de resíduos radioactivos aos quais os norte-americanos juntaram ainda um submarino nuclear.

Governos e povos estão alerta sobre as possibilidades que se

discutem para o armazenamento ou dispersão dos resíduos atómicos e que vão desde a utilização como lixeiras, de terrenos primitivos (granitos, argilas ou minas de sal) à utilização de solos ou sub-solos marinhos ou a projecção no espaço exterior.

Também está a ser estudada a possibilidade de utilizar para esses despejos os círculos polares. No entanto, a Antártida é território internacional e os países que reclamam a sua soberania poderiam temer a repercussão que teria sobre os gelos a acção do calor gerado pelos resíduos nucleares.

Uma grande nave espacial

O professor argentino Santiago Olivieri, assessor da Unesco, ex-

plicou um aspecto do perigo no mar nestes termos: «Do ponto de vista ecológico, o planeta é uma grande nave espacial pela qual passa um fluxo de energia solar, que, ao gerar trabalho, põe em circulação a matéria. Os ciclos bioquímicos do carvão, do oxigénio e do fósforo testemunham-no. Sendo os mares uma parte substancial desse grande ecossistema, está fora de dúvidas que se se puser em perigo a sua estabilidade é a própria existência do homem que se está a ameaçar».

Na opinião de Santiago Olivieri, há indícios de que o contratorpedeiro britânico «Sheffield», afundado durante a guerra das Malvinas, transportava armas nucleares, que neste momento podem estar a emanar plutónio radioactivo, o que ameaça as frotas pes-

queiras de todo o mundo que operam na zona do naufrágio.

As conclusões do seminário serão recolhidas e publicadas pelo Centro Internacional de Formação de Ciências Ambientais, para serem postas à disposição de especialistas e estudiosos, assim como dos governos de todo o mundo.

A Grã-Bretanha e outros países que recentemente deixaram de utilizar o Atlântico como fossa para os despejos radioactivos decidiram adiar esse procedimento mas não renunciaram definitivamente a ele à espera das conclusões dos estudos que se estão a fazer sobre as suas consequências.

Manifestando-se a favor de Alqueva

MAI financia combate à seca no distrito de Beja

O ministro da Administração Interna garantiu ontem aos presidentes das 14 Câmaras Municipais do distrito de Beja o apoio do seu gabinete com vista a debelar os efeitos da seca que assola esta região.

Falando aos jornalistas, no final de uma reunião que manteve com os autarcas baixo-alentejanos, Eduardo Pereira afirmou que a possível participação do Governo fica dependente de uma listagem hierarquizada das principais necessidades dos concelhos a ser apresentada pelas câmaras ao seu Ministério.

«Logo que essa lista esteja pronta — prosseguiu Eduardo Pereira — nós nos debruçaremos sobre ela de modo a que antes do fim da próxima semana possamos dar a conhecer às Câmaras o valor da nossa participação, com vista ao início de diversas obras».

Ainda segundo o titular da Administração Interna, as Câmaras baixo-alentejanas estimam que o conjunto de obras para combater a seca totalizará entre os 100 e os 150 mil contos.

Na opinião de Eduardo Pereira, a actual situação de seca no distrito é possível ser ataquada a três níveis: não deixar piorar a situação que se tende arrastar por mais dois ou três meses, ar-

ranjar alguns empreendimentos que permitam fazer face ao Verão de 1984 e, por último, um plano de grandes estruturas, a nível de empreendimentos, entre os quais Alqueva.

Durante a reunião, Eduardo Pereira voltou a manifestar a sua opinião pessoal de se inclinar para a prossecução da barragem do Alqueva, ideia que é compartilhada pelo chefe do distrito Rodrigues Masseno e as 14 câmaras da zona.

No decorrer dos trabalhos foram ainda debatidas questões relacionadas com a legislação que o MAI está a preparar e dos problemas ligados à Lei das Finanças Locais e à repartição dos investimentos, tendo as autarquias entregue ao ministro um «documento de reflexão» sobre o assunto.

Na reunião, último ponto da visita do ministro a Beja, participaram o chefe do distrito, o presidente da Comissão de Coordenação da Região Alentejo e o responsável máximo pelo Serviço Nacional de Protecção Civil.

Alqueva ainda não tem decisão

Decisões positivas ou negativas sobre a realização da barragem do Alqueva estão contidas na proposta apresentada em

Beja, pelo ministro da Administração Interna para os problemas da seca que afecta o Alentejo.

Eduardo Pereira, que pessoalmente se manifestou como partidário da realização de Alqueva acrescentou, porém, «não ser a opinião de um ministro, mas sim a de um Governo, quer dos pontos de vista técnico financeiro ou político e agrícola e de aproveitamento da água, a definir a decisão que tem que ser tomada».

O ministro da Administração Interna acrescentou que «se Alqueva se faz, as soluções são mais claras, pois a barragem passará a ser a definidora de uma solução» e, se não se fizer, «haverá que por em marcha soluções alternativas, pois não se pode ficar muitos meses sem que se tome uma decisão». «Não fazer Alqueva, disse, tornar-se-á para o País muito mais caro do que não fazer nada».

Eduardo Pereira recordou ter o Governo afirmado que tomaria uma posição sobre o Alqueva nos seus primeiros seis meses de gestão e assegurou que o executivo vai cumprir a promessa.

O ministro disse saber que os departamentos responsáveis pelos aspectos técnicos e financeiros se estão a debruçar sobre o assunto, assegurando que

«brevemente uma resposta será dada».

Eduardo Pereira salientou que, independentemente de estar a favor de Alqueva a decisão a tomar para a realização do empreendimento, «embora seja a mais gravosa, é aquela que dará maior abertura de aproveitamento e uma maior garantia de futuro».

Em alternativa, o ministro da Administração Interna apontou a hipótese de se caminhar para «um aproveitamento de sistemas múltiplos de menor dimensão, com grande distribuição geográfica no distrito».

O ministro, que a meio da tarde reuniu com os presidentes das Câmaras do distrito, visitou, durante a manhã as instalações da GNR, PSP, bombeiros e da Casa Pia, inteirando-se dos seus problemas.



Nos dias 11 e 12 de Novembro

Cimeira Ibérica será em Lisboa

Gama e Moran defenderam incremento das relações bilaterais

A Cimeira Ibérica realiza-se em Lisboa nos dias 11 e 12 de Novembro, anunciaram oficialmente os ministros português e espanhol de Negócios Estrangeiros em conferência de Imprensa realizada em Madrid. Durante o encontro de trabalho que mantiveram na capital espanhola, marcaram também a reunião anual do Conselho Hispano-Lusitano, em Madrid, para os dias 21 e 22 de Dezembro.

Na cimeira intergovernamental participaram os presidentes dos governos, Mário Soares e Felipe Gonzalez, o ministro português das Finanças e Plano, Ernâni Lopes, o ministro espanhol da Fazenda, Economia e Comércio, Miguel Boyer, os ministros de Estrangeiros, Jaime Gama e Fernando Moran, o ministro português de Comércio, Álvaro Barreto, o secretário de Estado de Comércio espanhol, Luis de Velasco, o ministro do Mar, Carlos Melancia, o ministro da Agricultura e Pescas, Carlos Romero, os secretários de Estado de Pescas, Faria dos Santos e Miguel Olivier, os ministros de Cultura, Coimbra Martins e Javier Solana, e os ministros de Transportes, Rosado Correia e Enrique Baron.

Relançamento das relações

O relançamento «construtivo e activo» das relações luso-espanholas é um dos objectivos prioritários do Governo português, afirmou o ministro dos Negócios Estrangeiros Jaime Gama. Por sua vez, o seu homólogo espanhol, Fernando Moran, anunciou que o seu governo apoia a criação e concretização de projectos comuns que «ultrapassem a preguiça e inércia histórica que durante muitos anos caracterizou as relações entre os dois países».

Para o ministro português, o «facto de existirem na península dois países democráticos e dois governos socialistas faz recair responsabilidades sobre ambos para melhorar as relações que têm que projectar-se no futuro, no quadro da entrada dos dois países na CEE».

Durante a cimeira serão analisados problemas relacionados com o comércio, cultura, pescas, relações diplomáticas e aperfeiçoamento das comunicações entre os dois países.

Jaime Gama comentou que as «relações devem basear-se num quadro de aprofundamento e mu-

dança das estruturas e na perspectiva de que os dois países vão ser membros da CEE e não num quadro de relações fechadas com barreiras e dificuldades para a livre circulação de bens e pessoas».

«Gostáramos que este quadro não se circunscrevesse aos sectores onde podem surgir dificuldades, mas que se alargue também àqueles onde há coincidências» — acrescentou o ministro português que denunciou a «permanente tentação de alguns sectores em fixar as relações ao âmbito da pesca e do comércio».

Jaime Gama falou em «globalização», «capacidade negocial continuada» e «dimensão de futuro», insistindo ao longo da conferência nestes conceitos.

«A fronteira entre Portugal e Espanha tem que deixar de estar no século XIX, do subdesenvolvimento e do atraso, para situar-se na perspectiva do futuro, do progresso e da Europa» — comentou noutro momento.

Jaime Gama referiu ainda que «as boas relações entre Portugal e Espanha são um factor de estabilidade numa zona importante da Europa».

A adesão à CEE

O ministro português dos Negócios Estrangeiros defendeu ainda que Portugal deve assinar antes da Espanha os acordos com a CEE. Acrescentou, no entanto, que as autoridades portuguesas não vêem inconvenientes em que a ratificação desses acordos com os dois países e a sua entrada na comunidade seja simultânea.

Acerca da questão das Pescas, Jaime Gama referiu que a posição de Portugal «é sensível aos problemas com que se enfrenta a frota espanhola» e a este propósito analisou também as circunstâncias actuais do sector pesqueiro. «Temos que dar um

exemplo construtivo e o quadro genérico terá que assentar no facto de sermos dois países vizinhos e amigos».

Anunciou que Portugal «está disposto a encarar o tema com abertura na zona das 200 milhas», mas observou, referindo-se à zona entre as seis e as 12 milhas, que «temos um quadro jurídico com Espanha que choca com o direito internacional no quadro da CEE», dando a enten-

der que esta situação terá que ser revista.

Jaime Gama manifestou a «necessidade de uma revisão ponderada do Anexo P, que no âmbito da EFTA regula as relações comerciais entre Espanha e Portugal».

«Do nosso lado — disse o ministro português — a solução para os problemas do défice comercial permanente não pode ser encontrada num quadro de res-

trições de comércio e de barreiras alfandegárias e administrativas».

Disse que a solução para os problemas comerciais tem que ser encontrada nessa revisão a curto e a longo prazo na perspectiva de entrada dos dois países na CEE.

Jaime Gama advertiu que Portugal e Espanha «não podem pretender entrar ao mesmo tempo na CEE e manter um quadro de relações económicas fechadas».

Disse ser «inadmissível que com os dois países à porta da CEE, não haja estruturas bancárias de um país no outro, não haja associações de capitais públicos para projectos de desenvolvimento em algumas

áreas, assim como associações de capitais privados para iniciativas conjuntas».

O ministro português defendeu um quadro de relações económicas e comerciais muito amplo através do desenvolvimento de dois mercados complementares.

Os dois ministros anunciaram a próxima abertura simultânea de centros de cultura de Portugal em Madrid e de Espanha em Lisboa.

«É incompreensível que no fim do século XX essa situação ainda não tenha sido resolvida» — afirmou Jaime Gama para quem «seria insatisfatório para a nossa governação se não tivessemos dado um passo significativo em frente neste campo».

FNAC

somos o ar condicionado



MINI-SPLITS e CONSOLAS COMPACTAS

Ao instalar este aparelho de ar condicionado em sua casa você verá satisfeitas todas as suas exigências para obtenção dum bom ambiente:
GARANTIA DE QUALIDADE E FABRICO, FÁCIL E RÁPIDA MONTAGEM, FUNCIONAMENTO SILENCIOSO e PREÇO ALTAMENTE COMPETITIVO
O reconhecimento destas qualidades estão na origem do sucessivo aumento do número de aparelhos nos lares portugueses e nos países para onde a FNAC exporta.

Consulte, desde já, os instaladores ou os distribuidores exclusivos:

CLIMANORTE — Rua do Campo Alegre, n.º 452 • 4100 PORTO
Tel. 69 31 45-69 41 09

CLIMACENTRO — Rua da Fonte, n.º 64
1500 LISBOA • Tel. 714 08 39-714 08 28

CLIMASUL — Quinta do Amparo, Lote 54
8500 PORTIMÃO
Telex 57355 • Tel. 243 73-260 48

FNAC

Fábrica Nacional de Ar Condicionado, UCRL
Estrada da Outorela, Lts. 20-21-2795 LINDA A VELHA - CARNAXIDE - Telef. 218 33 67/68/69/70



Espaço bem ambientado
Agradecemos o envio de informações técnicas para
Nome _____
Morada _____

Amnistias também já o beneficiaram

Violador de menores sai pela terceira vez

Acusado de tentativa de violação — o que acontece pela terceira vez — foi detido anteontem à noite, pela PSP de Matosinhos, o pintor da construção civil António Fernando da Cunha Folha Barão, de 23 anos, residente num barraco situado nas imediações do Bairro Camarário da Cruz de Pau, em Matosinhos. Acontece, porém, que, depois de ouvido por um magistrado dos Juízos de Instrução Criminal, o indivíduo voltou a sair em liberdade...

A última captura do indivíduo verificou-se quando a Polícia, alertada pelos gritos de socorro, o foi surpreender nos banheiros anexos à obra do Padre Grilo, em Matosinhos, a tentar violar um miúdo de 15 anos que vive na referida obra de assistência.

Segundo a participação policial, o António Barão agarrou o miúdo quando este passava de bicicleta junto de uma escola ali existente, arrastando-o, de seguida, para os referidos banhei-

rios. Ai passou-lhe uma mão sobre o pescoço e sob a ameaça de morte tentou que o menor se despiasse. Só que este gritou e a Polícia, que andava perto, acorreu em seu auxílio.

O indivíduo fugiu ao ver-se descoberto, mas os agentes foram no seu encalço e detiveram-no junto do barraco onde o mesmo habita. Em Junho último, o António Barão foi julgado por idêntico crime cometido cinco anos antes, mas as várias amnistias saíram-no da prisão. Nesse mesmo mês, porém, entrou também na obra do Padre Grilo tendo aí violado um miúdo e roubado diversos objectos, crime pelo qual ainda não respondeu.

A decisão do magistrado causou, como é óbvio, justificada apreensão entre os moradores do Bairro da Cruz de Pau, mormente entre aqueles que têm filhos menores e que enquanto o «violador» andar à solta, temem deixá-los fora de casa à vontade.

24 horas

Manif. contra Marcos

Uma procissão silenciosa reuniu na sexta-feira em Manila mais de 10 000 pessoas rezando pela memória do dirigente da oposição filipina Benigno Aquino, assassinado em 21 de Agosto, e transformou-se em manifestação contra o regime do presidente Ferdinand Marcos. Os manifestan-

tes agitavam faixas reclamando nomeadamente a demissão do presidente Marcos. Foram distribuídos panfletos convocando uma greve geral para segunda-feira, dia seguinte do aniversário de Marcos, que no domingo fará 66 anos.

Não há «desmaioização»

Um semanário chinês diz no 7.º aniversário da morte de Mao que carece de fundamento falar de desmaioização da China, e ligá-la ao actual líder, Deng Xiaoping, é «ainda mais absurdo e ridículo»; segundo o «Beijing Ribao», o pensamento de Mao não significa uma colecção de todas as suas pala-

avras, mas sim um sistema ideológico formado por uma série de princípios fundamentais. Deng, que tomou o poder em Dezembro de 1978, é citado pelo «Beijing Ribao» num comentário dizendo que os méritos de Mao são o principal, e os seus erros o secundário.

Tom Jones interceptado

O cantor britânico Tom Jones apanhou o maior susto da sua vida na passada quarta-feira à noite, quando o seu jacto particular, que o levava para Berlim-Occidental, sobrevoou Berlim-Leste devido

a um erro e foi interceptado imediatamente por dois «Mig», que o escoltaram até Berlim-Occidental, indica hoje a imprensa britânica.

Combates no Chade

As tropas libias receberam «ordem para se porem em movimento» em direcção ao sul a fim de atacar Koro-Toro, a 2000 km ao sul de Faya-Largeau, anunciou ontem o ministro chadiano da Informação, Mahamat Soumaila. O ministro declarou

que uma forte coluna inimiga, que compreenderá de 1 500 a 2 000 homens, foi observada nos arredores da localidade de Chichia, a 120 km ao sul de Faya-Largeau, o grande centro do norte chadiano.

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CAMARA MUNICIPAL DE MAFRA COMUNICADO

O abastecimento de água ao Concelho de Mafra depende de três origens: águas próprias, proveniente de Torres Vedras e fornecida pela E.P.A.L. através dos Serviços Municipalizados de Loures.

Verifica-se nesta altura que o total de água disponível é de cerca de 50 % das necessidades pelas seguintes razões: a produção própria foi muito afectada pela seca que se tem vindo a sentir nos últimos anos (cerca de 1.500m³); não estamos a receber quaisquer caudais de Torres Vedras desde o passado dia 30 de Agosto; os volumes de água recebidos através do Concelho de Loures têm sido de cerca de 1.300 m³ desde o dia 30/8 quando até essa data se recebia cerca de 2.600 a 3.000 m³/dia.

Durante o mês de Agosto foi possível estabelecer um plano de restrições que garantia que todas as povoações do Concelho eram abastecidas durante 24 horas a que se seguia um período igual em que não era distribuída água.

Esta situação embora difícil e incómoda estava no entanto controlada e recebia da população uma enorme compreensão sendo de facto visível uma poupança generalizada.

A partir do dia um de Setembro com a redução de caudais acima indicada a situação assumiu uma gravidade de tal ordem que os Serviços Municipalizados deixaram de ter meios para assegurar um abastecimento com regularidade controlada como vinham a fazer. Apenas tem sido possível abastecer as diversas povoações durante períodos de cerca de 6 horas em cada 48h, existindo no entanto em quase todas as povoações do Concelho, diversos locais onde não tem havido qualquer fornecimento por manifesta impossibilidade técnica.

Embora os Serviços Municipalizados estejam vocacionados para atender prioritariamente os consumos de tipo doméstico que se encontram bastante afectados, cumprimos ainda salientar dificuldades que esta situação está a causar à indústria (por exemplo, a Laranjina não está a receber a água que necessita para laborar), às instalações pecuárias e avícolas, aos aquartelamentos militares (E.P.I. e C.M.E.F.E.D.), à indústria hoteleira, etc.

O Conselho de Administração está a enviar todos os esforços para sensibilizar a E.P.A.L. e os Serviços Municipalizados de Loures e Torres Vedras para que esta situação grave seja atenuada.

A resolução deste gravíssimo problema em termos futuros passa pela execução das condutas S. António dos Cavaleiros-Guerreiros e Malveira-Mafra, as quais possuem projectos executados, mas, para as quais ainda não foi possível obter o respectivo financiamento para levar a bom termo essas obras. O seu custo, cerca de 200.000 contos, ultrapassa totalmente as disponibilidades financeiras da Câmara Municipal de Mafra, pelo que o Conselho de Administração tem tentado sensibilizar o Governo e a E.P.A.L. para que assumam a execução da primeira daquelas obras, estando a Câmara determinada a fazer um enorme esforço financeiro para concretizar a segunda recorrendo necessariamente a empréstimos na banca.

Se não obtivermos apoio da E.P.A.L. ou do Governo iremos ter na estiagem de 1984 os problemas certamente mais graves, tendo em consideração o natural aumento de consumidores e se as temperaturas atingirem os valores normais que este ano não se chegaram a sentir nos meses de Julho e Agosto.

Mafra, 7 de Setembro de 1983
O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO.

Para conseguir cessar-fogo Líbano pede reunião do Conselho de Segurança

O Líbano pediu uma reunião urgente do Conselho de Segurança para examinar a grave situação no país, soube-se na sexta-feira à noite, de fonte libanesa na ONU.

O Líbano deseja que o conselho reúna na segunda-feira e vai proceder às diligências necessárias junto do presidente do Conselho de Segurança, Noel Sinclair (Guiana).

O pedido do Líbano tem como primeiro objectivo obter um cessar-fogo nos combates que assolam actualmente a região de Beirute e do Chuf, indica fonte libanesa na ONU.

O secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, tinha lançado na quinta-feira à noite um apelo ao cessar-fogo. O Conselho de Segurança, por sua vez, poderia adoptar uma resolução ou uma declaração presidencial para esse efeito, se todos os membros do Conselho estivessem de acordo com uma tal intervenção da sua parte.

A delegação libanesa estava em contacto na sexta-feira à noite com o Governo em Beirute para determinar a forma exacta que tomaria o seu recurso ao Conselho de Segurança.

Entretanto, posições do exército libanês e do contingente americano dos «marines», no perímetro do Aeroporto Internacional de Beirute (AIB), ao sul da capital, foram submetidas a um bombardeamento, sexta-feira pelas 14H00 tmG, anunciou a televisão libanesa.

A TV não precisou se as forças atingidas responderam aos tiros de artilharia nem se houve feridos.

A zona do aeroporto e a de Khalde (10 km mais ao sul), onde se encontram posições do exército libanês, tinham já sido alvo de tiros uma primeira vez na noite de quinta para sexta-feira e depois na própria manhã de

sexta-feira, segundo revelaram fontes policiais.

Por outro lado, Walid Jumblat, chefe do Partido Socialista Progressista (PSP), e um dos principais dirigentes da comunidade drusa libanesa, afirmou que não haverá cessar-fogo antes «da retirada das milícias falangistas» e do Exército libanês da montanha.

Estas afirmações de Jumblat, reveladas quinta-feira numa conferência de imprensa perto de Bhamdoun, são relatadas sexta-feira pela imprensa síria. O dirigente do PSP lançou um violento aviso à Força Multinacional (FM) instalada no Líbano sobre «a continuação do seu apoio ao regime de Amine Gemayel (presidente libanês) e os combatentes falangistas».

«De outro modo, reclamaremos, na qualidade de «Frente de Salvação Nacional» (oposição) libanesa, a retirada dessa força. Não queremos uma esquadra junto ao nosso litoral e não desejamos um novo colonialismo». «A força multinacional não representa nenhuma utilidade», afirmou.

Walid Jumblat desmentiu por outro lado toda e qualquer participação palestina, ao lado das milícias do seu partido durante os combates na montanha.

Por último, seis caças bombardeiros britânicos «Bucaner» levantaram em direcção a Chipre para apoiar as forças britânicas incluídas na Força Multinacional do Líbano, anunciou sexta-feira ao fim da tarde o Ministério da Defesa em Londres.

Estes seis aviões, de ataque ao solo deverão chegar a Chipre de um momento para o outro de onde podem depois intervir em caso de necessidade para apoiar as forças britânicas estacionadas no Líbano, segundo um porta-voz do Ministério.

Segundo Genscher Nova posição da URSS sobre os mísseis franceses e britânicos

O ministro soviético dos Negócios Estrangeiros, Andrei Gromyko, terá afirmado que os sistemas de mísseis franceses e britânicos são tecnicamente diferentes dos americanos, no quadro da NATO. A informação foi dada pelo ministro oeste-alemão, Hans Dietrich Genscher, após o seu encontro em Madrid com Gromyko.

Segundo Genscher, Gromyko terá dito que esses sistemas são, por um lado estratégicos, por outro, de médio alcance. Ainda segundo Genscher, esta afirmação de Gromyko significará que a URSS não continuará a insistir na inclusão desses sistemas no âmbito das conversações de Genebra sobre «euromísseis».

Nem a Casa Branca nem o Foreign Office comentaram ainda estas declarações de Gromyko.

Também não transpirou nada sobre declarações desse teor por parte de Gromyko nos encontros que teve com o presidente Mitterrand e com o primeiro-ministro e o ministro francês dos Negócios Estrangeiros. As conversações de Gromyko em Paris incidiram sobre questões de desarmamento, Polónia, Afeganistão, Chade, Líbano e relações bilaterais.

A confirmarem-se, porém, as afirmações de Gromyko ao seu homólogo oeste-alemão as conversações de Genebra sobre «euromísseis» poderão conhe-

cer substanciais progressos — pensa-se no Ocidente.

Poderio da URSS

A URSS «não pode deixar de reforçar o poder militar das suas forças armadas» declarou sexta-feira em Sebastopol, o marechal Dimitri Oustinov, ministro soviético da Defesa.

Num discurso citado pela agência TASS, o marechal afirmou que a decisão se tinha tornado necessária dado «o contexto da ameaça militar crescente contra Moscovo e seus aliados».

«Inspira-se, disse, no interesse da paz e da segurança dos povos».

O ministro soviético evocou a propósito a instalação dos Pershing-2 e dos mísseis de Cruzelro na Europa em caso de fracasso nas negociações de Genebra.

Se vierem a ser instalados esses mísseis, declarou o marechal Oustinov, a URSS tomará contra medidas oportunas e eficazes para manter o equilíbrio à escala europeia e global.

Tais medidas, explicou «vão constituir uma ameaça de recuo para o território dos Estados Unidos e dos países onde forem instalados os mísseis americanos contra a URSS e os países membros do Tratado de Varsóvia».

Grupo paz

O primeiro acordo de paz, que hoje poderá ser assinado, a limitação da presença de armas do tráfico de armas e o respeito dos povos à autodeterminação.

Os nove ministros dos Negócios Estrangeiros da América Central, que participam na quarta sessão da Contadora analisam o documento e podem converter-se no primeiro acordo de paz na América Central.

O documento, preparado pelos Negócios Estrangeiros da Colômbia e Venezuela, recolhe as propostas das diferentes propostas chagadas a qual se procura uma saída pacífica centro-americana.

No preâmbulo, afirma-se que o documento, embora não inclua textualmente todas as diferentes propostas, considera os pontos e aspectos essenciais dos compromissos que possam inicialmente assegurar o desanuviamento e a posterior pacificação na área.

Uma das principais questões contidas no que poderá vir a ser o «Pacto do Panamá», é a declaração de que os países deverão impedir o uso do seu território e não prestar nem permitir o apoio militar ou logístico a pessoas, grupos ou organizações que tentem desestabilizar os governos dos países da América Central.

De acordo com informações prestadas à EFE por fontes próximas da Conferência, as posições da Costa Rica, El Salvador, Honduras e Guatemala aproximaram-se um pouco das defendidas pela Nicarágua, mas mantêm-se as tensões nos debates.

Antes de entrar para a sala do Banco Nacional do Panamá, onde se efectuam as reuniões do Grupo Contadora, o ministro hondurenho dos Negócios Estrangeiros, Edgardo Paz Barrica, disse que

Soviéticos cobria

Em conferência de imprensa dada ontem em Moscovo, o chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas soviéticas, marechal Nikolao Ogarkov, insistiu ontem que o Jumbo sul-coreano abatido por um caça soviético, cobria acções de espionagem.

Segundo o marechal Ogarkov o caça soviético abateu o Boeing-747 sul-coreano com um tiro de míssil. As forças soviéticas de interceptação, revelou aquele dirigente militar, receberam ordens para deter o voo do dia 1 de Setembro com os mísseis de que os seus aviões estão equipados.

O chefe do Estado-Maior das Forças Armadas da URSS indicou ainda que os Estados Unidos e o Japão «dirigiram o voo do Boeing-747 sul-coreano relativamente ao qual está provado que se encontrava em missão premeditada de reconhecimento». «Foi escolhido um avião civil», prosseguiu o marechal Ogarkov, «cientemente sem se terem em conta vítimas», facto de que decorrem «as graves consequências deste acidente». Por isso, confirmando as teses já avançadas pela URSS, «a responsabilidade por perda de vidas humanas, incumbe inteiramente aos organizadores do voo».

Pacto já foi assinado

po de Contadora propõe z na América Central

de paz para a América Cen-
assinado no Panamá prevê
de assessores militares e
o respeito pelo direito dos
nação.
dos Negócios Estrangeiros
ta sessão plenária do Grupo
documento de 20 pontos que
primeiro acordo de paz para a

eparado pelos ministros dos
da Colômbia, México, Pa-
colhe os pontos de consenso
tas chegadas à reunião, na
saída para a actual crise

devem prevalecer os aspectos
contidos na proposta do bloco
de quatro países acordada na
Guatemala na reunião de 20
de Julho passado.
No último ponto do docu-
mento do Grupo de Contadora
indica-se expressamente o
compromisso de indicar ne-
gociações com o propósito de
«elaborar os tratados e outros
instrumentos internacionais
necessários para formalizar
os compromissos contidos no
pacto».

Esquadra partiu

O porta-aviões norte-
americano «Coral Sea» e os
seus quatro navios de escolta
partiram sexta-feira das Ca-
raíbas, onde durante 25 dias
fizeram exercícios frente às
ilhas centro-americanas,
nos Açores.
Os exercícios foram parte
da manifestação de força
aérea, terrestre e marítima
dos Estados Unidos na Amé-
rica Central desde Julho,
como forma de pressão sobre
Cuba e a Nicarágua.
Crê-se que o «Coral Sea»
regressará ao Mediterrâneo,
juntando-se às unidades na-
vais e anfíbias colocadas du-

rante a semana passada
frente às costas libanesas.
O «Coral Sea», de 62 mil
toneladas e com 70 caças, es-
teve 25 dias frente à Nicará-
gua para práticas de treino e
operações, segundo a secre-
taria da defesa.
No Pacífico, na costa oposta
da América Central, está
desde há duas semanas o
courageado «New Jersey», em
manobras com os seus cinco
navios de escolta.

Perto de Porto Rico, outros
32 barcos norte-americanos
estão até final do mês em ma-
nobras de preparação para
combate.

Para além dessas unida-
des, bombardeiros B-52 so-
brevoadam durante a semana
a zona das Caraíbas, em ex-
ercícios de simulação de com-
bate. Nas Honduras, prosse-
guem entretanto até Março
próximo as manobras conjun-
tas com o exército dos Esta-
dos Unidos, que no período de
maior actividade (Novembro)
envolverão cinco mil norte-
americanos.

Ataques à Nicarágua

Dois aviões não identifica-
dos bombardearam na 6.^a
feira de manhã, o porto de Co-
rinto, na costa pacífica da Ni-
carágua (a 150 km de Maná-
gua e a 50 km da fronteira com
as Honduras), anunciou o Mi-
nistério da Defesa da Nicará-
gua.

Em San José, a Organiza-
ção anti-sandinista ARDE
(Aliança Democrática Revo-
lucionária) reivindicou o ata-
que contra o porto de Corinto.
A ARDE, que é dirigida por
Eden Pastora, antigo respon-
sável sandinista que combate
agora o regime de Manágua
precisou que os dois aviões
tinham operado a partir de
zonas que ocupa em território
da Nicarágua.

Em Manágua, o porta-voz
do Ministério da Defesa, o co-
mandante Roberto Sanchez,
indicou que os dois aparelhos,
do tipo T-28, tinham lançado
roquetes, danificando duas
cisternas de combustível, e ti-
nham largado duas bombas
que caíram no mar, antes de
terem sido repelidos para as
Honduras pela defesa antiá-
rea. O ataque não causou
qualquer vítima, acrescentou
o porta-voz.

Combates

A guerrilha salvadorenha
atacou várias posições contro-
ladas pelo Exército situadas
próximo da cidade de San Mi-
guel (Leste do país, a cerca de
150 km de San Salvador),
soube-se ontem de fonte mili-
tar na capital salvadorenha.

Os confrontos, que começa-
ram na quinta-feira à noite,
continuavam ontem, entre os
guerrilheiros da «Frente Fara-
bundo Marti de Libertação
Nacional» (FMLN) e as forças
governamentais, em redor de
San Miguel (capital do distrito
com o mesmo nome) e a avia-
ção interveio para tentar re-
chegar os atacantes, indicou
um porta-voz do Exército.

Os combatentes da FMLN,
atacaram, nomeadamente,
militares que vigiavam uma
ponte situada a 20 km de San
Miguel. O porta-voz indicou
que esse ataque fizera «vítimas
em ambas as partes»,
sem precisar o número.

Os rebeldes atacaram uma
estação eléctrica no mesmo
sector. Foi morto um soldado e
cinco ficaram feridos, se-
gundo o porta-voz.

Por outro lado, no distrito de
Usulutam (a Leste de San Sal-
vador), os guerrilheiros ocu-
param a localidade de Jucua-
ran, de onde o batalhão de luta
antiguerrilha «Atonal» os ten-
tava fazer sair.

João Paulo II na Austria

Entre o Leste e o Oeste o Papa falará de política

Todos os sinos da Áustria
anunciaram ontem à noite a aber-
tura das jornadas católicas, que
será coroada, esta tarde, pela
chegada a Viena do Papa João
Paulo II.

Esse grande ajuntamento de
fiéis, que se prolongará até ao do-
mingo, é colocado sob a palavra
de ordem «viver a esperança, dar
a esperança» e deve constituir
uma ocasião, para os católicos
austriacos — aos quais se junta-
rão católicos precedente 3s dos
países socialistas vizinhos — tan-
to orarem e meditem conjunta-
mente como assistirem aos ofi-
cios que o Papa concelebrará ou
presidirá.

A Igreja espera que estas jor-
nadas e a visita de João Paulo II
criem «o ambiente de regresso e
de renovação» que a esperança
— tema central dos encontros —
postula.

A atenção vira-se sobretudo
para as palavras que o Papa pola-

co, aproveitando a visita a Viena
— na junção da Europa do Leste
e do Ocidente — pronunciará, ao
mesmo tempo, tanto em direcção
à Europa como aos católicos dos
países socialistas vizinhos. Em
Viena sublinha-se que não se tra-
tará de uma mensagem política,
mas sim de palavras sobre a fé, a
reconciliação, a justiça, os direi-
tos do homem e a paz, que, «sob
alguns aspectos, terão uma di-
mensão política».

A primeira dessas mensagens
assinalará, «as vésperas da Eu-
ropa», que serão celebradas na
Praça dos Heróis (Heldenplatz),
frente ao Palácio Imperial Hof-
burg, primeira etapa do Papa.

Os católicos das regiões da
Checoslováquia, Hungria e Ju-
goslândia situadas próximo da
fronteira poderão seguir as nume-
rosas reportagens que a televisão
austriaca inscreveu na sua pro-
gramação.

O Para os ouvintes mais longín-

quos, a rádio pôs em serviço um
potente emissor, que pode ser
captado perfeitamente na Polónia
e na Roménia.

Parece que a preocupação de
prevenir tudo o que se possa vir a
revelar incompatível com a neu-
tralidade austriaca ou de nature-
za a ferir a susceptibilidade da
Turquia e do Islão levou à limita-
ção da pompa da comemoração,
na capela de Kahlenberg, do ter-
ceiro centenário da vitória sobre
os turcos dos exércitos do Rei
João III Sobieski da Polónia.

Em Viena está tudo pronto para
se receber o soberano pontífice.
Os vendedores de lembranças
deram os últimos retoques nas
suas montras: há pratos e chaves
com a efígie do Papa ao lado
de travessas com a de Sissi e os
mini-bustos de Mozart, Schubert
e Johann Strauss tiveram de ser
aconchegados uns aos outros
para se arranjar um lugar aos
mini-bustos de João Paulo II.

Pela primeira vez na sua história

República da Irlanda expulsou três diplomatas soviéticos

A República da Irlanda, país
neutro e não membro da NAT-
O, expulsou na sexta-feira pe a
primeira vez na sua história, três
diplomatas soviéticos, por «acti-
vidades inaceitáveis e contrárias
às normas internacionais de
comportamento» dos diploma-
tas.

A decisão foi tomada pelo ga-

binete, soube-se na sexta-feira à
noite de fonte oficial em Dublin.
O ministro-adjunto dos Negócios
Estrangeiros, Jim O'Keeffe, con-
vocou durante a tarde o encarre-
gado de negócios soviético inte-
rino para lhe dar conhecimento
da expulsão de Guennada Sa-
line, primeiro-secretário da Em-
baixada Soviética na Irlanda,
Victor Lipassov, segundo-secre-

tário, e sua esposa. Esta última,
precisou um porta-voz gover-
namental, é expulsa não na qua-
lidade de esposa do segundo-
-secretário mas por estar tam-
bém implicada em «actividades
inaceitáveis».

Fonte oficial sublinha que a
expulsão dos três soviéticos é
totalmente independente do
caso do «Boeing» sul-coreano.

Em conferência de Imprensa em Moscovo

os insistem em que o “Jumbo” ria actividades de espionagem

Aspectos técnicos

O marechal soviético, depois
de considerar que Washington
não podia deixar de assinalar o
desvio do aparelho sul-coreano
do seu corredor aéreo, expôs de-
talhadamente todas as tentativas
das estações soviéticas em terra
e dos aviões da DCA para entra-
rem em contacto com o Jumbo.

«Na altura em que o avião em
infracção atingiu a parte Sudoes-
te de Sacalina, foi iniciada a últi-
ma tentativa para se fazer com
que o aparelho aterrasse. Com
esse intuito foram disparadas
quatro rajadas de aviso às 6h20m
com morteiros tracejantes de ca-
nhão», explicou Nikolai Ogarkov.

«Visto que, mesmo depois dis-
so, o aparelho não obedeceu e
tentou pôr-se em fuga na direc-
ção de Vladivostok, a aviação de
intercepção recebeu, às 6h24m,
ordens para deter o seu voo com
a utilização de mísseis.

A decisão do disparo foi toma-
da pelo comando da DCA da re-
gião militar do extremo oriente
que «informou imediatamente» o
Estado-Maior.

O marechal Ogarkov descre-
veu longamente a evolução do
«B-747 sul-coreano e a de um

avião de reconhecimento ameri-
cano RC-135» que voaram muito
perto um do outro. Segundo afir-
mou, o voo dos dois aviões foi
coordenado para complicar as ta-
refas de detecção.

Respondendo a uma pergunta
sobre as afirmações de Washing-
ton, segundo as quais as grava-
ções demonstram que os caças
soviéticos observaram as luzes
de navegação intermitentes do
Boeing do marechal Ogarkov in-
dicou que o aparelho sul-coreano
voava com todas as luzes apaga-
das e que na realidade um avião
soviético tinha observado as luzes
de outro aparelho soviético
que voava à sua frente».

Em resposta a outra questão, o
marechal precisou que a DCA so-
viética mobilizara quatro apare-
lhos enquanto o Boeing sobre-
voou o istmo de Kamtchatka e
seis Su-15 e MiG-23 por cima de
Sacalina, onde o Boeing foi abati-
do.

NATO não decidiu sanções

A NATO decidiu ontem não to-
mar nenhuma medida contra a
União Soviética pelo derrube do
avião sul-coreano.

A decisão foi tomada após
duas horas e 45 minutos de reu-
nião em Bruxelas dos represen-
tantes permanentes dos países
membros da Aliança Atlântica.

Na opinião do secretário-geral
da organização, e oficialmente na
de todos os representantes, «a
NATO não é o fórum apropriado
para a adopção de medidas con-
tra a União Soviética».

«No entanto, acrescentou
Luns, foi condenado unanimen-
te este acto gravíssimo con-
tra a Humanidade.»

Os observadores consideram
que o facto de a reunião se ter
prolongado por tanto tempo e de
ter adoptado esta decisão, mos-
tra que existem fortes tensões en-
tre os governos da Aliança, e des-
mente a notícia veiculada ontem
por Bona, e de que o «DL» fez
eco, de que seria aprovado um
boicote de uma ou duas semanas
aos voos para a URSS.

Entretanto, o Conselho de Se-
gurança das Nações Unidas
adiou até à próxima segunda-fei-
ra a reunião de ontem em que es-
tava prevista a adopção de uma
resolução condenatória do derru-
be do avião sul-coreano.

THE BRITISH COUNCIL INSTITUTO BRITANICO EM PORTUGAL

CURSOS DE LÍNGUA INGLESA

Inscrições para o Ano Lectivo
1983-84
1.º Período

Antigos alunos

Nível	Dia de inscrição
2, 3 e 4	13 Set. (manhã)
5 e 6	13 Set. (tarde)
7	14 Set. (manhã)
8 e 9	14 Set. (tarde)
10 e 11	15 Set. (tarde)
12	15 Set. (manhã)
FC1	16 Set. (tarde)
FC3	16 Set. (manhã)
PA1 e PA3	12 Set. (manhã)
PB1 e PB3	12 Set. (tarde)
PC1 e PC3	12 Set. (tarde)

Novos alunos

Testes de avaliação a partir de
20 de Setembro.
Todos os dias úteis entre as
9.00 e as 12.00 horas e entre
as 14.30 e as 19.00 horas.

Cursos a todos os níveis.
Horário das aulas entre as 8.30
e as 22.00 horas (três horas
semanais).

Horário da secretaria:
das 9.30 às 12.00, das 15.00 às 19.00 horas

PARA MAIS INFORMAÇÕES, CONTACTE-NOS:
RUA LUÍS FERNANDES, 3 (esquina Rua de S. Marçal) 1294 Lisboa Codex
Telefs: 36 92 08 - 36 92 09 - 32 01 73 - 32 87 50 - 362038 - 32 5771

Há dez anos, em 11 de Setembro de 1973, terminava no Chile uma das experiências políticas mais importantes da década de 70 na América Latina: a tentativa de transição para o socialismo em regime democrático.

Hoje, confrontado com a crise económica e com a contestação interna, a esperança renasce e o «slogan» da resistência «O Chile vencerá!» lançado junto ao túmulo de Pablo Neruda, passou à ofensiva.

O fim da era de Pinochet

O 10.º aniversário do golpe contra o Governo de «Unidade Popular» não decorrerá, para Augusto Pinochet, como mais um ano de governo no Chile. Tudo indica que a era de Pinochet esteja a terminar, bem longe do prazo por ele próprio definido e «consagrado» na Constituição chilena: 1989.

«Sentimos do nosso lado a desmoralização, toda a gente se cala, não ousando ninguém defender o Governo»: estas foram as palavras de desalento ouvidas a Pinochet após a primeira jornada de protesto, em 11 de Maio. O ditador reconhece o seu isolamento político, num contexto de crescente contestação interna.

As palavras do general são certamente o prenúncio do fim de um regime erguido «a ferro e fogo» em Setembro de 73, utilizando a morte, a tortura como forma de conseguir a «Paz social».

O pânico externo e interno

A crise no Chile é, hoje, fundamentalmente económica. Aliás, a economia esteve na base da conflitualidade dos vários interesses, nacionais e internacionais, que viriam a derrubar o presidente constitucional, Salvador Allende.

As riquezas minerais do Chile despertavam a cobiça e eram «estrategicamente importantes», para utilizar um vocabulário hoje comum aos funcionários do Departamento de Estado norte-americano. Por isso, a política de nacionalizações das minas de cobre em poder das grandes companhias «Kennecott» e «Anaconda» era mal vista pelo capitalismo internacional.

Também nos campos, o prosseguimento da Reforma Agrária não tranquilizava sectores da burguesia nacional, acotovelada de medo na «arca de Noé» em que então se transformou a Democracia-Cristã.

Estavam assim criadas as

condições, externas e internas, para o desfecho brutal de três anos de repartição de bens e de nacionalismo económico.

Para o «cocktail» ficar explosivo, bastava juntar algum descontentamento nacional e mover as forças negras da tradição e da ordem; o Exército e a Igreja.

O radicalismo político forneceu os elementos necessários; e, se a greve dos camionistas não é um exemplo típico de um sector controlado «à esquerda» do Poder (a História encarregou-se entretanto de demonstrar os interesses que se moviam nessa esfera), não é menos verdade que vários foram os choques e incidentes que, em nome da aceleração das transformações programadas, foram desgastando o aparelho produtivo e minando a confiança operária em Allende. A «manifestação das panelas» não passa, então, da caricatura de uma situação, o último quadro de uma peça que tinha como tema as dificuldades económicas internas.

O Exército, zeloso da ordem e da responsabilidade, encontraria os fundamentos práticos do quotidiano, para a sua intervenção. A Igreja forneceria-lhe os ideológicos.

Mas, o pânico externo e interno não se limitou à política económica. Numa sólida democracia, como o foi o Chile, a alternância política moveu-se, até então num esquema rígido, mais de gestão do que de «arte de governar», com o que isto implica de definição de novas metas. Allende tinha sido eleito, com base num programa realista, mas inovador, capaz de suscitar a adesão dos deserdados, dos intelectuais, enfim, de todos que querem a mudança.

Na conturbada América Latina, onde gerais se sucedem a gerais em golpes palacianos, onde a guerrilha é a única forma de tentar a mudança, a «experiência chilena» abria uma nova via. E, não foi com muito optimismo que os EUA a viram iniciar-se.

Estes «pânicos» viriam a ser renar após 11 de Setembro de 1973. Em poucas horas, sob as ordens de Augusto Pinochet, recentemente nomeado por Sal-

A «receita» de Friedman

dos, de Santiago de presos políticos. Nessa noite, Pinochet anunciava ao país, pela televisão, o «fim da era marxista».

Silenciada a oposição interna, desmanteladas, pela tortura, morte e prisão, as organizações sindicais, o Chile passava a ser, para os círculos políticos e económicos ocidentais, um país acolhedor.

Para pôr a economia «em dia», aplicaram-se as «receitas» monetaristas da escola de Chicago, de que Milton Friedman é o mais notável símbolo.

Em vez das nacionalizações, as desnacionalizações, englobadas num programa económico de livre concorrência, virando a produção para o desenvolvi-



vador Allende comandante-chefe das forças armadas, o Exército derrubava o presidente constitucional, enchia o Estádio

mento dos ramos exportadores competitivos, para além de uma redução no sistema proteccionista e no financiamento orça-

mental.

Num quadro tão «propício», iniciam-se os investimentos estrangeiros, num grau até então desconhecido. Actualmente, 50 pessoas controlam a banca privada, representando interesses nacionais e estrangeiros, possuindo 82 por cento do capital bancário privado e controlando 60,5 por cento do crédito. Esta concentração ganha outro significado, quando 0,5 por cento das 95 mil empresas existentes no país, detêm 48 por cento do capital básico nacional.

Dez anos depois, os números traduzem o fracasso desta política: o Produto Nacional Bruto diminuiu cerca de 16 por cento, o desemprego atinge 30 por cento da população activa, a dívida externa abrange já mais de metade do Produto Interno Bruto, cerca de 17 bilhões de dólares e a inflação ronda os 130 por cento.

Como consequência desta «receita», a grande maioria da população tem rendimentos inferiores a cerca de 800 dólares por capita anual, num país que possui riquezas como o cobre, enxofre, cobalto, ferro (segundo exportador mundial) e jazigos de gás.

Contestação está para durar

Esta situação criou as bases necessárias para o recrudescimento da contestação, das jornadas de protesto, e para uma «abertura» forçada do regime.

Cinco jornadas de protesto sucederam-se desde Maio a Setembro, chamando a atenção do Mundo para o que se passa no Chile. A tática governamental tem sido a repressão que, desde então provocou perto de 40 mortos e largas centenas de prisões. A estratégia de Pinochet é «aguentar-se» ao leme do Chile, enquanto puder.

A recente «abertura» política é, neste contexto, uma prova da fragilidade governamental, pois a iniciativa não é sua, pertence agora à oposição moderada reconstituída na «Aliança Democrática». No campo político-sindical, os sindicatos democratas cristãos mantêm com o Embaixador dos EUA em Santiago, frequentes trocas de impressões, e pretendem a restauração da democracia política no país.

Também a Igreja se vai progressivamente demarcando de Pinochet, tendo a hierarquia católica chilena desempenhado um importante papel no início do diálogo do Governo com a «oposição moderada».

Por fim, até os militares vêm evidenciando sinais de descontentamento, como o General Leight, responsável directo pelo bombardeamento do Palácio de La Moneda, em 11 de Setembro de 1973 que junta a sua voz à dos que responsabilizam o actual Governo pela crise económica e pela agitação social e política dos últimos meses.

Neste complicado «puzzle» em que se pretende criar uma «democracia cinzenta», evitando às forças de esquerda o acesso ao poder, será difícil a sobrevivência política de Pinochet. Por um lado, as forças da «Aliança Democrática» pretendem que o General renuncie ao seu cargo, numa estratégia necessária para a «reconciliação» de todos os chilenos. Por outro, o recém-criado «Movimento Democrático Popular», que engloba as mesmas forças que integravam a coligação «Unidade Popular», rejeitam categoricamente o projecto de «reconciliação», apostando numa verdadeira mudança.

Em qualquer dos cenários Pinochet não figura. Para ele, 1989 não será, certamente, o fim da sua era. Essa, acabará mais cedo.

Nuno Ribeiro

Depois da quinta jornada de protesto

Rodolfo Seguel novamente detido

• «AD» suspende o diálogo com o Governo

O dirigente sindical Rodolfo Seguel foi ontem novamente detido em Santiago, pela segunda vez desde Junho passado, acusado de ter proferido injúrias e calúnias contra o chefe de Estado. Cada vez mais contestado, Pinochet decidiu, por seu lado, renovar por seis meses as disposições que lhe permitem mandar prender, deportar ou expulsar do país qualquer pessoa que infrinja a lei de segurança interna.

O dirigente sindical Rodolfo Seguel foi preso ontem em Santiago — pela segunda vez desde junho transacto — no dia seguinte à quinta jornada de protesto.

Preso sob a acusação de ter proferido injúrias e calúnias contra o chefe de Estado, Seguel decidiu iniciar uma greve de fome por tempo indeterminado, anunciaram os seus advogados. Segundo declarações publicadas na semana passada pelo diário mexicano «Exceisor» e reproduzidas na capital chilena, Seguel teria acusado o general Pinochet de ser «um ditador absurdo, obcecado e fanático».

O presidente da Confederação dos Trabalhadores do Cobre (CTC) e do Comando Nacional dos Trabalhadores (CNT) havia já sido preso em 15 de Junho, no

dia seguinte à segunda jornada de protesto nacional, sob a acusação de ter infringido a lei de segurança interna, tendo sido libertado em 19 de Junho.

Além disso, o padre francês Pierre Dubois, pároco no Bairro de La Victoria, onde um jovem de 23 anos foi morto por bala na quinta-feira, foi preso também na sexta-feira e libertado algumas horas mais tarde, soube-se de fonte policial.

O Governo e a «Aliança Democrática» (AD, movimento de oposição) enjeitam mutuamente as responsabilidades pela violência perpetrada durante as manifestações.

Segundo a AD, que se felicitou pelo êxito desta nova jornada de protesto, além das acções empreendidas pelos comandos pa-

ramilitares, as forças da ordem estão na origem de numerosos exauros.

Por último, o Governo chileno decidiu ontem renovar por seis meses as disposições que permitem ao presidente Pinochet mandar prender, deportar ou expulsar do país qualquer pessoa que infrinja a lei de segurança interna do país, soube-se de fonte oficial.

Essas medidas de excepção, previstas pela actual Constituição e renovadas todos os seis meses, autorizam igualmente o presidente a reduzir o direito de reunião e a liberdade de informação.

Depois de ter obtido o levantamento do estado de emergência em 27 de Agosto, a Aliança Democrática pediu a supressão dessas medidas no quadro do diálogo estabelecido recentemente com as autoridades.

Oposição suspende diálogo

Entretanto, a Aliança Democrática, decidiu suspender ontem o diálogo com o Governo.

«O diálogo continuará suspenso até se saber se o Governo está disposto a propor um calendário preciso e uma ordem do dia» sobre que discutir, declarou o dirigente da AD, o democrata-cristão, Gabriel Valdes. Segundo ele, esta definição de uma ordem do dia é necessária para fixar os prazos de um regresso do Chile à democracia.

Realizaram-se duas reuniões na residência do arcebispo de Santiago, mons. Francisco Fresno, entre a Aliança Democrática e as autoridades chilenas desde a nomeação, em 10 de Agosto passado, do ministro do Interior, Sérgio Onofre Jarpa, encarregado da «política de abertura» do Governo.

Em 26 de Agosto passado, no dia seguinte à primeira reunião, o Governo decidiu levantar o estado de urgência em vigor desde há 10 anos. Um segundo encontro realizou-se no passado dia 5, no decorrer do qual, segundo Valdes, a questão do processo de democratização do país e um calendário de transição política tinham sido discutidos. O presidente do Partido Demócrata

Cristão não deu outros detalhes.

Balanco dos confrontos

Quatro mortos, 40 feridos e 600 prisões é o balanço da quinta jornada de protesto no Chile, segundo revelaram ontem na capital chilena diversos órgãos de informação.

O diário oficial «El Mercurio» refere-se a três mortos: Maria Helena Rodriguez, abatida a tiro em Valparaíso, Deangel Zabala, morto num bairro popular de Santiago, e um jovem apresentando 25 anos que faleceu no banco de urgência do hospital Barros Luco. No entanto, para o matutino «La Tercera Hora», na sua edição de ontem, são dois os cadáveres que se encontram no hospital da capital chilena, o que elevará, assim, para quatro, o número de vítimas.

Os incidentes mais violentos entre as forças policiais e os manifestantes ocorreram no bairro de La Victoria da capital chilena, onde manifestantes ergueram barricadas. A polícia interveio com automotriculadoras tendo ferido 20 habitantes do

bairro.

A meio da noite passada, no entanto, moradores de La Victoria e de outros bairros populares de Santiago, como La Estrella, El Cortijo, La Legua, La FERIA, José María Xaro, continuavam a manifestar-se contra o regime militar.

Também no centro da capital decorreram confrontações entre partidários de Pinochet e contra-manifestantes, provocando acesas escaramuças que duraram várias horas e provocaram um número indeterminado de feridos.

Como sempre, o regime de Augusto Pinochet defende-se das acusações de assassinio praticados pela polícia, durante as manifestações. Numa entrevista publicada ontem no jornal «Le Monde», o ministro do Interior chileno, Onofre Jarpa reconhece, no entanto, «que em certos casos os responsáveis da manutenção da ordem perderam o sangue frio», mas acusa que numerosas pessoas foram mortas por balas «que nem a polícia nem o exército utilizam».

Greve contra despedimentos no Museu de Arqueologia

Os trabalhadores do Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia dr. Leite de Vasconcelos deliberaram em plenário fazer quatro horas de greve no próximo dia 14, como forma de protesto contra o despedimento de 16 colegas recentemente decidido pelo Ministério da Cultura. A paralisação decorrerá entre as 14 e as 16 horas, o que obrigará ao encerramento durante todo o dia do Museu, uma vez que este apenas está a abrir ao público da parte da tarde, por falta de pessoal e de segurança.

Um comunicado do Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública do Sul e Açores afirma que os despedidos, «na sua grande maioria, cumpriam funções indispensáveis ao bom funcionamento

e conservação daquele estabelecimento».

O sindicato afirma que os possíveis e inevitáveis incómodos causados por esta paralisação aos visitantes «são da inteira responsabilidade do Ministério da Cultura, pois em vez de fazer aprovar uma lei orgânica para o Museu que o dote de um quadro de pessoal à altura do papel importante e único que lhe cabe no panorama cultural português e de levar por diante ou favorecer uma autêntica reestruturação sua, conforme foi prometido no programa do Governo, prefere despedir trabalhadores, lançando-os assim numa situação desesperada, sem que nada o justifique, pois não falta trabalho e ao

Museu não faltam verbas para continuar a pagar-lhes».

O documento afirma que o sindicato, que apoia a greve, «está disposto a fazer tudo até à reintegração dos 16 trabalhadores arbitrariamente dispensados».

Reparações navais

Os trabalhadores da Sociedade de Reparações Navais, reunidos ontem no Ginjal outorgaram à comissão de trabalhadores todos os poderes para declarar formas de luta contra o que foi designado como «boicote do patronato» sobre negociações salariais.

Os trabalhadores, em número de 370, repudiaram igualmente o projecto de

«lay-off» proposto pelo Governo.

Beiersdorf

Sessenta por cento dos trabalhadores da empresa Beiersdorf Portuguesa aderiram às paralisações diárias de seis horas iniciadas na terça-feira e ontem terminadas — informou o Sindicato dos Químicos.

Os trabalhadores daquela empresa, que lutam por um aumento salarial de 10 por cento, entregaram já novo pré-aviso de greve para o período de 12 a 16 deste mês, igualmente com paralisações de seis horas diárias entre as 9 e 30 e as 12 e 30 e entre as 15 e as 18 horas.

Diferendo na TAP

Tripulantes de médio curso acusam sindicato de firmar «acordos ilegais» que prejudicam a empresa

Um porta-voz de mais de 50 por cento dos tripulantes de médio curso TAP revelou que erros de gestão racional do pessoal de voo estão a provocar milhares de contos de prejuízos à empresa.

A questão tem por base «a negociação particular e ilegal», entre o Sindicato dos Comissários e Assistentes de Bordo e a Transportadora Aérea Nacional, favorecendo os tripulantes de longo curso em detrimento dos seus outros colegas, adiantou.

As direcções do sindicato, refere, integradas maioritariamente por tripulantes de longo curso (a actual é ocupada exclusivamente por eles), tem negociado com a TAP «condições de trabalho inferiores às que estão em vigor e que, se teoricamente afectam todos os tripulantes, na prática afectam quase exclusivamente os de médio curso».

Esclareceu que os tripulantes de longo curso, «em número de 600, operavam em 1976, devido às ligações com África e Américas, 14 aviões, enquanto hoje

somente existem nove. Os de médio curso, que em 1976 eram 200 e actualmente 300, distribuíam-se antes por sete aparelhos e hoje por 16».

A TAP, após a independência dos países africanos de língua oficial portuguesa e com a recessão da aviação comercial, dedicou-se primordialmente ao mercado europeu, aumentando a frota de aparelhos de médio curso e alienando alguns dos outros.

Por isso, argumentam os tripulantes de médio curso, «o excesso de tripulantes de longo curso é manifesto e traduz-se em prejuízos elevados para a TAP» que, «em 1982 deixou de aproveitar 40 mil horas de voo daqueles tripulantes embora «nas remunerações destes já estivessem incluídas aquelas 40 mil horas».

Entretanto, os tripulantes de médio curso «não só voaram todas as horas correspondentes aos seus vencimentos, como a TAP teve ainda de lhes pagar mais de 60 horas, enquanto os de longo curso tiveram 40».

Esta situação leva a empresa, nos períodos de ponta (Verão, férias do Natal e da Páscoa), a recorrer à contratação de tripulantes eventuais para o médio curso e a lançar mão dos aviões disponíveis de longo curso e do pessoal que lhe está afecto».

«Acordos ilegais»

A situação agrava-se pelo facto de a TAP, a partir de 25 de Agosto, ter vindo a cancelar al-

guns voos, a ter efectuado outros com grande atraso e a ter de recorrer, em vários casos, ao frete de aviões a companhias estrangeiras, nomeadamente a Swissair e a Ibéria, «com o consequente dispêndio de divisas».

Ao acusarem a actual direcção do sindicato de estar a negociar com a empresa «acordos ilegais que violam a contratação colectiva em vigor» nos quais «têm abdicado das cláusulas que ainda vão protegendo os tripulantes de médio curso», referem-se nomeadamente à disposição legal do Regulamento Interno de Pessoa! Navegante que data de 1978 (RIPN).

Este foi preterido por disposição legal quando a TAP foi declarada em situação económica difícil, sendo então implementado um regime sucedâneo.

Porém, como este era válido por um ano e não foi prorrogado, «voltou a entrar legalmente em vigor o RIPN-78 que, todavia, não está a ser aplicado».

Entretanto, acrescentam, «o sindicato introduziu alterações ao RIPN-78, dando origem a um novo documento que não foi aprovado pelo ministro da tutela e se suspeita que nem sequer lhe tenha sido presente para esse fim».

«Trata-se — frisaram — de uma espécie de acordo particular com a empresa, o que torna manifestamente ilegal e prejudica notoriamente os tripulantes de médio curso, que hoje dificilmente ou nunca têm acesso ao longo curso, como acontecia até 1976,

em que após três ou quatro meses passávamos aos grandes aviões».

«Injustamente sacrificados»

«Além disso, temos consciência de que estamos a ser o suporte da rentabilidade operacional da TAP, sendo injustamente sacrificados e discriminados em relação aos de longo curso», que «não querem abdicar dos seus três a quatro voos por mês nos grandes aviões, e outros tantos aos médios, enquanto nós chegamos a efectuar 20 ou mais».

Os tripulantes de médio curso consideram que o Sindicato dos Comissários e Assistentes de Bordo está disposto a ceder tudo, desde que a TAP não altere o antigo regime de utilização, pelo que «exigem o cumprimento rigoroso do acordo colectivo de trabalho em vigor e não aceitar acordos ilegais feitos pelo sindicato».

Todavia, acentuam, «tememos que algumas ameaças se cumpram e a empresa venham a instaurar a alguns de nós processos disciplinares que poderão conduzir a despedimentos, como forma de intimidação pela nossa verticalidade».

Essa hipótese, salientam, «é tanto mais grave quando a própria direcção do sindicato já fez constar que não defenderá os associados que cumpram o acordo colectivo de trabalho», por se recusarem a aceitar os «seus acordos particulares e ilegais com a empresa».

Ontem à tarde

Trabalhadores da Marinha Grande repudiaram ocupação policial

PI's deixaram a vila antes da manifestação

Cerca de três mil trabalhadores, na sua maioria da indústria vidreira, manifestaram-se ontem à tarde em frente à Câmara Municipal da Marinha Grande contra a ocupação policial determinada pelo Ministério do Interior e que a edilidade local considerou «um insulto à população».

Momentos antes da concentração, a força policial de intervenção, que não teve qualquer actuação, abandonou a vila.

Da varanda dos paços do concelho, falaram aos manifestantes Álvaro Rana, representante da CGTP/IN, Raul Ferreira, presidente do Sindicato dos Vidreiros, e Emílio Rato, presidente do município local.

A realização desta manifestação, como salientaram os dirigentes sindicais demonstrou que o povo da Marinha Grande não se intimidou com a demonstração de força montada pelo Governo. Pelo contrário, os trabalhadores manifestaram a sua indignação e repúdio por aquela acção.

A concentração foi organizada pelo Sindicato da Indústria Vidreira, que também apelou ao Presidente da República para interceder no sentido de normalizar a situação.

Exigidas soluções concretas

Nas intervenções registadas durante a concentração, os três oradores, além de exigirem a retirada imediata dos elementos policiais, reclamaram soluções

concretas para a viabilização da indústria vidreira, há muito prometidas pelo Governo, mas que ainda não foram concretizadas.

Os presentes aprovaram por unanimidade e aclamação uma moção que lhes foi proposta e na qual se repudiava «enérfica e inequivocamente a decisão do Governo de ocupar policialmente a vila». Neste documento lembra-se que os vidreiros «vêm lutando pela via do diálogo quando lhes tem sido aberto ou pelas acções de massas quando tal lhes tem sido imposto» e salienta-se que a solução dos problemas tem sido sistematicamente adiada, «o que tem produzido um drástico agravamento nas condições de trabalho e de vida de todos». A moção exige que o Governo adopte medidas de emergência para superar a grave situação dos trabalhadores vidreiros, «hoje sem trabalho», bem como as necessárias à rápida recuperação do sector.

Repúdio da CGTP

A CGTP/IN repudiou a acção governamental, acusando o Executivo de «desmascarar a sua face repressiva». A central sindical, que considerou a operação policial como «uma acção intimidatória de carácter fascizante», diz que o recurso à repressão é «sinal de incapacidade e falta de vontade política para resolver os gravíssimos problemas com que os trabalhadores de debatem».



EPAL

Empresa Pública das Águas Livres

INFORMA

ABASTECIMENTO DE ÁGUA À ÁREA DA GRANDE LISBOA DURANTE O MÊS DE AGOSTO

1 — PRODUÇÃO

O volume total de água captada pela EPAL durante o mês de Agosto atingiu 15 589 milhares de m³ contra 15 411 milhares de m³ durante igual mês do ano anterior, com um aumento de 178 milhares de m³ correspondendo a 1,1%.

2 — FORNECIMENTO AOS MUNICÍPIOS LIMÍTROFES

A água entregue ao conjunto dos municípios abastecidos pela EPAL no mês de Agosto findo somou 6885 milhares de m³ contra 6618 milhares de m³ em Agosto de 1982 e 6829 milhares de m³ em Julho do corrente ano, com os acréscimos de, respectivamente, 267 e 56 milhares de m³, correspondentes a 4,0% e a 0,8%.

3 — INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O fornecimento de água em toda a área da responsabilidade da EPAL, apesar dos baixos caudais e níveis da água verificados no rio Tejo, em Valada, tem-se processado em condições normais, não tendo sido significativas as restrições pontuais que eventualmente foi necessário adoptar em consequência de vicissitudes imprevistas.

Lisboa, 8 de Setembro de 1983

ÁGUA É VIDA... NÃO A DESPERDICE

Novos tribunais de Trabalho

O «Diário da República» vai publicar dentro de dias uma portaria que declara a instalação dos tribunais do trabalho de Loures e Vila Franca de Xira, criados em 1978 mas que ainda não estão em funcionamento.

O diploma foi assinado na terça-feira pelo ministro da Justiça, inserindo-se a decisão no conjunto de medidas que estão a ser tomadas visando o desbloqueamento da administração da justiça laboral, especialmente nas áreas metropolitanas de Lisboa e Porto.

Nesse quadro, foi recentemente instalado o Tribunal do Trabalho de Vila Nova de Gaia, que será inaugurado em 2 de Outubro, e os de Matosinhos, Penafiel e Santo Tirso, já em funcionamento.

O Ministério da Justiça «envia actualmente esforços para serem instalados outros tribunais do trabalho, nomeadamente os da Amadora, Maia, Valongo e Gondomar», refere a nota do Ministério.



FIDELITY

Fidelidade ao som
Fidelidade ao melhor preço

- O sistema compacto HI-FI com que você sempre sonhou
- Especialmente estudado para ocupar pouco espaço e com possibilidade de aplicação em rack
- Grã-discos-gravador/reprodutor de cassetes
- Tuner Amplificador
- Indicadores de Led para rádio e gravador
- Saida 15 W musicais

Fidelity som mais fiel

SABIEL

LISBOA • PORTO

Séculos XIX e XX

Pintores da Escola do Porto preencherão exposição na Gulbenkian

Vai inaugurar-se no dia 13 do corrente, às 18 horas, nas Galerias das Exposições Temporárias do Museu Calouste Gulbenkian, uma Exposição sobre «Pintores da Escola do Porto — Séculos XIX e XX — nas colecções do Museu Nacional Soares dos Reis».

A exposição é constituída pela apresentação de um total de 70 obras de pintores como João Baptista Ribeiro, Augusto Roquemont, João Correia, António José da Costa, Silva Porto, Marques de Oliveira, Artur Loureiro, Henrique Pousão, João Augusto Ribeiro, Sofia Martins, António Carneiro, Heitor Cramêz, Dordio Gomes, Agostinho Salgado.

Este grupo de «paisagistas dos meados do século XIX reveste-se de grande interesse para a História de Arte em Portugal, pois a sua influência nos nossos artistas virá a originar, por volta de 1880 uma corrente naturalista, que tem como introdutores Silva Porto, Marques de Oliveira e que domina qualquer outro género de pin-

tura no final do século».

A colecção de pintura que vai ser apresentada faz parte do acervo do Museu Nacional de Soares dos Reis e é exclusivamente dedicada aos artistas da Escola do Porto. As obras são dos pintores que cursaram ou foram mestres de Passos Manuel, quer na Escola de Belas-Artes, surgida em 1936, com a reforma da Escola Superior de Belas-Artes, cujo título oficial data de 1950.

Esta nova exposição, para além de um despertar — afirma a dr.^a Maria Teresa Gomes Ferreira, directora do Museu Gulbenkian — de interesse pelo acervo de um Museu que «guarda» significativa representatividade de um dos momentos mais altos da expressão artística portuguesa, permitirá de novo uma aproximação dessas influências — aliás já suficientemente tratadas entre nós — encontra esta exposição imediata justificação neste contexto.

Oficina de Fotografia Batalha 83

Até 17 de Setembro, próximo, decorre no Mosteiro de Santa Maria da Vitória da Batalha, a Oficina de Fotografia, Batalha 83, organizada pelo ARCO — Centro de Arte e Comunicação Visual em colaboração com o Museu do mesmo Mosteiro.

Foram convidados a orientar esta Oficina, de carácter eminentemente prático, os fotógrafos Jacques Minassian — França — e Nicolas Sapiéha — EUA — que se deslocam ao nosso país espe-

cialmente para esta actividade e os fotógrafos portugueses Manuel Silveira Ramos e Maria do Carmo Galvão Teles. Os 10 participantes, que detêm pelo menos três anos de prática, foram recrutados por convite às instituições que ministram cursos de fotografia no nosso país. (ARCO, ESBAL, ESBAP, IADE, IPF, ETHER, DIFERENÇA, SNBA e ASS. ACAD. COIM-BRA).

Cinemateca 25 anos de difusão

A Cinemateca comemora o 25.º aniversário da sua actividade de difusão de 10 a 29 de Setembro com a exibição de filmes, uma exposição e o lançamento de um livro do seu fundador, Manuel Félix Ribeiro.

Durante este período serão apresentados na sala da Cinemateca obras clássicas do cinema, documentários e curtas-metragens recuperadas dos primórdios do cinema português, enquanto na Sociedade Nacional de Belas-Artes estará patente uma exposição documentando a história e a actividade da

Cinemateca.

O aniversário será ainda assinalado com o lançamento de duas edições da Cinemateca — o livro «Filmes, Figuras e Factos da História do Cinema Português 1896-1949» de Manuel Félix Ribeiro, e um volume intitulado «25 Anos da Cinemateca Portuguesa».

As comemorações terminam no dia 29 de Setembro com uma sessão seguida da exibição de filmes de Aurélio Paz dos Reis, pioneiro do cinema português, e documentários portugueses dos anos 10, 20 e 30.

FESTA DO “AVANTE!”

Começou ontem na “cidade dos

Começou ontem ao fim da tarde, no Alto da Ajuda, a oitava festa do semanário «Avante!», órgão do comité central do Partido Comunista Português. Durante este fim de semana, o Alto da Ajuda será palco de acontecimentos culturais, desportivos e políticos. Para isso, foi construída nos terrenos inóspitos da colina de Monsanto uma verdadeira cidade: a dos três dias, tempo de duração de mais uma edição da «Festa do Avante!».



Foram muitos os milhares de pessoas que, a partir das 19 horas se foram dirigindo para o terreiro da festa, provocando verdadeiros engarrafamentos nas estradas que conduzem ao Alto da Ajuda.

Em relação às anteriores edições da Festa realizadas no Casalinho da Ajuda, verificaram-se algumas alterações, sobretudo no «arrumar» dos palcos e estruturas.

Assim, o palco n.º 1, palco 25 de Abril, mudou de zona, estando agora numa área onde a inclinação do terreno é maior, o que permite uma melhor visão da plateia e, facto importante, resguardando o som do vento de norte que, em anteriores edições da festa, levava para longe do auditório os sons e vozes sonoras. Neste aspecto, a totalidade das instalações sonoras dispõem de uma potência de 100 000 wats.

Outra novidade é a criação de novos espaços: «Café Concerto»; «Arraial»; «Palco Alentejo»; Auditório 1.º de Maio.

**Destaque para
Bienal e 1383**

No domínio das exposições, há a destacar a IV Bienal de Artes Plásticas, o aniversário da Revolução de 1383/85 e a do Centenário da morte de Karl Marx, para além da dedicada à «Situação Política e Acção do Partido».

A Bienal, já na sua IV edição, é ponto de encontro de um grande número de artistas plásticos, mas há a destacar os dois espaços nobres consagrados a Abel Manta e Carlos Botelho. Doze óleos de cada um destes pintores, constituem uma mostra de que destacamos o auto-retrato de Abel Manta e dois retratos (do dr. José de Bragança e do maestro Teófilo Russell). De Botelho, pintor de Lisboa, vários óleos sobre os mais pitorescos

Elba Ramalho: uma voz que vem do nordeste

Foi no fim do jantar, no Brasuca: na mesa lá do fundo a sinfonia começou de repente. O ritmo era diabólico. Tudo servia para tirar música: garfo, faca, colher, copo, garrafa, prato. A pandeireta, batida quase com magia, servia de fundo. E a voz de Elba Ramalho, brincando como só ela sabe, acompanhava os tocadores do improviso — afinal tocadores profissionais que nos palcos desse mundo sempre acompanham a vedeta Elba. Foi lindo de morrer — só que soube a pouco, pois a conta estava paga e a gente levantou-se e foi embora.

Juca — dono e alma do Brasuca, figura única e querida de todos os que conhecem aquele restaurante amigo onde cada um se sente como em sua casa — interrompeu a conversa e a cer-

veja que a amaciava. Chamou Elba, que se sentou na nossa mesa.

Descontraída, simples, anti-vedeta, Elba Ramalho falou de si e do Brasil. Do seu nordeste, onde nasceu há 32 anos e começou no teatro e na canção. Disse do seu contentamento por estar em Portugal e da sua alegria por ir actuar na Festa do «Avante!».

«Val saber a pouco. Gostava de ficar, mas tenho muitos compromissos no Brasil e tenho que ir mesmo. Mas voltarei».

Elba e o seu grupo tinham chegado nesse mesmo dia (anteontem). Mas já estavam ganhando pelo que tinham visto e pela recepção que tiveram.

«Os compromissos é que estragam tudo» — diria ainda, brincando, Elba Ramalho. E os

seus olhos, vivos, brilhantes, expressivos sorriam no seu rosto moreno de nordestina...

...E o Juca aproveitou para confirmar o que já sabia: Elba é um caso muito sério da música brasileira. Neste momento é mesmo um dos nomes mais sonantes e populares de todo o Brasil. Foi Maria do Céu Guerra, recentemente regressada do país do Chico Buarque quem afirmou: «Elba Ramalho? Mas é o que se ouve em toda a parte! Não se pode passar à porta de uma loja de discos que ela não esteja a cantar».

Daí os compromissos: na TV e dentro de dias no Rio de Janeiro no Canecão, a catedral da Música Popular Brasileira (MPB). Juntamente com os nove músicos que a acompanham e são, também eles, um espectáculo.

Magia no palco

De Elba Ramalho conheço apenas os discos. Dizem, no entanto, que ao vivo é muito melhor: ela não canta apenas. No palco, transforma-se. Entrega-se ao espectáculo, vive-o intensamente, adora ter o público à sua frente. Repetiu-me o que um dia disse a outro jornalista:

«Realmente eu sofro uma grande transformação quando piso no palco. Tem pessoas que dizem que é um espírito que 'baixa' em mim. Às vezes estou com dor de cabeça, ou chateada com alguma coisa, e tudo passa quando entro no palco. Eu simplesmente me solto por completo no palco. O cansaço passa, a dor vai embora, fico boa até da rouquidão».

Se conduzir não beba



ALCOOL E CONDUÇÃO

FESTA DO "AVANTE!"

a festa
três dias"

recantos da cidade, levam-nos a revisitar Lisboa, num percurso que muitos já esqueceram.

Ponto importante, pelos meios utilizados e pelos resultados obtidos, é a exposição dedicada ao 600.º Aniversário da Revolução de 1383/85. Num espaço, onde se alia um palco de teatro a uma tela gigante, vários quadros de Rogério Ribeiro acompanham e ilustram extractos da Crónica de D. João I de Fernão Lopes. «Antes nos calariamos que escrever coisas falsas» é a frase do cronista que encima o cenário do palco, onde o Grupo de Teatro de Campolide representará extractos da peça de Virgílio Martinho.

Na tela, o filme da peça, numa montagem bem conseguida entre a representação e a projecção de «slides» referentes a vários aspectos da época. Os trajes, desde a malha do cavaleiro, ao fato da camponesa integram-nos mais na época.

Na interpretação dos dados, o programa é aliciante. Armando de Castro falará hoje sobre «O Porto em 1383» (16 h). Mais tarde está programado um colóquio sobre «A arte portuguesa após 1383». À noite, pelas 20.30 h, será a vez de Oscar Lopes que antecede uma intervenção de Carlos Aboim Inglês subordinada ao tema «1383 e a actualidade». Amanhã, António Borges

Coelho abordará o tema pelas 16 horas.

O beduíno
conhecia Pessoa

Do extenso programa de ontem, escolhemos a intervenção de António Vitorino de Almeida no espaço «Forum». O pequeno auditório estava repleto. Na assistência, alguns jovens que preferiram a intervenção do maestro à actuação dos UHF, e um público fiel, recrutado em tempos idos no pequeno écran.

Com a capacidade de comunicação que se lhe reconhece, António Vitorino de Almeida, sem os meios necessários para, à partida, grandes voos (faltava-lhe o piano de cauda substituído por um eléctrico) deu uma lição prática de como se pode ultrapassar o gelo entre a plateia e o palco.

Olhando com ar irónico para o Yamaha exclama em voz alta: «não sei quantas oitavas isto tem, mas vou tentar contactar com o bicho». Após uma primeira experiência, interroga o maestro: «não sei como isto se chama... não é um órgão». Vozes da plateia fornecem a indicação: «é um piano eléctrico». «Eléctrico é, mas não sei tocar isto, está aí alguém que perceba...»

A dificuldade em accionar o pedal, leva a que Vitorino de Al-

Três convidados
retidos no aeroporto

Uma nota da SIP do PCP informou ontem que três convidados estrangeiros à Festa do «Avante!» foram obrigados a regressar aos respectivos países após recusa de vistos pelas autoridades portuguesas.

Trata-se de Girma Beshu, da Etiópia, Sarada Mitra, do PC da Índia e de Yasser Alawahawa, da Organização de Libertação da Palestina.

A nota acusa o Governo de «má vontade, intolerância e intransigência» e do recurso a «falsos argumentos burocráticos» para não «resolver situações que, no passado, têm sido superadas».

Esclarece que estes convidados ou não obtiveram ou não lhes foram concedidos em tempo útil vistos de entrada em Portugal nos países de origem, o que levou o PCP, em Lisboa, a estabelecer contactos oficiais alertando para o facto e solicitando facilidades.

Acrescenta que segunda-feira passada uma delegação do PCP se avistou com o secretário de Estado da Cooperação, «tendo obtido deste membro do Governo a garantia de que seriam resolvidas as situações previstas de convidados que iriam pedir o visto quando chegassem ao aeroporto de Lisboa».

O PCP diz a nota, «exprime o seu mais firme protesto contra esta atitude do Governo».

meida, pedagogicamente, mas sem pompa, explique à assistência a função do pedal no piano.

Depois, habituado ao instrumento, liga as peças que vai tocando a aspectos políticos (a causa palestina e o problema sa-rauí) e às emoções que o levaram a escrevê-las. Recém-chegado do deserto do Sara, de um contacto com a Frente Polisário, Vitorino de Almeida fala da sua experiência do deserto. «Conhecemos pouco daquela gente; eu antes de lá ir praticamente não conhecia nada. Ol-

hem, um dia a falar em espanhol, com um beduíno ele disse-me que conhecia Fernando Pessoa e já sabia que Adriano Correia de Oliveira tinha morrido».

Collins, Ramalho
e Gonzaga

Seria naturalmente fastidioso dar todo o programa previsto para hoje e amanhã nos sete espaços dedicados à música na Festa do «Avante!».

Apenas relembrar que hoje Judy Collins actuará no palco principal pelas 22 horas. Uma hora antes Rão Kyao estará presente no auditório 1.º de Maio. Com um «sprint» poderá o leitor interessado ter um «cheirinho» de Rão e assistir ao espectáculo de Collins.

Amanhã, das 15 às 18 horas, a música portuguesa estará no Palco 25 de Abril, representada pela Brigada Vitor Jara, Jáfumega, Sérgio Godinho e por um conjunto de percussões populares portuguesas.

Depois do comício, pelas 19 horas, e a encerrar a «Festa!», natural destaque para Elba Ramalho e Luís Gonzaga, a voz recomendada por Chico Buarque, e o som quente e divertido da sanfona.

Ainda a guitarra portuguesa, guitarra clássica no Auditório 1.º de Maio, das 16 às 17 horas com Carlos Paredes, Fernando Alvim e grupo de jovens instrumentistas de guitarra clássica.

N.R.



Governo quer divisas cá

Já não há
Iglésias a cantar
para a gente

O Governo proibiu ontem o cantor espanhol Júlio Iglésias de cantar no próximo sábado para milhares de portugueses, no Restelo, condicionando do mesmo passo a sua actuação, já na sexta-feira, no Casino do Estoril. A decisão saiu ontem à tarde do Ministério do Trabalho com a chancela do secretário de Estado, Custódio Simões.

As razões apresentadas têm a ver com a «imperativa necessidade de se conter a saída de divisas», nos termos do despacho que chegou aos órgãos da Comunicação Social, e «as dificuldades financeiras que enfrentam o Governo e o País». A decisão do Ministério do Trabalho, transmitida através de um comunicado da Direcção-Geral dos Espectáculos e do Direito do Autor, embora moralmente persuasiva, não parece pelo menos por enquanto estribada em fundamentação legal, constitucional.

Nunca nos últimos anos tal acontecera em Portugal, isto é, desde Abril de 1974, pelo menos, que o Governo jamais proibira um espectáculo de música ligeira em Portugal. Mas a apresentação de Júlio Iglésias no Casino do Estoril poderá vir a ser um facto no próximo dia 16 do corrente, caso o promotor do espectáculo esteja registado na Direcção-Geral de Espectáculos, encontrando-se igualmente na dependência do MT.

O empresário que decidiu trazer Júlio Iglésias a Portugal sairia assim fortalecido nas suas afirmações, pois considera ser o «único bode expiatório da nossa balança de pagamentos». Alexandre Basto está decidido, contudo, a que Júlio Iglésias cante nesse dia, «nem que venha cantar só para mim», afirmou a um matutino. A autorização para a gala de beneficência no Casino do Estoril passará, de acordo com o MT, pela assinatura de um compromisso escrito em como, dois dias após o espectáculo, o empresário apresentará na Inspeção-Geral do Trabalho documento comprovativo da entrega da totalidade da receita à Liga Portuguesa Contra o Can-

cro. Sobre isto, opina Alexandre Basto que a decisão do Governo «é a todos os títulos grave, já que está a proibir que se dê alguns milhões de escudos à LPCC».

E os outros?

Os efeitos publicitários de tal medida estão já a ser sentidos, ao mesmo tempo que no ar paira a ideia de «sérios indícios de que o contrato apresentado (pelo promotor) seja uma figura fictícia». Como referiam hoje especialistas nestas iniciativas artísticas, o MT levanta assim, deixando o véu encoberto, algumas suspeitas de fraude. Aliás, isso mesmo surgiu ontem por parte do MT ao considerar que o facto do espectáculo ter sido publicitado e de os bilhetes terem sido emitidos antes da homologação do contrato é «uma acção ilícita que denuncia intenção deliberada de criar um facto consumado», segundo o despacho.

A seu favor tem o Governo o facto de entre o «cachet» que lhe foi apresentado e a cobrar por Júlio Iglésias, na ordem dos três mil contos, e o preço que normalmente embolsa em galas deste tipo, ser evidentemente desfasado. Entretanto, a afirmação, por parte da editora do cantor, a CBS portuguesa, de que Iglésias viria ganhar doze mil contos, mais faz avolumar as dúvidas do Governo. Perdem assim os portugueses «um dos mais importantes acontecimentos que o País poderia presenciar até hoje» — afirmou o mesmo representante da CBS.

Enfim: é esta, em poucas linhas, a situação que convida a reflectir. Mas convirá ter bem presente a larga soma de divisas que saem com os jogadores e treinadores estrangeiros de futebol, e não esquecer que Roberto Carlos deu o ano passado um concerto que não estava autorizado, sem que ninguém, na altura, se tivesse preocupado. Do mesmo modo, recorde-se que ao anterior secretário de Estado do Turismo (Nandim de Carvalho) chegaram a ser pedidos trinta mil contos para a vinda a Portugal dos «Rolling Stones».

tremenda
brasileiro

Rouquidão: dos discos — e são já cinco LP's — isso percebe-se. Elba tem uma voz 'estranha', que vem cá do fundo, por vezes a roçar uma certa rouquidão, a fazer lembrar um não sei quê de conhecido e bom, quase mágico.

Nos minutos, breves, em que conversámos no Brasuca, Elba teve tempo, também, para falar de coisas que a preocupam. A vida dos seus conterrâneos nordestinos, por exemplo. O drama do seu povo acompanha-a. Refere imagens da seca terrível, do quase nada que se faz por aquela gente, dos contrastes sociais gritantes que moram no seu país. Da revolta que sente pela morte silenciada de tantos irmãos seus. E com voz rouca exclama:

«Deus meu, o que se podia fazer no Brasil se a situação

fosse outra!».

Claro: falámos da telenovela, do teatro, da canção brasileira. Da sua admiração pelo Chico Buarque. E dos seus êxitos também: Elba, popularíssima no Brasil, começa igualmente a ser nome grande em muitos países por onde tem passado. O último que visitou — acabou de chegar de lá — foi Israel. Mas esteve já no Festival de Montreux (um sucesso tremendo), em Berlim, na Martinica, em Angola. E agora Portugal. Sem dúvida mais um marco do seu êxito, enorme, em construção. O seu corpo ágil e bonito, o seu rosto expressivo, a sua voz diferente não mais vão ser esquecidos por quem a vir nos palcos da Festa do «Avante!».

R.C.

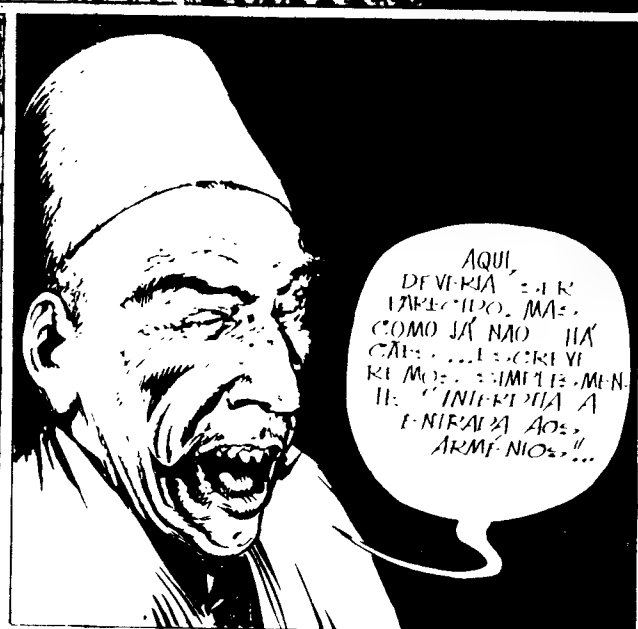


A ilha dos cães

Desenho Florenci Clavé

Texto Guy Vidal

7



Continua

Caçador desequilibrou-se ao disparar Afogado na ria de Aveiro por se ter voltado o barco

Por se ter voltado o barco em que caçava, juntamente com mais dois amigos, no Esteiro dos Frades, em plena ria de Aveiro, morreu afogado João da Rocha Sardo, de 55 anos, que residia na Rua de D. Manuel Trindade Salgueiro, na Gafanha da Nazaré. Os companheiros do infeliz caçador eram o primeiro sargento do Exército Vítor Manuel dos Santos Jorge, de 29 anos, com residência na Rua de Nuno Gonçalves, também na Gafanha da Nazaré, e José Carlos Sal Gomes Ferreira, de 23 anos, morador na Rua D. Manuel Trindade Salgueiro.

Na sequência de um disparo, João Sardo desequilibrou-se e com o balanço o barco começou a meter água. Tentaram, então, remar para terra, mas a embarcação foi metendo cada vez mais água até se voltar. Nessa altura,

João Sardo mergulhou e perdeu o contacto com os seus companheiros que permaneceram agarrados aos bordos do barco.

O cadáver de João Sardo seria encontrado ontem, à tarde, quase 24 horas depois da trágica ocorrência, pelos marmotos que seguiam a caminho das salinas. De referir que, logo após o acidente, os bombeiros de Aveiro procederam a buscas no local, mas não conseguiram encontrar o corpo do infeliz caçador, o que se justifica pelo facto de este trazer a cartucheira na cinta e botas de borracha.

O barco pertencia a Vítor Manuel que, sem perder a calma, conseguiu safar-se a nado juntamente com o José Carlos, depois de ambos se terem desfeito das respectivas cartucheiras, das armas e das botas pesadas.

Em residências, viaturas e não só Capturada uma quadrilha que actuou de Norte a Sul

A 3.ª Brigada da 4.ª Secção da Polícia Judiciária do Porto concluiu ontem um processo relativo a uma quadrilha que actuou em todo o país, provocando prejuízos no montante de milhares de contos. Dela faziam parte quatro indivíduos conhecidos pelos apelidos de Barros ou «Lavrador», Rebelo, Moreira ou «Sarriro», e Oliveira ou «Zé Espanhol» que se encontram detidos em Custóias à ordem do Tribunal de Santo Tirso, para onde foi remetido o processo.

Entre os assaltos praticados destaca-se aquele que ocorreu na madrugada do dia 28 de Março do ano passado, por meio de arrombamento, na fábrica «Hidrófila Avense», situada no lugar de Romão, na Vila das Aves, de onde levaram um revólver, uma máquina de calcular e outros artigos, avaliados em cerca de uma

centena de contos.

Mas nem sempre o quarteto actuou em conjunto, já que em alguns casos apenas estão referidos dois assaltantes. Será o caso, por exemplo, do roubo que foi praticado pelo duo Barros-Rebelo, na residência de Manuel Amado Pontes, sita no pinhal da marina de Vilamoura, na Quarteira, de onde desapareceram diversas moedas de ouro que faziam parte de uma colecção, uma pistola, um revólver e dinheiro, tudo no valor aproximado de 1100 contos.

Ou, ainda, o assalto recente (9 de Abril), praticado pelo mesmo duo na residência de Joaquim Leal de Brito da Mana, na Volta da Corça, também em Vilamoura, Quarteira, onde surripiaram uma aparelhagem de filmar, alguns objectos de ouro e dinheiro, tudo avaliado em 400 contos.

Em Castelo de Paiva, a 50 metros da GNR

Assalto a ourivesaria rendeu 1500 contos

Volvidos quatro anos, a Ourivesaria Gaspar, propriedade do actual presidente da Câmara de Castelo de Paiva, situada em pleno centro desta vila, foi de novo assaltada durante a madrugada de ontem. Desta feita, os gatuos terão levado cerca de 1500 contos em relógios e artigos de ouro que se encontravam nos expositores, já que não conseguiram abrir o cofre, como era sua intenção.

Os assaltantes entraram na ourivesaria — que está equipada com um sofisticado sistema de alarme que não funcionou — através do primeiro andar do prédio que se encontra devoluto. Abriam um buraco no soalho com a ajuda de brocas manuais e, através dele, desceram para a ourivesaria, servindo-se para o efeito de um cortinado enrolado. Como disseram os gatuos tentaram abrir o cofre onde havia uma quantidade apreciável de valores, mas foram mal sucedidos, visto que a fechadura, apesar de danificada, não cedeu aos

seus intentos. Por isso, os meliantes recolheram todos os artigos que se encontravam nos expositores e saíram pelo mesmo buraco por onde tinham entrado.

O alarme não funcionou e a GNR, cujo posto fica situado a 50 metros, também não se apercebeu de nada. Só pela manhã, quando abriram o estabelecimento é que os empregados deram pelo roubo.

Há quatro anos, mais exactamente na madrugada de 9 de Março de 1979, os gatuos utilizaram o mesmo processo para entrarem no referido estabelecimento. O autor do roubo foi, então um cadastrado conhecido pela alcunha de «orelhas» e outro indivíduo sem grande currículo, que levaram cerca de três mil contos em objectos de ouro. Na sequência das investigações efectuadas pela Polícia Judiciária, foram ambos presos, tendo o «orelhas» apanhado dezasseis anos e meio de prisão, que ainda está a cumprir.

Primeiro acenda o fosforo e só depois ligue o gas. Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

Os tubos do gás não devem ter mais de 1,5 m. Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Discurso directo

As palavras do crítico valem pouco se as compararmos, por vezes, com outras. Nesse caso, o crítico emudece e passa ao discurso directo.

Ouviremos, em primeiro lugar, um precioso depoimento do doutor Emílio Peres, e depois a notícia chegada da Madeira, via Tele-Regiões.

Crime de agora
consequências
amanhã

REPÓRTER — Em média cada família portuguesa gasta em alimentação, não um terço do rendimento familiar, como deveria ser, mas uma verba que ultrapassa largamente metade desse rendimento. Com que consequências? — foi a pergunta que fizemos ao dr. Emílio Peres responsável pelo único curso superior de nutricionismo do país.

EMÍLIO PERES — Pois para comer, uma família média portuguesa precisa mais, bastante mais do que aquilo que auferem em média como salário. Isto significa que nos estamos a aproximar de consumir tudo o que ganhamos, em média, na comida. É evidente que vai acontecer uma coisa muito má, e já está a acontecer: é que as pessoas comem mal. Elas comem alguma

coisa, até podem encher o estômago, mas o que de certeza não vão é comer de uma forma a proporcionar-lhes saúde.

REPÓRTER — E isso reflectir-se-á daqui a 15, a 20 anos? Vamos ter uma geração novamente com carências?

EMÍLIO PERES — Como as crianças, na sua fase de desenvolvimento, carecem de uma alimentação muito cuidadosa, rica, abundante e variada, elas não se vão desenvolver de uma forma adequada, pelo que, de imediato, vamos ter doenças infantis aumentadas, vamos ter mais otites, mais amigdalites, mais bronco-pneumonias, mais sarcomos graves, portanto vamos ter maior mortalidade infantil, maior mortalidade entre crianças de um a quatro anos. E como elas se vão desenvolver de uma forma incompleta vão ser meninos débeis, que quando atingirem a adolescência, daqui a poucos anos, o que lhes vai acontecer é que, nesse momento, em que necessitam de resistências e capacidade para se desenvolverem de uma forma rápida, solicitada pela mudança de idade, é que não vão ter possibilidade de responder. De maneira que, se calhar, vamos ter mais tuberculose, e outras doenças que afectam esse grupo etá-

rio quando as pessoas não estão protegidas.

«Em termos finais, os portugueses daqui a 20 anos serão mais pequenos do que são aqueles que nasceram numa época de mais abundância, por exemplo à volta de 1974, 1975 em que a alimentação foi francamente melhor, e de um modo geral durante todos os anos 70».

«...A favor de quem
trabalha a terra»

LOCUTOR — A colónia é uma questão social que durante anos tem sido alvo de polémica na região.

Após o 25 de Abril, as autoridades regionais decidiram extinguir este regime e o parlamento madeirense aprovou um diploma nesse sentido. Só que a aplicação da lei esbarra com diversas oposições. De longe a mais significativa é o facto de o diploma ser ou não inconstitucional.

E enquanto tudo isso se passa, a União dos Caseiros da Ilha afirmou hoje, em conferência de imprensa que cerca de dois mil casos ainda se encontram por resolver e acentuou que, no fim do ano expira o prazo para os caseiros reclamarem os seus direitos.

Face a tudo isto, os caseiros

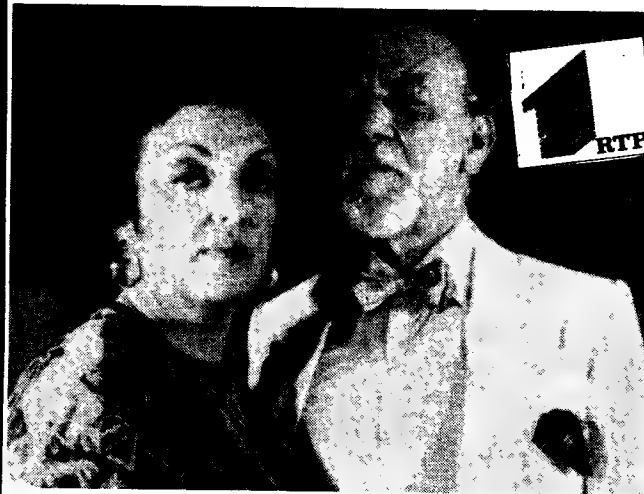
consideraram de muito grave o que se está a passar. Sublinham que os tribunais de Santa Cruz e do Funchal continuam à espera de uma sentença do Tribunal Constitucional e por isso não deram ainda uma única sentença.

No tribunal de S. Vicente, os senhorios recorreram de praticamente todas as sentenças e os caseiros continuam com os seus casos por resolver, considerando grave o facto de o Governo Regional querer fazer crer que a colónia já acabou, quando a maioria dos caseiros continua a não ser dono das terras onde vive e trabalha. Manifestaram preocupação pelo facto de o prazo para os caseiros adquirirem direitos terminar no final deste ano.

CASEIRO — No entanto, se não houver qualquer alteração no fim deste ano, acaba o prazo para os caseiros fazerem os requerimentos. Alertamos todos os caseiros para este facto, sendo necessário que os caseiros façam ouvir a sua voz e façam ver que ainda são muitos os que têm o seu problema por resolver.

«Por isso a nossa luta não vai parar e a colónia, aconteça o que acontecer, vai mesmo acabar. E acabar a favor dos que trabalham a terra».

Hoje



Na Sessão das Onze da RTP-1 exhibe-se mais um filme de «Contos do Improvisto»

- 15.25 Sol de Verão
17.20 Segredos do Mar
18.10 Vivámúsica — especial «Kajagoogoo». Clube Naval, novo duo português; Grupo Novo Rock (GNR).
18.55 «A Enfermeira» — «Uma Questão de Dignidade».
20.00 Telejornal
20.45 O Foguete
21.40 «Dallas» — o penúltimo episódio desta conhecida série.
22.45 Sessão das Onze — «Contos do Improvisto».



Pelas 21 horas, na RTP-2, será apresentado o filme intitulado «O Aventureiro de Cincinnati»



- 17.32 Troféu
21.00 Cinema de Autor — «O Aventureiro de Cincinnati». Intérpretes: Steve McQueen, Edward G. Robinson e Ann-Margret. Realizador: Norman Jewison.
22.45 Clube de Jazz — o Quarteto de Keith Jarrett. Concerto ao vivo, gravado em Broman.

Amanhã



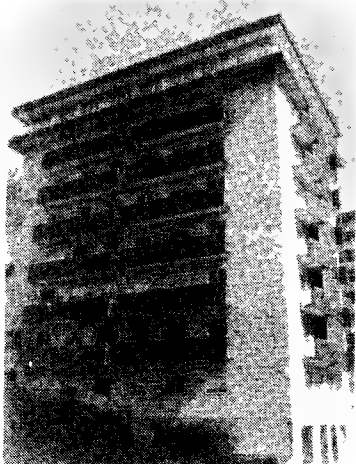
06.42: Missa — celebrada pelo Papa na sua visita à Áustria; 11.35: Setenta Vezes Sete; 12.00: Tempo dos Mais Novos; 13.00: Sumário; 13.30: TV Rural; 13.35: Sombra/Sol; 14.00: «Dias Felizes»; 14.25: Frut'O Chocolate; 16.15: «Espaço 1999»; 17.00: «Sete Novas para Sete Irmãos»; 18.05: Filme Português — «O Grande Elias»; 20.00: Telejornal; 20.30: «Sim, Senhor Ministro»; 21.05: Tempo de Coimbra; 21.30: Homenagem a Francis Ford Coppola; 22.50: Girabola.

14.13: Troféu — com o Grande Prémio de Itália de Fórmula 1 e Motocross de Águeda; 20.00: Os Automóveis e os Homens; 21.00: Top/2; 22.05: «Sweeney».

BATAS ESCOLARES

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confeções
Av. João XXI, 5-D — 1100 (Metro Areeiro) — Rua Infante 16, 55-C — 1300 LISBOA

ALMADA - LARANJEIRO
(PRÓXIMO DAS ESCOLAS)SRS. EMIGRANTES
UMA OPORTUNIDADE

3 E 4 ASS. PRONTO A HABITAR

PREÇOS... UMA SURPRESA

TRATA NO LOCAL — RUA PROJECTADA N.º 2 À
ESTRADA DOS ALAMOS PORTA 3 (EM FRENTE AO
PORTÃO DO CENTRO SOCIAL DO ALFEITE)

2299498 LARANJEIRO

Sesimbra

TRESPASSA-SE por motivo de doença, estabelecimento c/ 3 montras, ramo papelaria, tabacaria, art.º regionais.

Tratar das 9 às 21 horas, Rua Cândido dos Reis, 52. Telefone 2233024.

ENFERMEIRA
URGENTE

Para Associação Humanitária dos
Bombeiros Voluntários da Trafaria
Oferecemos residência se necessário
Telefone 295 00 93



CONCURSO
RTP

Nome _____

Morada _____

Localidade _____ Tel _____

Código Postal

Lic. TV Nº _____

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais
TINTURARIA GUANABARA — Dep. de Confeções

Av. João XXI, 5-D — 1000 (Metro Areeiro)
Rua Infante 16, 55-C — 1300 LISBOA

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
vende-se na PAPELARIA FARRACHA

GRUNDIG

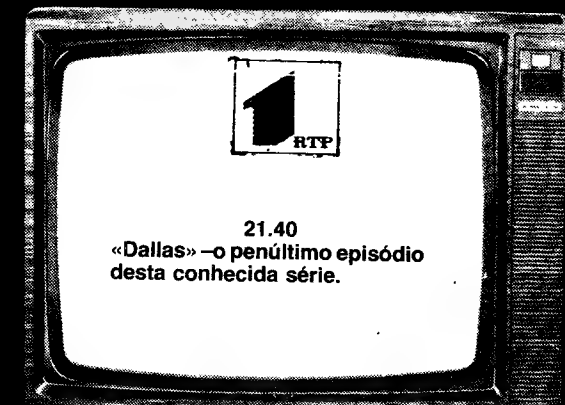
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



«Contos do
Improvisto» - 3
(22.45)



«O Aventureiro
de Cincinnati»
(21.00)



Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



roteiro cultural

Festa do «Avante!»

Começou ontem a festa do «Avante!», a mais importante manifestação de cultura popular de quantas se realizam em Portugal. O programa de hoje e de amanhã é o seguinte:

Palco 25 de Abril: hoje, às 16.30, Coro dos Cossacos de Cuban; 17.30, Francisco Ceia; 18, José Jorge Letria; 19, Os Trovante; 20, Júlio Pereira; 21, Carlos Mendes; 22, Judy Collins. Amanhã, às 14.30, Já-fumega; 15.30, Bana; 16.30, Brigada Vitor Jara; 17.30, comício com Álvaro Cunhal; 18.30, Sérgio Godinho; 20.30, Paulo de Carvalho; 22.30, Elba Ramalho e Luis Gonzaga.

Audatório 1.º de Maio: hoje, às 18, colóquio com Octávio Pato; 19, concerto para dois pianos com Pedro Osório e Mário Laginha; 20, jazz, fado e flamenco com o Quarteto de António Pinho Vargas; 21, Rão Kyao; 22, Quinteto de Jorge Pardo acompanhado por Carlos Benavente; 23, Quinteto de Maria João. Amanhã, às 15, colóquio com Sérgio Vilarigues; 16, Carlos Paredes, Fernando Alvim e um grupo de jovens instrumentistas de guitarra portuguesa; 20.30, Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra; 22.30, Coro da Casa da Cultura da Quimigal; 23, fados de Coimbra.

Palco Juventude: às 17, Grupo Rimanço, dos Açores; 18, Brigada Semente à Terra; 19, Brigada Vitor Jara; 20, Go Graal Blues Band; 21, Grupo Joia. Amanhã, 15, Jazzformation; 16.30, Grupo Jornada; 19.30, Grupo UHF; 20.30, Grupo Guird; 21.30, Luis Filipe Garcês e Natacha Maria; 22.30, Olympic.

Palco Lisboa: hoje, às 16.30, Grupo Tónica SV, da Bulgária; 17.30, Grupo Coral da Filarmónica da Amadora; 18, Olympic; 19.30, Grupo Rimanço, dos Açores; 20.30, Samuel; 21, Manuel Freire; 21.30, Brigada Vitor Jara; 22.30, Jazzformation. Amanhã, às 14.30, Rancho Folclórico de Manique do Intendente; 15.30, Werbank; 16.30, Pedro Barreira; 17, Coro Unidos do Baixo Alentejo; 19.30, Trova Nova; 20.30, José Jorge Letria; 21, Luísa Basto e João Fernando; 22, Os Cossacos de Cuban.

Arreal: hoje, às 16.45, Rancho Folclórico de Vilarinho de S. Romão; 17.30, Rancho Parreira da Chamusca; 18.15, «Festada» do Porto; 19, Rancho Folclórico Os Pastores da Serra; 19.45, Rancho Folclórico da Casa do Povo de Moimenta da Beira; 20.30, Grupo Coral de Cercial do Alentejo; 21, Bandolinistas de Santo Aleixo; 22.15, Cossacos de Cuban. Amanhã, às 14, Banda de Grândola; 15, Rancho Folclórico Rosas de Vila Pouca do Campo; 15.45, Rancho Bago d'Ouro; 16.15, Rancho Folclórico e Cultural de Lagares da Beira; 17, Rancho de Cantarinhas de Meãs do Campo; 17.30, Os Bombos de Almaceda; 20, Danças e Cantares de Ponte de Lima; 21, Grupo de Arte Popular da Liga Regional Riovidense; 22, Rancho Folclórico da Casa do Povo de Manique do Intendente.

Café-Concerto: hoje, às 17, sketches teatrais com Fernanda Montemor; 17.30, a XVII em entrevista; 18.30, animação; 18.45, música brasileira com Hugo Maia; 19.15, Maria Dulce; 19.30, música angolana, com Pedro

do Carmo; 20.30, Fernando Pereira; 21.30, poesia com Ary dos Santos; 22.30, Samuel e Jorge Simões; 23, António Vitorino de Almeida. Amanhã, às 15, diálogos com o público; 16, ilusionismo; 17, Maria Guinot; 19.30, Pedro Ferreira; 20, leilão de obras de arte; 21, lo Apolloni; 22, Teresa Paula Brito; 23, Fernando Pereira.

Palco Alentejo: hoje, às 16.45, Grupo de Pioneiros de Viana do Alentejo; 17.30, Grupo Coral de Vale de Vargos; 18.15, Bandolinistas de Santo Aleixo; 19, Grupo Coral de Aldeia Nova de S. Bento; 19.30, Rancho Folclórico da Casa do Povo de Niza; 20.15, Grupo de Cantares Regionais de Portel; 21, Rancho Folclórico de Santo António das Areias; 22, poetas populares; 23.30, Brigada Semente à Terra. Amanhã, às 15.30, Grupo Coral de Serpa; 16, Orquestra Infantil de Ponte de Sor; 16.30, Grupo Coral de Sobral d'Adiça; 17, Trupe Os Tirones; 19.30, Grupo de Pioneiros de Vendas Novas; 20, Rancho Típico Folclórico das Cantarinhas de Niza; 20.30, Rancho Folclórico de Ponte de Sor; 21, Francisco Ceia; 22, Rajkó.

Amanhã haverá manhã infantil no Palco Alentejo, no Arreal e no Auditório 1.º de Maio.

Cada um pode optar consoante os seus gostos, uma vez que, no que se refere às possibilidades financeiras, é impossível pedir mais: uma entrada permanente, para os três dias da festa, custa apenas 250 escudos.

Há ainda uma expressiva exposição de artes plásticas, astesanato, venda de livros e discos

Continuação da pág. 5

«A derrota»

Por último, trata-se de relembrar aos poderes constituídos de fachada democrática — legislativos, executivos, judiciais, partidos e instituições de solerte moralismo — que existem vítimas das perseguições fascistas (viúvas, ou familiares necessitados) que continuam aguardando uma reparação por parte do Estado. Deste Estado Português pós-25 de Abril, que tão libérrimo se tem mostrado para com retornas, capitalistas desapaosados,

agrários assaltados, contra-revolucionários, ex-pides, fascistas. Haja vergonha, senhores, pelo menos.

E ninguém mais indicado para pedir contas, que Pedro Rocha, o herói desconhecido que este apontamento procurou biografar, a quem nunca calhou um tostão das larguezas milionárias dos sucessivos Governos burgueses. Vamos então rematar, lendo a sua mais recente (e céptica) prova de existência.»

Transcrição da Carta de 21 de Abril/83, dirigida ao doutor Mário Soares.

Lisboa, 21 de Abril/83

Doutor Mário Soares

Permita-me sugerir que ao rol das «100 MEDIDAS PARA OS PRIMEIROS 100 DIAS», que prometeu tomar no caso de vir a ser o próximo Primeiro-Ministro, acrescentasse mais uma para o centésimo primeiro dia de Governo — a resolução final de um problema, quase folhetinesco, que incompreensivelmente se arrasta há anos.

O Decreto-Lei n.º 171/77, de 30 de Abril (3 anos depois do 25 de Abril), com a nova redacção dada pelo Decreto-Lei n.º 43/78, de 11 de Março (um ano mais tarde), com a nobre intenção (embora tardia) de reconhecer a verticalidade antifascista de alguns cidadãos que lutaram pelo restabelecimento da Liberdade em Portugal, tem sido notoriamente torpedeado e, ainda hoje, umas poucas dezenas de processos, embora já instruídos, continuam a bolear na Direcção do Abono de Família e das Pensões. Ou os exemplares burocratas estão à espera que os solicitantes morram para atribuírem a pensão às viúvas ou, se consideram que eles não merecem o benefício, desiludam-nos. A «austeridade» é bom pretexto.

No entanto, será essa a 101.ª medida que, esperançosamente, alguns velhos lutadores idealistas, para os quais a Pátria tem sido razoavelmente madrastra, aguardam da parte de V. Ex.ª.

Cumprimentos

ass.) Pedro Batista Rocha

Proc. 95-P, da Dir. Abono Fam. e das Pensões,
da Dir.-Geral da Cont. Pública

TRIBUNAL DE FAMÍLIA DE LISBOA
1.º JUÍZO
ANÚNCIO

FAZ-SE SABER QUE por este 1.º Juízo e 3.ª secção do Tribunal de Família da Comarca de Lisboa e nos autos de Acção Especial de Divórcio Litigioso, com o n.º 4037 que a autora Deolinda dos Santos Castelo da Piedade, residente na Rua de Santo António à Estrela, n.º 94-3.º Lisboa, move contra o réu, seu marido, RICARDO JORGE SANTOS DA PIEDADE, ausente em parte incerta, em Espanha com última residência conhecida em Portugal na Rua Pascoal de Melo, n.º 6-4.º, em Lisboa, corrementários de TRINTA DIAS, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando aquele réu, para no prazo de VINTE DIAS, fidos que sejam os dos editores.

contestar, querendo, o pedido formulado pela autora, que consiste em ser decretado o divórcio entre ambos, com o fundamento nos artigos 1672.º e 1779.º — n.º 1 do Cód. Civil e bem assim, para no mesmo prazo, deduzir, querendo, oposição ao pedido formulado pela autora, no sentido de lhe ser concedido o benefício de assistência judiciária, com base na sua insuficiência económica.

O duplicado da respectiva petição inicial fica patente na Secretaria deste Tribunal à disposição do Réu.

Lisboa, 26 de Julho de 1983

O Juiz de Direito,
a) Carlos Manuel da Costa Saraiva

O Escrivão de Direito,
a) Armindo Lima Borges

-DL- 10/9/83 — 2.ª Publicação

rádio

Antena Um

18.00: Informativo de trânsito — turma da um — livros e gente; 19.00: Mosaico; 20.00: Tempo de teatro; 21.00: Livre e directo; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 22

16.25: Música; 17.00: Transmissão, em diferido, de um concerto pela Orquestra Sinfónica do Porto (RDP); 19.20: «As Sete Últimas Palavras de Cristo na Cruz», de Joseph Haydn; 20.10: Trios de câmara; 21.00: Para além da letitua; 21.45: Música para violino e piano de autores portugueses; 22.05: «Cronocromia para Orquestra», de Olivier Messiaen; 22.30: Sonatas para piano; 23.00: Intercâmbio musical; 00.25: Quarteto n.º 19, em dó maior, K. 465, de Mozart; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matiné; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (94 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Círculo em FM-19.00: Em órbita; 20.00: Cinco estrelas; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Notícias de hora a hora.

RADIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Sintonia fim-de-semana; 17.00: Cantigas à portuguesa; 18.00: Magazine regional; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Saltitão; 20.00: Horizonte; 21.00: Hora de música; 22.00: Porto especial fim-de-semana; 23.55: Meditando. Notícias intercalares a todas as horas.

Rede Sul de FM

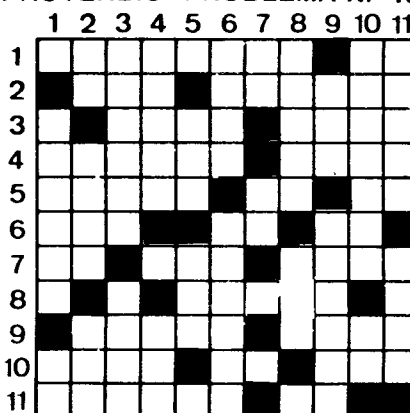
14.00: Duas vezes seis; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Pentagrama.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 13 831

HORIZONTAIS:

1. Abaxarias. Letra grega.
2. Medida de superfície. Acrescentadas.
3. Rio da Alemanha que nasce no Tirol. Felicitosa.
4. Derribava. Guarnecer de asas.
5. Serranos de Angola. Letra grega. Rádio (s.q.).
6. Boato. Utensílio doméstico. Em partes iguais.
7. O lado do vento. Recusa. Transpiração.
8. Mesa em que se celebra a missa no culto católico.
9. Corta com serra. Inérica.
10. Tempo do verbo ser. Césio (s.q.). Rente.
11. Misturo. Tempo do verbo haver.



VERTICAIS:

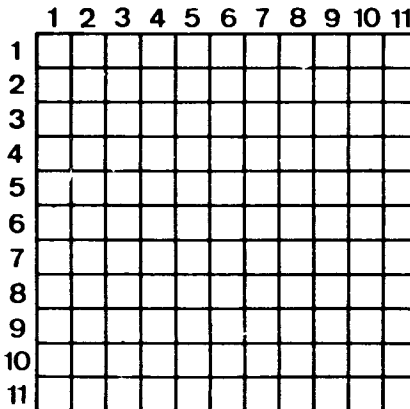
1. Vasilha de barro ou metal, em que se cozem os alimentos. Sadia.
2. Bário (s.q.). Deus do vinho. Preposição.
3. Relativo aos Árias. Nome de fruto.
4. Caco. Freguesia do concelho de Penafiel.
5. Suspiros. Rio da Suíça.
6. Invulgar. Da Polónia.
7. Preposição latina que designa movimento. Batráquio.
8. Macaco. Sadias.
9. Chefe etíope. Nome de mulher.
10. Recompensarão. Neon (s.q.).
11. Rio de França. Cursos de água naturais e abundantes.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9683

HORIZONTAIS:

1. Festa que se celebra na parte ocidental da Argélia e de Marrocos. Espécie de serpente.
2. Heróico. Curas.
3. Em a. Confirma.
4. Ave trepadora. Seguiu. Preposição latina que designa movimento.
5. Porco. Cobalto (s.q.). Grei.
6. Letra grega. Tranquilidade.
7. Brame. Cidade de Portugal.
8. Dera pios.
9. Papão. Clima. Cobre (s.q.).
10. Pronome pessoal. Pêlos de certos animais. Venero.
11. Unem por casamento. Solitários.



VERTICAIS:

1. Rangifer. Cidade do Japão.
2. Mamífero desdentado espécie de tatu. Pátria de Abraão. Germânico (s.q.).
3. Bismuto (s.q.). Arremessar.
4. Animal da classe dos acarídeos. Olé.
5. Carta de jogar.
6. Nome de uma ave de S. Tomé.
7. Examinaram com cuidado.
8. Habitação ou bairro pobre da ex-Índia Portuguesa. Oceano.
9. Enguia. Lenha miúda.
10. Que diz respeito a navios ou à navegação. Boi selvagem.
11. Vasilha com asas. Sua majestade. Ósmio. (s.q.).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 830

HORIZONTAIS:

1. O. TRABALHO.
2. Caras. Ria.
3. Amassara. Be.
4. Sovou. Sal.
5. Ira. Mã. Ba.
6. Reina. Cai.
7. Ela. Omar.
8. Sa. Casa. Dra.
9. Viam. Ru. Ea.
10. Da. Mora. Mad.
11. Arrás. Mês.

VERTICAIS:

1. Ocasões. Dá.
2. Amor. Lavar.
3. Travara.
4. Raso. Cama.
5. Assumi. Amos.
6. Anos. A.
7. Arre! Amaram.
8. Lia.
9. Há. Saira. Ms.
10. Ba. Rea.
11. FELICIDADE.

Provérbio: O trabalho dá a felicidade

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9682

HORIZONTAIS:

1. Co. Sabor. Ac.
2. Arroz. Parrá.
3. Saim. Uai!
4. Tira. Arcada.
5. Rs. Laçar. Ar.
6. Pi. Ária.
7. Ora. Biscar.
8. Crê. Maomé.
9. Alga. Oral.
10. Caas. Im. Tr.
11. As. Amariam.

VERTICAIS:

1. Castro. Caça.
2. Oraís. Orlas.
3. Rir. Prega.
4. Somália. Asa.
5. Az.
6. Acabaria.
7. Operário. Mr.
8. Ra. Crismo.
9. Rua. Acerta.
10. Arada. Arm.
11. Caiar. Rolí.

NÃO entre na água
após demorada
exposição ao sol

Tiragem média diária do
mês anterior: 42.150 «xs».

CRÉDITO
PREDIAL
PORTUGUÊS
Banco Fundado em 1864

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade)

COMPRA VENDA

ÁFRICA DO SUL (rand)	86\$85	92\$85
ALEMANHA FED (marco)	45\$85	46\$95
AÚSTRIA (xelim)	6\$45	6\$65
BÉLGICA (franco)	2\$112	2\$312
BRASIL (cruzeiro)	\$050	\$150
CANADÁ (dólar - notas de 1 a 2)	99\$80	101\$80
(notas de 5 a 1000)	100\$30	102\$30
DINAMARCA (coroa)	12\$75	13\$15
ESPAÑA (peseta)	\$770	\$890
EUA (dólar - notas de 1 a 2)	122\$95	124\$95
(notas de 5 a 1000)	123\$45	125\$45
FINLÂNDIA (marka)	21\$45	22\$05
FRANÇA (franco)	15\$20	15\$90
HOLANDA (florim)	40\$95	41\$95
INGLATERRA (libra)	183\$85	187\$85
IRLÂNDIA (libra)	144\$70	148\$70
ITALIA (lira)	\$070	\$080
JAPÃO (iene)	\$473	\$508
NORUEGA (coroa)	16\$45	16\$95
SUÉCIA (coroa)	15\$50	16\$10
SUIÇA (franco)	56\$50	57\$60
VENEZUELA (bolivar)	7\$05	8\$05

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 5 por mil

Em OLHÃO o **Diário de Lisboa**
está à venda
no Quiosque da Praça Patrão Lopes



cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
OS DESEJOS DE MELODY
IN LOVE

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
EMMANUELLE, A ANTIVIRGEM
15.ª Semana

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS LADROES DO TEMPO
- N. ac. men. 13 a.
2.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30
Int. men. 13 anos
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
9.ª Semana

CASIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
CASSANDRA CROSSING
2.ª Semana
Às 00.00
A REVOLTA DOS APACHES

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 15.15, 18 e 21.30
- Int. men. 18 a.
O LOBISOMEN AMERICANO
EM LONDRES

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pnh. Chagas

Às 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Para todos
E.T. O EXTRATERRESTRE
Às 24
A CAMINHO DO TEXAS

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
E A FELICIDADE VOLTARÁ

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 18 e 21.30
- M. 12 a.
MONSENHOR

2000 210055

Av. Bomb. Voluntários, lts. 113/4

Às 23.45 - Int. men. 13 a.
SENHORAS AO VOSSO DISPOR
Às 24
CONTRA-ATAQUE DO DRAGÃO

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
O GRANDE DESAFIO
Às 24
CONTRA-ATAQUE DO DRAGÃO

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15, 17, 19 e 21.30
Não ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM
ESTAR LOUCOS
60.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
CONCA AVENTURA NA SELVA
Às 24
UM AMOR DE ADOLESCENTE

HOLLYWOOD Tel. 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
MONSENHOR

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 19, 21.30 e 24
- N. ac. men. 13 a.
POR FAVOR NÃO ME MORDA
O PESCOÇO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 6 a.
SUPERMAN III

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
O REI DA COMÉDIA
com Robert de Niro
e Jerry Lewis
- Para Todos

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14, 17 e 21.15
UNS E... OS OUTROS
Às 24
A VIUVA DO DIABO

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O RAID DOS COMANDOS

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92-A

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- N. ac. men. 18 a.
O TURNO DA NOITE

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
MOMENTOS DE GLÓRIA

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
A RAINHA DOS TÁRTAROS

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
EMMANUELLE
2.ª Semana

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30
Int. men. 18 anos
AVENTURA NAS CARAÍBAS



Uma cena do filme **INICIAÇÃO CARNAL** de Mike Nichols com Jack Nicholson, Candice Bergen, Arthur Garfunkel e Ann-Margaret, em Exibição no QUARTETO

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
QUINTET
Às 00.45
ASHANTI
SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
LADROES DO TEMPO
Às 00.45
RIO BRAVO
SALA 3
Às 14.30, 16.45, 19, 21 e 23
- M. 13 a.
ROMA CIDADE ABERTA
Às 00.45
O HOMEM DO TERMINAL

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 13 a.
GREASE

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O SENHOR DO FERRO

SÃO JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
SOPHIE'S CHOICE
3.ª Semana

SALA 2
Às 21.15
Maiores 12 anos
HEAT AND DUST
(Verão Indiano)
6.ª Semana

SALA 3
Às 13.45, 17.30 e 21.00
Não ac. men. 13 anos
GANDHI
24.ª Semana

SATELITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
QUATRO AMIGOS
Às 24
HOLOCAUSTO EM CAMPO NAZI

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos. Junto ao n.º 68

Às 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
- M. 18 a.
UMA MULHER DE SONHO

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 16 a.
OS ANOS LOUCOS DE
MONTARNASSE
3.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
- N. ac. men. 13 a.
SUPERMAN III

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS LADROES DO TEMPO

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
- Para Todos
ANNIE

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
O NEVOEIRO

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - "Bad Boys", às 21.30 e 24.00 (16 anos)

ALFA-2 - "Os Três Dias do Condor", às 21.30 (13 anos)

ALFA-3 - "Aeroplano II", às 21.45 (13 anos)

RESTELO - "A Corrida Mais Louca do Mundo", às 21.30 (13 anos)

OLÍMPIA - "A Vóbera do Sexo", sessões permanentes (18 anos)

CAPITÓLIO - "As Montadoras Sexuais", às 21.00 e 23.00 (18 anos)

QUINTETO - "Tootsie", às 21.30 (13 anos)

PROMOTORA - "O Último Herói do Apocalipse", às 21.30 (18 anos)

MUNDIAL - "Bad Boys", às 21.30 (16 anos)

CINESTÚDIO ACS - "O Senhor do Ferro", às 21.30 (12 anos)

APÓLO 70 - "Quatro Amigos", às 21.30 (13 anos)

CITY-CINE - "Musica no Coração", às 21.00 (6 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA - "Sicline", às 21.30 (13 anos)

ALMADA - "Cine-Estúdio", às 21.30 (13 anos)

ALMADA - "Incrível", às 21.30 (13 anos)

ALMADA - "Academia", às 21.15 (18 anos)

TRAFARIA - "Pavilhão Jardim", às 21.15 (18 anos)

SETUBAL - "Júpiter", às 21.15 (18 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - "Stadium", às 21.30 (13 anos)

PAÇO DE ARCOS - "Chaplin", às 21.30 (13 anos)

OEIRAS - "Oeiras-Cine", às 21.15 (13 anos)

PAREDE - "Royal-Cine", às 21.30 (13 anos)

CASCAIS - "Oxford", às 21.30 (18 anos)

CASCAIS - Impala - "Porky's", às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - "Cine-Plaza", às 21.30 (16 anos)

AMADORA - "Lido", às 21.30 (13 anos)

AMADORA - "Cine-Estúdio", às 21.30 (13 anos)

CACÉM - "Cine-Estúdio Flores", às 21.30 (16 anos)

MEM MARTINS - "Cine-Chaby", às 21.30 (13 anos)

SINTRA - "Carlos Manuel", às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA - "Cine-Estúdio", às 21.15 (18 anos)

Porto

SÃO JOÃO - "Amantes de Verão", às 21.30 (18 anos)

OLÍMPIA - "Ouro", às 21.30 (13 anos)

AGUIA - "Os Salteadores da Arca Perdida", às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-A - "Nasce uma Estrela", às 21.30 (13 anos)

CHARLOT - "O Caso Danton", às 21.30 (12 anos)

BATALHA - "Superman III", às 21.30 (6 anos)

TRINDADE - "Turno da Noite", às 21.30 (18 anos)

ESTÚDIO - "Brigada do Vício", às 21.30 (18 anos)

JULIO DINIS - "Bobby", às 21.30 (13 anos)

VALE FORMOSO - "O Caçador", às 21.30 (13 anos)

RAJONE - "Madrugada Alucinante", às 21.30 (18 anos)

COLISEU - "O Grande Mestre dos Lutadores", às 21.30 (13 anos)

LUMIÈRE-L - "Na Calada da Noite", às 21.45 (13 anos)

BEBE - "Tootsie", às 21.30 (13 anos)

FOCO - "Amantes de Verão", às 21.30 (13 anos)

PASSOS MANUEL - "Bad Boys", às 21.30 (16 anos)

PEDRO CEM - "A Vida é uma Festa", às 21.30 (13 anos)

RIVOLI - "A Rapariga de Trieste", às 21.30 (16 anos)

TERÇO - "O Regresso da Turma dos Malandros", às 21.30 (13 anos)

Lisboa

PERMANENTE
(Hoje)

ANJOS - AO CINEMA ROXY: Guerra, R. Andrade, 32-36 (T. 845513); **AVENIDA DE ROMA - BAIRRO DE SÃO MIGUEL:** São Miguel, P. Francisco de Moraes, 1 (T. 771469); **BAIXA:** Cortez, R. São Nicolau, 93 (T. 325378); **EM-CARNAÇÃO:** Zira, P. Casas Novas, lote 66 (T. 311216); **ENCOSTA DO RESTELO - ESCOLA PAULA VICENTE:** Belém, R. Tristão Vaz, 10-A (T. 612248); **ESTADOS UNIDOS:** Gasparinho, R. Dr. Gama Barros, 54-A (T. 890465); **GALINHEIRAS - CHARNECA DO LUMIAR:** São Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (T. 790969); **LUZ - 2.ª CIRCULAR:** J. Ribeiro, E. da Luz, 199-A (T. 780969); **LAPA:** Central da Lapa, R. dos Navigantes, 10 (T. 661734); **MADRE DE DEUS:** Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (T. 382470); **PICHELEIRA:** Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **CORTES - R. Nova da Piedade:** Conflança, P. DAS Flores, 56-60 (T. 670401); **SÃO SEBASTIÃO:** Sagres, Av. Luis Bivar, 69-71 (T. 547213); **ALTO DE ALGÉS:** H. Amaral, R. X, lote 146-A; **ODIVELAS:** Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911139); **PONTINHA:** Pimentel, Az. dos Besouros, lote R-8 (T. 991328).

PERMANENTE
(Amanhã)

ALAMEDA - CHILE: Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A-B (T. 41269); **AREIRO - PRAÇA DE LONDRES:** João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 386462); **BAIXA:** Cortez, R. São Nicolau, 93 (T. 325378); **BOA-HORA:** Sapol, C. da Boa Hora, 94-A (T. 631958); **CHAFARIZ DE DENTRO:** Cruz de Malta, L. Chafariz de Dentro, 36 (T. 816126); **ESTRELA:** Gama, C. da Estrela, 130 (T. 660339); **FEIRA POPULAR:** Santa Maria, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **LUZ - 2.ª CIRCULAR:** Da Luz, E. da Luz, 124-A; **RATO:** Cunha, R. Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **XABREGAS - MADRE DE DEUS:** Conceição, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **ALGÉS:** Almeida Nifo, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); **BRANDOA - COLINA DO SOL:** Vidai Reis, Quinta da Correia, cdiula G, lote 35, Urbanização Alfontelos (T. 996540); **DAMAIA:** Damais, L. Alexandre Gusmão, 9-A; **FALAGUEIRA - AMADORA:** Romeiro, Urbanização Casal São Brás, lote 216; **ODIVELAS - PATAMEIRAS:** Amaral, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 925455).

Linha de Sintra

AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210), Permanente; **QUELUZ:** André, R. Elias Garcia, 151 (T. 950043); **CAMARATE:** Mendonça, Apelação, até às 19 horas; **CACÉM:** Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T. 9243693); Permanente; **MEM MARTINS:** Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 173 (T. 9214103); Permanente; **MERCES:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275); Até às 22 horas; **RIO DE MOURO:** Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9250194); Até às 22 horas; **SINTRA:**

farmácias

Marrazes, Estefânia (T. 9230058). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088).



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 368740
Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones 20954/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones 322100-322204-320784



últimas

ASSALTAVAM CABINAS TELEFÓNICAS quando foram detidos por elementos da PSP na Rua Ferreira da Silva a Arroios em Lisboa. Munidos de chave de fendas e faca de cozinha, dois jovens de 18 anos, Paulo Lisboa e José Raposo tentavam retirar as moedas da cabina situada naquela artéria. Tinham já despejado as caixas das cabinas existentes na Alameda Afonso Henriques, Rua Marques da Silva, jardins de Arroios e Constantino. Porém com a carestia dos telefones a receita seria mais que modesta: 170 escudos nas 4 cabinas.

QUATRO RAPAZES E UM AUTOMÓVEL foram os protagonistas de uma história policial ocorrida esta madrugada em Sacavém. A viatura BH-68-95 encontrava-se estacionada na Praceta Almeida Garrett de onde a retiraram por empurrão para não alertar o dono. Foi já na Rua Luís de Camões ao ligar o motor que os agentes policiais os surpreenderam: Américo, Vítor e Paulo, com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos, deixaram-se apanhar enquanto o quarto desaparecia em grande velocidade.

ASSALTARAM O POLÍCIA REFORMADO dentro de casa e roubaram-lhe as modestas economias. Foi na Rua Visconde Valmor em Lisboa, onde reside um antigo guarda da PSP com 87 anos. Dois jovens bateram à porta e ao ser-lhes franqueada a entrada, agrediram o locatário e fugiram com uns modestos 8 contos.

CHAVE FALSA NO HOTEL usada de modo discreto permitiu que alguém entrasse no quarto de um hóspede que ficou sem 225 contos de «travelers cheques» em dólares US. O gerente do estabelecimento hoteleiro, que se situa na Avenida Duque d'Ávila em Lisboa, chamou de imediato a Judiciária preocupado naturalmente com o prestígio do hotel.



گنجینه شهرها

PARTIDAS TODOS OS SÁBADOS DE ABRIL A OUTUBRO

6 DIAS TÂNGER

6 DIAS AGADIR

6 DIAS TÂNGER E CASABLANCA

CIRCUITO DAS CIDADES IMPERIAIS

8 DIAS - AVIÃO E AUTOPULLMAN

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1840

abreu

PEÇA NOS PROGRAMA DETALHADO

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341
LISBOA - Avenida de Roma, 66 B Tel. 803609
ALMADA - Rua de Olivença, 9 C Tel. 2756272
PORTO - BRAGA - COIMBRA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL

Última-se programa da visita do presidente da RPM

Eanes e Samora: um dia a sós

Um dia a sós com o Presidente e uma longa conversa com o Primeiro-Ministro deverão fazer parte da agenda da visita de Samora Machel a Portugal.

Uma ida à cidade do Porto, onde se encontraria com empresários do Norte do país, e uma eventual passagem por Coimbra também constam do projecto da visita, que decorre de 7 a 12 de Outubro — indicou fonte afectada à organização do programa, que deve ficar terminado durante a próxima semana.

O presidente moçambicano, que será acompanhado pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, Joaquim Chissano, e pelo ministro da Presidência para os Assuntos Económicos, Jacinto Veloso, fi-

cará instalado no Palácio de Queluz, onde deverá oferecer um banquete em honra do Chefe do Estado português.

Por seu turno, Ramalho Eanes oferecerá no Palácio da Ajuda um banquete em honra de Samora Machel.

Outro ponto do programa é a ida do visitante à Assembleia da República, onde será recebido pelo respectivo presidente, Manuel Tito de Morais, e deverá contactar os líderes de todos os principais partidos políticos portugueses.

Uma deslocação à sede da Fundação Calouste Gulbenkian, para ver a exposição sobre a ilha de Moçambique, e uma eventual ida ao Mosteiro dos Jerónimos, para visitar um dos núcleos da Décima Sé-

tima Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, são outros pontos constantes do esboço de programa para a primeira viagem que Samora Machel efectua a Portugal.

Esta visita retribui as que desde há dois anos efectuaram a Moçambique o presidente Ramalho Eanes e o então Primeiro-Ministro português, Pinto Balsemão.

A estada em Portugal insere-se numa longa viagem de Machel a seis países europeus. Começa pela Grã-Bretanha, Bélgica e Holanda e depois de Lisboa, vai à Jugoslávia e à França.

Em Bruxelas, não só contactará autoridades belgas como também responsáveis da Comunidade Económica Europeia (CEE).

Combate a "acções de rua"

Governo anuncia penas de prisão que poderão ir até dez anos

O enquadramento penal de acções de rua que obstruam o funcionamento dos serviços públicos (transportes), bem como o sequestro de pessoas, é esclarecido numa nota do Ministério da Justiça ontem tornada pública.

A nota do MJ tipifica os casos e enuncia as penalizações a que estão sujeitos os boicotes aos serviços de transportes públicos e o sequestro de pessoas. Sem referir casos concretos em que tais procedimentos se terão verificado, o documento do Ministério

da Justiça lembra as responsabilidades em que incorrem aqueles que procuram pressionar as autoridades através da violação de interesses legitimamente protegidos, nomeadamente a perturbação ou impedimento de serviços públicos, como os transportes e o sequestro de pessoas.

No primeiro caso, é bom que se saiba, de acordo com a nota do MJ, que estão previstas no respectivo código penas que vão até seis anos de prisão; quanto ao sequestro de pessoas, a pena a

aplicar pode ir até dez anos, se ocorrerem agravantes dessa mesma acção de força.

A desobediência a ordens das autoridades para retirada de um ajuntamento, danos causados

em objectos públicos e obstrução, por exemplo, ao funcionamento de repartições de finanças,

bem como a «simples introdução em lugares destinados a um serviço ou empresa pública» constam também do rol de sanções referidas na nota do MJ.

Gerência e trabalhadores vão negociar

Governo quer que a Setenave construa graneleiros para a CNN

O conselho de gerência e os representantes dos trabalhadores da Setenave deverão negociar dentro de dias um protocolo que estabeleça as condições de acabamento de três graneleiros em construção para a CNN.

A resolução foi tomada em Conselho de Ministros e vem publicada na folha oficial de hoje, sem atentar, obviamente, no facto do CG da Setenave se ter de-

mitido. Entretanto, quer a situação da Setenave, quer da Lisnave, foi objecto de análise por parte de uma delegação da CGTP/IN num encontro com o ministro Veiga Simão, que deu conta aos seus elementos da intenção do Governo em reduzir os postos de trabalho naquelas duas empresas.

A decisão do Governo em fazer dialogar gestores e representantes dos trabalhadores da Setenave

tem a ver com a construção dos três referidos graneleiros para a Companhia Nacional de Navegação. Nesse sentido, o Estado avaliará as necessárias operações de crédito interno e externo indispensáveis ao acabamento dos três navios, em montantes e condições a fixar. A mesma resolução determina que seja concedida à Setenave um subsídio não reembolsável relativo à parte do custo dos navios não co-

berta pelo preço de venda à CNN. No preâmbulo desta resolução, diz o Governo do interesse em «manter em actividade um estaleiro que, não obstante a sua pouca competitividade actual, poderá vir, no futuro, a ter papel de relevo na execução de um plano de reequipamento da frota mercante nacional e, bem assim, a participar em eventual retoma do mercado internacional da construção e reparação navais».

MARES DE HOJE				
PREIA-MAR BAIXA-MAR				
6.09	4,2 m	11.43	0,8 m	
18.27	4,3 m	24.11	0,9 m	
Dia 11				
6.50	4,0 m	12.25	1,0 m	
19.10	4,0 m	24.52	1,2 m	

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS

VIANA DO CASTELO	13°
BRAGANÇA	10°
VILA REAL	12°
PORTO	13°
COIMBRA	15°
CABO CARVOEIRO	17°
PORTALEGRE	13°
LISBOA	17°
ÉVORA	16°
BEJA	15°
FARO	17°
SAGRES	17°
PONTA DELGADA	17°
FUNCHAL	20°

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ
O tempo será nublado com algumas chuvas. A temperatura máxima será de 18°C e a mínima de 12°C.

Expressamente confidencial

- **Não é verdade** que o ministro de Estado prepare um diploma legislativo destinado a tornar compatível a acumulação das funções de deputado e director-geral em exercício. E, em consequência, o recebimento dos respectivos vencimentos.
- **Está em estudo** a supressão de dois dos quatro lugares de embaixador em França. Admite-se que o embaixador junto da UNESCO represente, também, Portugal em Estrasburgo, e que o embaixador em Paris, desempenhe igual função junto da OCDE.
- **Por medida de austeridade**, e dado o bom funcionamento da assessoria de imprensa do primeiro-ministro, vão ser suprimidos postos de assessores de imprensa em vários ministérios.
- **Também por medida de austeridade**, e para aliviar o movimento dos elevadores, vão ser suprimidos vários lugares de secretários nos gabinetes do ministro e secretários de Estado do Ministério da Educação e das Universidades.
- **Não se confirma** que, para manter uma certa reserva de tesouraria, o ministro Ernâni Lopes tenha dado instruções para, no mês de Setembro, serem somente abonados 22 500\$00 a cada ministro e 20 000\$00 a cada secretário de Estado.
- **O dr. Mário Soares** ainda não decidiu se aceitará um convite do Doutor Mota Pinto para prefaciar o livro: «Carlos Mota Pinto: o Retrato».
- **Segundo fontes de Maputo**, o presidente Samora Machel ficou inconsolável pelo facto do ministro Almeida Santos não ter levado, para Moçambique, a guitarra. O presidente Samora Machel pretendia ouvir fados de Coimbra. Tinha um especial interesse, claro, no «Fado da Cooperação».
- **Fontes próximas das Necessidades** não confirmam a nomeação do deputado Rui Mateus, membro da Comissão Permanente do PS, para o cargo de embaixador de Portugal no Líbano.
- **O jornalista Nuno Rocha recusou** o convite, que, ao que parece, não chegou a ser expressamente formulado, para dirigir o suplemento turístico do semanário «Expresso». Mas à sondagem confidencial de que foi objecto, reagiu, argumentando que não pode continuar a ensinar turismo sem lhe ser assegurada uma posição de responsabilidade no sector. O engenheiro Álvaro Barreto admite segundo consta — criar o secretariado de Estado da Promoção Turística.
- **O almoço do Dr. Mário Soares** com o general Garcia dos Santos ficou adiado sine die...

Sábado





As flores cresceram na rua

E as flores explodem dentro da cidade...

São duas ruas que se cruzam, num dos bairros mais típicos de Lisboa, o de Santa Catarina. Uma foi buscar o nome à Condessa do Rio, a outra soma o Sol ao nome do bairro. E as flores perfilam-se pelos passeios, suspendem-se de varandas, e mesmo com grandes dimensões, já o caminho de árvores, espreitam em janelas por entre camisas e lençóis.

Uma varanda não hesita em atirar-se à rua pelas orelhas de uma grande figueira-da-Índia, enquanto duas nespereiras, acolá já deitam uma olhadela aos caixilhos da janela do vizinho de cima. E a velha senhora transborda nas palavras dando conta deste amor, solidão, que aduba as plantas.

«Este cacto tem 27 anos mais ou menos, foi o meu filho que trouxe uma 'fo-

lha' do Monte Estoril» — diz a senhora, por entre somas e subtrações à idade actual do «semeador».

A senhora fala-nos do seu primeiro andar, palavras ciciadas como se só pensasse, nomeando cada uma das plantas e passando-lhes a mão. Quer dar conta de tudo, encontrando na rua alguém que pelo menos continue esta pequena paixão. E já se apresta para proporcionar um transplante, que o cac-

to é coisa fácil...

Mas o grande motivo de orgulho já não está ali naquela varanda da Condessa do Rio. As três pequenas

plantas que ali viram a luz dos seus dias viriam a ser transplantadas, uma delas já frutificou.

Trata-se, aí, de pessegueiros, com sementes criteriosamente seleccionadas da forma mais empírica: fruto bom, dará mais delícias no futuro. E, então, os caroços são ali carinhosamente enterrados e adubados de forma especial, incluindo a casca de ovos moída.

«É que esses adubos que eles por aí põem na terra dão cabo de tudo, tiram o gosto à fruta» — comenta a velha senhora, lá do seu primeiro andar. E, pelo sim pelo não, fala-nos ela também das suas plantas de piri-piri que se renovam e desdobram em matizes variados como qualquer flor.

A boa vizinhança

A proliferação de flores nestas duas ruas é algo que não tem explicação fácil ou pelo menos evidente. Uma residente desde há 37 anos na Rua do Sol a Santa Catarina, Conceição Pires Vidal, lembra-se que houve alguém que um dia pôs no passeio dois ou três vasos. E outros lhe seguiram as pisadas...

As flores podem, numa conclusão à primeira vista, ser o resultado de uma vizinhança estabelecida em moldes um tanto diferen-

tes. Ou seja, numa rua que é de todos, a abundância de plantas, com algumas gaiolas pelo meio, são o sinal do bom entendimento reinante.

«Isto aqui é um bairro típico, de gente amiga. Quando um precisa de alguma coisa pode contar com o apoio de todos os outros — garante-nos um passante, também velho residente, que não resiste a dar o seu parecer.

As flores, aqui, têm ainda uma outra vantagem que D. Conceição não deixa de assinalar: é que tapam a corrosão das paredes, há muitos anos a pedirem que alguém lhes dê pelo menos um rebocozinho.

E este é um dos problemas que a boa vizinhança estabelecida em muitos anos de harmonia não pode fazer ultrapassar. Tudo isso tem bases, afinal, nas rendas baixas que todos ainda pagam. O tipicismo da rua, do bairro, conjugase aí. Uma nota de contraste, afinal, em cidade que cresce cada vez mais entre as estreitas paredes de cada um dos apartamentos. E crescer para dentro, neste caso, torna-se patente com o número crescente das plantas de interior, já negócio florescente.

Aqui, não. As flores são da rua, que o mesmo é dizer: de todos.



Desde 1961 que a prática do dote é oficialmente proibida na Índia. Mas as entorses e os dramas nem por isso deixam de ser uma pesada realidade.

As "assassinadas do dote"

Jaswanti ainda não tinha vinte anos e acabava de viver o seu primeiro ano de casamento... Um dia, quando estava a tratar dos seus trabalhos de casa, foi agarrada pela sogra, pelo cunhado e pelo marido. Os três arrastaram-na para a casa de banho, arrancaram-lhe as jóias e regaram-na com gasolina. Jaswanti morreu atrozmente queimada por não ter podido satisfazer a família, que lhe exigia... um aparelho de televisão.

Por ignóbil que seja, este crime não é um simples facto isolado. Aquelas a quem aqui se chama «as assassinadas do dote» são as vítimas de um flagelo que, de ano para ano, vai adquirindo proporções cada vez mais inquietantes. As estatísticas, assustadoras, fornecidas pela polícia, são eloquentes: só na capital, Nova Deli, foram registados em 1979, 327 casos de mulheres queimadas vivas, em 1980 houve 339, em 1981, 450, no ano passado 485 e, nos cinco primeiros meses deste ano já se contavam 200. Todas estas vítimas têm em comum não só a sua condição de jovens esposas mas também uma posição social extremamente precisa.

Apercebemo-nos, explica a senhora V. Farooqui, presidente da Federação Nacional das Mulheres Indianas, que essas mulheres provinham todas elas daquilo a que se chama a nova pequena burguesia: pessoas que dão uma importância doentia ao seu estatuto social, que aos seus olhos implica a posse de um «scoter» ou de um frigorífico.

A mulher-conforto

Desde 1961 que a prática do dote é oficialmente proibido, mas toda a gente está de acordo em dizer, incluindo o governo, que a lei permite toda a espécie de entorses... e depois, vão lá abafar com decretos uma prática ancestral! Paradoxalmente, a justificação social do dote era fornecer a uma mulher casada um fundo de reserva que lhe permitisse fazer face a um eventual momento difícil, numa sociedade onde as mulheres não herdavam os bens dos pais. Mas desde metade dos anos 70 que a «aquisição» de uma mulher parece encarada por alguns como um meio de aumentar o conforto material. O drama ocorre quando a família da nora deixa de poder dar resposta às exigências.

Movida por uma cupidez que deixa de conhecer a ra-

zão, a família do marido procurará desfazer-se dessa mulher que já não lhe traz nada. O divórcio é excluído: mal aceite na sociedade indiana e, de qualquer modo, dispendioso, visto que implica uma pensão alimentar. Assim, um dia, estas pessoas irão à polícia dizer que a sua pobre nora foi acidentalmente queimada viva quando fervia o leite, visto o sari se lhe ter inflamado..., a menos que se tenha «suicidado num momento de depressão nervosa».

Há algumas semanas o juiz S.M. Aggarwal fez sensação quando, pela primeira vez, foi pronunciada a pena capital contra dois elementos de uma família culpados de um crime particularmente crápuloso: «Sudha, conta esse magistrado, estava

grávida de oito meses. Não tinha podido conseguir o dinheiro necessário para comprar um armário de ferro para a família do marido, e esta, que queria casar o filho de novo, não queria ter uma criança a seu cargo...»

«Acidentes domésticos»

Perante a recrudescência dos crimes narrados pela imprensa, as organizações feministas mobilizam-se e os vizinhos vigiam. A mínima família suspeita, o menor grito de dor faz com que os vizinhos surjam. A Índia tem má consciência. No entanto, as cadeias continuam desesperadamente vazias de culpados.



«Reeducar uma sociedade onde o homem é o centro da vida social»

só 10% foram oficialmente declarados como homicídios ou suicídios, todos os outros encontram-se na categoria de «acidentes domésticos».

Perseguidos pelos movimentos de mulheres, que lhes pedem contas, os polícias defendem-se com a dificuldade de recolher provas sólidas desses crimes premeditados e feitos ao abrigo de qualquer olhar. Mas não há dúvida de que a evidente má vontade da polícia pode explicar-se por outra razão.

A instrução levada a efeito pelo juiz Aggarwal foi de tal modo entravada que ele pediu sanções contra um comissário de bairro e contra um médico legista por falsi-

ficação e uso de falsificação.

Um caso entre outros. A falta de cooperação da polícia explica em grande parte que os casos de mulheres queimadas raramente sofram uma condenação. O governo preocupa-se actualmente em reformar a legislação a fim de fornecer aos poderes públicos os meios de levar a cabo uma repressão eficaz.

Mas muitas mulheres têm a opinião da senhora Farooqui que, para além da simples repressão, encara um trabalho de grande fôlego. «Temos que reeducar uma sociedade que sempre colocou o homem no centro da vida social, económica e cultural».

Kim Gordon-Bates

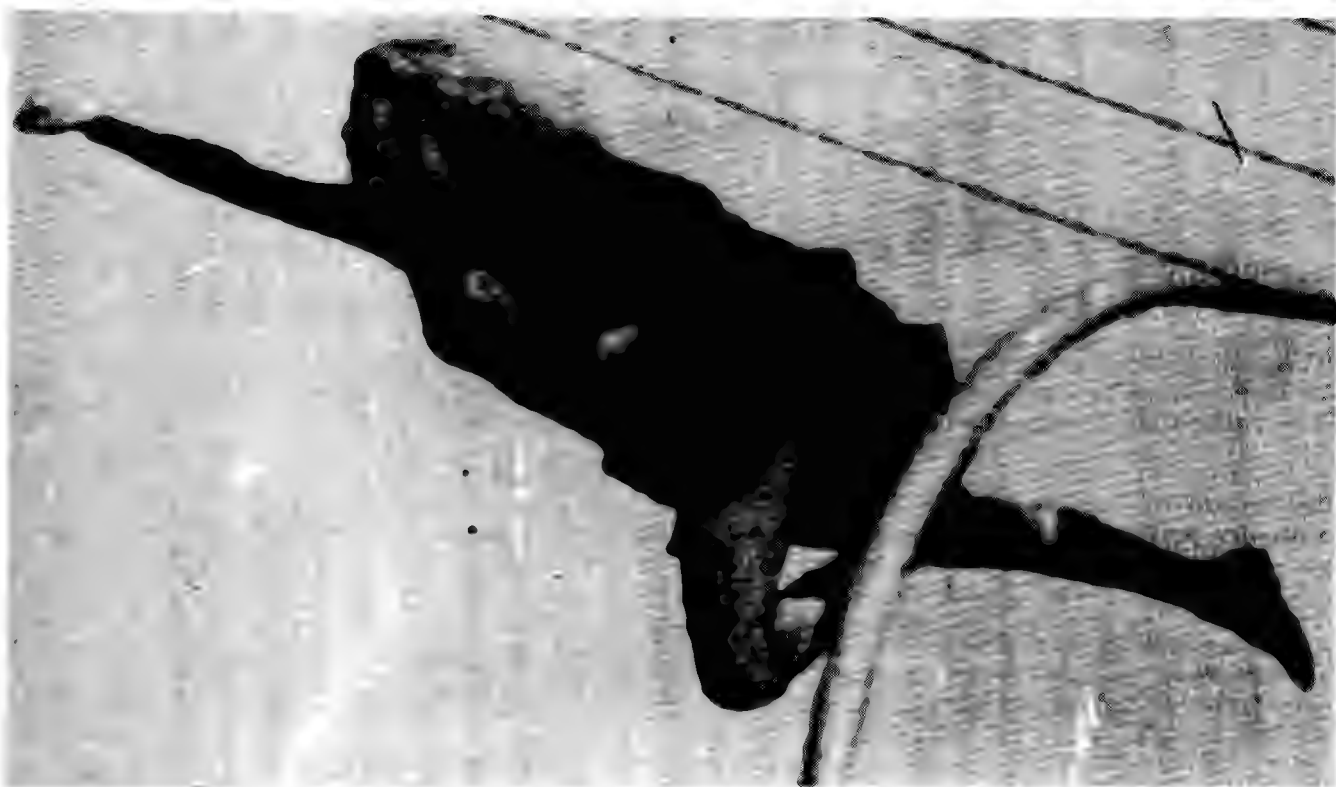


Entre a religião e a legislação civil



A aquisição de mulher encarada como um meio de aumentar o conforto material

Midvale, Illinois. Nenhum dos seus habitantes se recorda de um dia como aquele que ocorreu em Agosto último. Na avenida principal os carros chocavam uns com os outros, em cada cruzamento; fumo negro elevava-se para o céu, saindo de um incêndio causado por um curto-circuito em postes de abastecimento público. As pessoas abandonavam os restaurantes, saíam de casa, até um casamento foi interrompido. Quando as sirenes ecoavam já sobre a cidade, uma figura elevou-se acima dos telhados. A Supermulher entrava em acção!



Vem aí a Supermulher!

Tudo certo, só que, na realidade, não se está em Midvale, uma pequena cidade americana no Illinois, mas antes em alguns hectares de terreno no condado de Buckingham, na Inglaterra, onde um gigantesco cenário de 25 milhões de libras (quatro milhões e 600 mil contos) foi montado para reproduzir a rua principal daquela típica comunidade do interior dos EUA. Ali, a Supermulher, uma heroína da banda desenhada americana, criada em 1959, vai actuar por forma a demonstrar que a Inglaterra é capaz de liderar o cinema internacional em matéria de efeitos especiais. Na linha dos filmes de James Bond, da Guerra das Estrelas, do Super-homem I a III, e de algumas cenas dos Salteadores da Arca Perdida...

Foi neste mesmo local, em Pinewood, condado de Buckingham, que se rodou a série Super-homem. O cenário é excelente: a pacata cidadezinha do Mid-west americano, vida pacífica, onde não falta o motel, o parque de carros usados, a estação de gasolina, o depósito da água e diversas lojas, onde comerciantes preguiçosos vendem cigarros, doces, carros e outros produtos. As fotografias, designadamente a vista aérea da falsa Midvale, desmascaram a situação. Apenas permanece o «mistério» da presença da Supermulher voando sobre os telhados de casas sem miolo, só fachada, emoldurando a rua única. É que a fotografia foi tirada precisamente do cimo da grua gigante que faz Helen Slater, uma bela americana de 19 anos, voar sobre Midvale, parar em pleno ar e contemplar a multidão de figurantes que gesticula por entre a confusão de carros amachuçados.

Helen, saída de uma es-



cola de arte dramática de Nova Iorque para encarnar a superloira heroína tão famosa como o seu primo de Krypton, o Super-homem e que, como ele, foi lançada para a Terra ainda bebé quando o seu planeta de origem explodiu, algures no Universo, espera seguir as pisadas do seu parceiro masculino, o actor Christopher Reeve, que de uma dia para o outro conheceu a notoriedade.

No cinema tudo é possível.



O OUTRO LADO DA VIDA

Há quem
regresse da morte
com nova identidade...

Amantes do insólito, parapsicólogos, investigadores diversos vão recolhendo, um pouco por todo mundo, relatos de estranhos episódios envolvendo pessoas declaradas clinicamente mortas e que regressam à vida alegando uma nova personalidade. Reincarnação? Ressurreição?

«Caso após caso, por esse mundo fora, temos encontrado pessoas que foram declaradas mortas e reviveram, comportando-se como se fossem outras», afirma o dr. H.N. Barnerjee, um nome internacionalmente reputado como pesquisador de casos insólitos, particularmente os relacionados com a reencarnação. Num breve encontro relata os três casos:

● Uma rapariga inglesa, morta devido a uma queda, «voltou à vida» assumindo-se como uma habitante do antigo Egipto.

● No Arizona um homem que morreu em consequência de ferimentos recebidos durante a II Guerra Mundial «ressuscitou» encarnando um famoso artista russo.

● Em Budapeste, na Hungria, uma rapariga de 17 anos era, quando «morreu», um génio em matemática; quando «renasceu» era uma empregada doméstica espanhola, analfabeta.

O dr. Barnerjee, que dirige o departamento de investigação da Fundação Shafenberg, em Kingfisher, Oklahoma, e foi director do departamento de Parapsicologia da Universidade de Rajasthan, na Índia, dá pormenores de cada um destes casos.

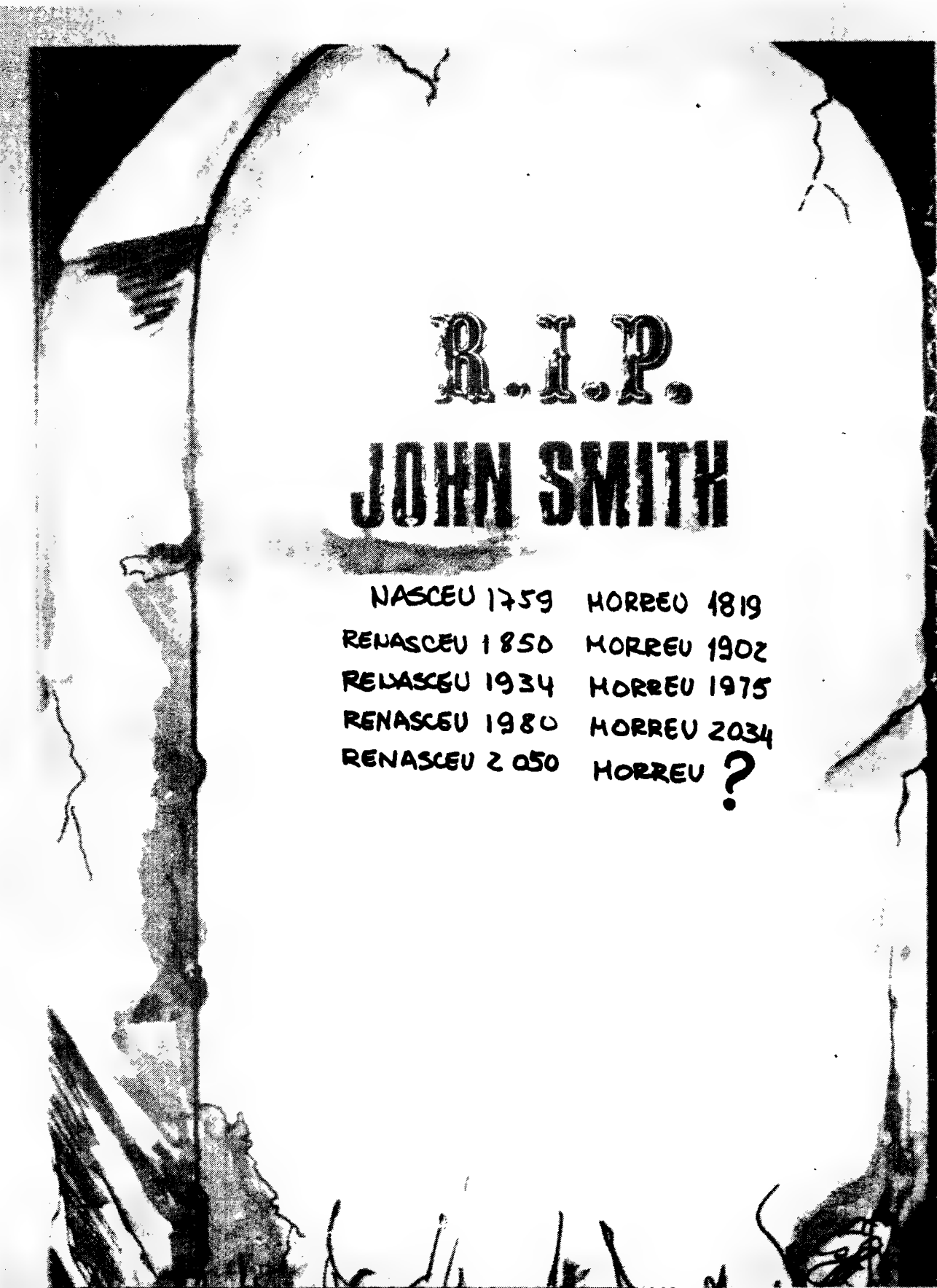
Num templo egípcio

Dorothy Eady tinha 3 anos quando caiu nas escadas da sua casa, em Inglaterra, e foi pronunciada morta pelo médico de família. Apesar disso, Dorothy, horas mais tarde, «despertou» e abriu os olhos.

«A partir daí Dorothy passou a exibir um comportamento invulgar, chorando frequentemente e gritando. Quero voltar para casa! — conta o dr. Barnerjee.

«Um dia viu um retrato do antigo templo egípcio de Abydos. Terrivelmente excitada gritou para os seus pais: Aquela é a minha casa! Mas porque está em ruínas onde estão os jardins?

Aos 27 anos, Dorothy casou com um egípcio mudou-se para o Egipto e tratou de embarcar para Abydos.



«Durante toda a viagem de comboio acompanhou-a uma estranha sensação. Ela sabia que havia vivido no Egipto à cerca de 3 200 anos. Aos poucos, recordou-se de que ficara órfã de um soldado e que

havia sido adoptada pelos sacerdotes do templo. Na realidade, os seus conhecimentos do templo iam surpreender os arqueólogos.

«Sob a sua direcção, fizeram-se admiráveis achados, incluindo o traçados

antigos jardins e de canais de irrigação. Os seus conhecimentos do tempo deixaram os arqueólogos boquiabertos, sobretudo quando, sem qualquer dificuldade, traduziu hieroglifos até ali indecifráveis».

que foi ferido em combate, em 1944, e posteriormente capturado pelos alemães que o abandonaram quando julgaram que tinha morrido.

Encontrado mais tarde por uma patrulha britânica, foi conduzido a um hospital

Pintava como Kandinsky

Um outro caso é o de David Paladin, um descendente dos índios Navajos,

onde um médico do exército o declarou morto. Pouco depois, David voltaria a dar sinais de vida, embora nunca saísse de um coma profundo. Foi então enviado para os Estados Unidos, onde permaneceu em coma durante dois anos.

«A certa altura, em 1946, David retomou consciência e identificou-se como um artista, o russo Wassily Kandinsky que havia morrido pouco depois de o próprio David ter sido declarado morto, em 1944», conta o dr. Barnerjee.

David começa a pintar furiosamente, num estilo extremamente similar ao de Kandinsky. A sua reputação como pintor depressa é conhecida.

«Quando interrogado acerca de Kandinsky, David é capaz de dar respostas que só o próprio Kandinsky poderia dar. Um exemplo: tendo-lhe sido perguntado o nome do seu senhorio em Paris, David responde «Weisen» — um nome de que não poderia ter conhecimento uma vez que Weisen, sendo judeu, havia alterado para escapar às perseguições nazis»

... e falava espanhol

O dr. Barnerjee cita ainda o fascinante caso de Iris Farezady, uma rapariga de 17 anos, filha de um engenheiro químico de Budapeste, Hungria, que morreu depois de uma doença súbita. O seu coração parou de bater e os médicos consideraram-na morta. Só que Iris — que era considerada como um génio pelo seu professor de matemática — acordou e insistiu em que se chamava Lucia, aos investigadores que a abordaram, contou que tinha sido empregada doméstica, iletrada, e que vivera em Madrid até ao momento da morte, a qual ocorrera no mesmo mês em que Iris foi declarada igualmente morta.

O espantoso é que Iris-Lucia podia descrever cada uma das igrejas de Madrid, apesar de Iris, nunca ter ido a Espanha.

Para além disso, falava fluentemente espanhol, uma língua que nunca havia aprendido.

Através das minhas experiências pessoais — conclui o dr. Barnerjee — «estou convicto de que se trata de casos autênticos de ressurreição e de reencarnação».

Esta foto foi tirada durante a sessão de espiritismo e mostra uma espirita envolvida numa nuvem de luzes ectoplasmáticas, que só apareceram quando o filme foi revelado. No entanto, a mulher que aparece na fotografia não estava na sessão em questão...

Quem acredita em fantasmas

Ver é acreditar? Se assim existem. Provam-no as fotografias sobrenatural. As fotografias produz, foram submetidas a análises. Não se detectou fraude. As convicções de quantos de fenómenos parapsicológicos

Cyril Permutt, fundador do Centro de Fotografos do Sobrenatural, passou anos a construir aquela que é considerada como a mais famosa colecção mundial de fotografias de «fantasmas».

«Um fotógrafo sobrenatural mostra qualquer coisa que não está presente quando a fotografia é tirada e que não pode ser explicada como

parte do processo fotográfico normal», explica Cyril.

«Estes fotografos revelam imagens que não podem ser explicadas em termos físicos. Aceitam, normalmente, que se podem fotografar coisas que não estão visíveis utilizando raios infravermelhos, térmicos ou raios X. Mas também pode suceder que um filme normal seja sensível a fenómenos invisíveis a olho nu», acrescenta.

«Tome-se o exemplo da fotografia do monge ajoelhado junto ao altar. Quando a fotografia foi tirada não havia qualquer figura naquele local. Só quando o filme foi revelado é que a imagem apareceu».

Cyril recebe fotografias contendo imagens estranhas

de todas as partes do mundo. «Só metade pode ser explicada por processos físicos», diz.

«Uma avaria na câmara, um defeito no filme, apenas um reflexo indirecto ou uma sombra, podem necessitar resultados imprecisos. As fotografias que permitem uma exploração imediata deste tipo, são feitas a um profundo conhecimento. Uma grande empresa produtora de películas tem frequentemente solicitado a examinar negativos que enviam para termos de que não são duplicações ou que a fotografia não é resultado de uma avaria de película».

«Mesmo depois de estes cuidados — e

O monge ajoelhado não era visível quando Gordon Carroll tirou a fotografia do interior vazio da igreja de Santa Maria, em Northampton, Inglaterra, em 1964.

Esta série de fotografias materializa

credita asmas?

assim for os fantasmas
tosse pesquisadores do
afias que «Sábado» re-
las a exaustivas investi-
fraude, antes se reforça-
ntos crêem na existência
lógicos.

tes do mundo,
ode ser expli-
cessos techni-

a na câmara ou
filme, às vezes
flexo invulgar
a, podem for-
los imprevis-
afias que não
a explicação
tipo, são su-
fundo exame,
mpresa fabri-
ulas tem sido
e solicitada a
tivos que nos
nios a aza
duplas expo-
a fotografia
de um defeito

ois de todos
— explica

Cyril — ainda ficamos com
uma grande quantidade de
imagens inexplicáveis. Fa-
zemos então novos testes
com estas fotografias. Um
deles é mostrá-las a médios e
pessoas com outras aptidões



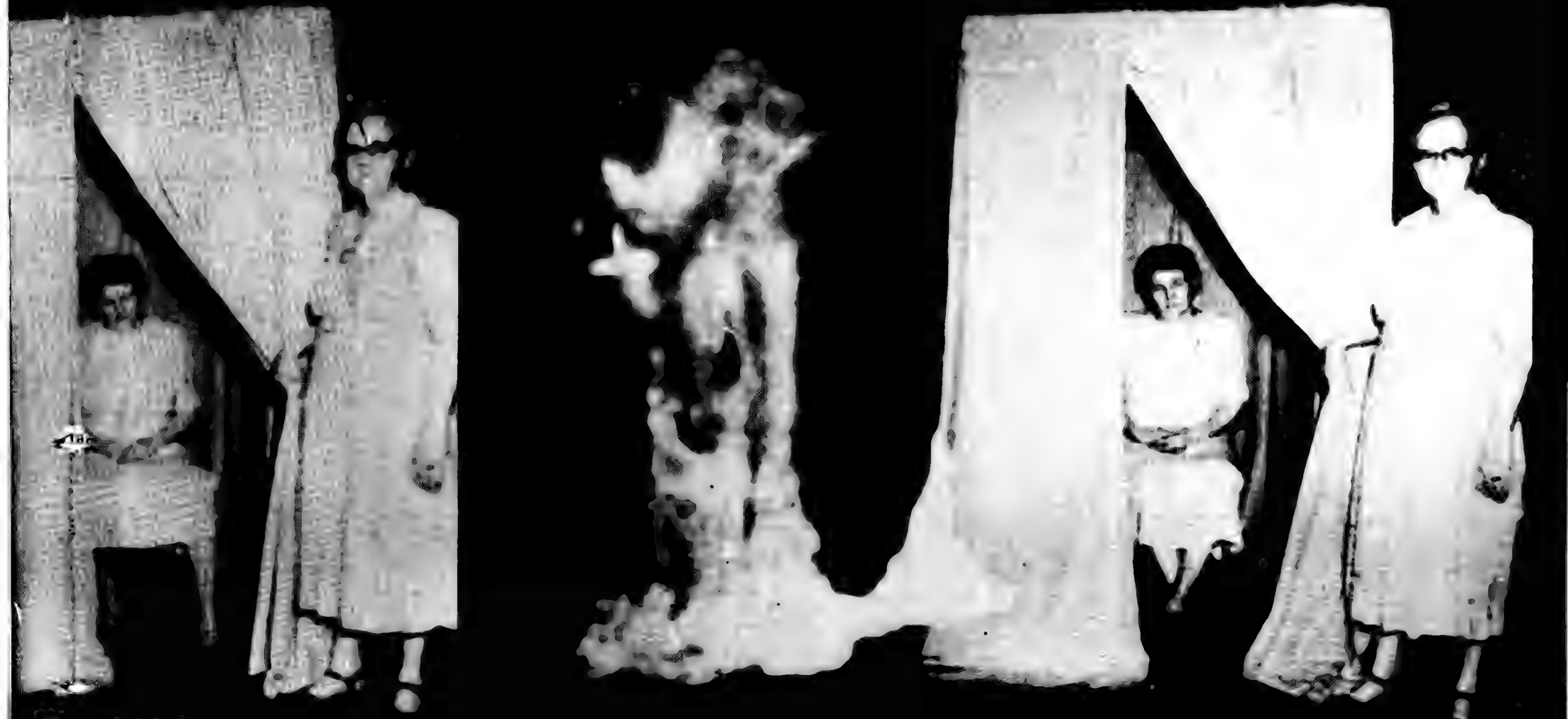
Cyril Permutt mostra um exemplar do seu livro.

psíquicas as quais conse-
guem muitas vezes indicar se
a fotografia mostra algo de
sobrenatural.

Cyril é autor de um livro,
«Para além do espectro», no
qual examina todo o campo
da fotografia do sobrenatu-
ral. Uma das primeiras afir-
mações vertidas para o livro
é a de que não é necessário
acreditar-se em fantasmas...
para se fotografarem fantas-
mas. Como afirma: «Quase
toda a gente possui um má-
quina fotografica. Assim, se
se vai a algum lugar onde
estranhos fenómenos ocorre-
ram, deve-se levar a câmara
connosco. Nunca se sabe o
que irá aparecer no filme...»



Esta fotografia da viúva do presidente Lincoln foi tirada por um fotógrafo que na altura não sabia que a mulher sentada à sua frente era, na realidade, a senhora Lincoln. Mais uma vez, só quando o filme foi revelado, e que uma mancha de luz revelou a presença do espírito do presidente assassinado por detrás da sua mulher.



Uma série de duas fotografias foi tirada com filme sensível a ultravioleta durante uma sessão espírita com a «medium» Ethel Post Parrish (sentada). Junto à cortina materializa-se a figura de uma mulher que Ethel diz ser o seu espírito-guia.

ASTROLOGIA

Os arquétipos planetares

(2.ª série)

No último artigo apresentámos a primeira série de «arquétipos planetares», segundo a sua ordem tradicional. Faremos agora o mesmo, passando lentamente dos planetas que se sucedem até SATURNO e deste para os trans-saturninos, que são também os arquétipos planetares de acção mais marcadamente transpessoal.

Do SOL a SATURNO, inclusive, estão contidas as forças planetares que mais intimamente estão ligadas à área da actividade consciente e inconsciente do EU. Ao passo que os trans-saturninos, estão ou parecem estar mais vinculados à dimensão supra-consciente e portanto cósmica, do campo da consciência. Estão neste caso, URANO, NEPTUNO e PLUTÃO, que representam no cosmograma as forças e os períodos cruciais de mudança, sobretudo no que se refere à mudança dos velhos padrões de consciência psicológica.

Tradicionalmente e em geral na prática astrológica, salvo em certas escolas pioneiras, os dinamismos planetares são interpretados, não na sua especificidade, como forças em-si, mas sempre fortemente coloridas pelas significações tradicionais atribuídas aos SIGNOS e às CASAS. A confusão é tão grande entre SIGNOS, PLANETAS e CASAS, que raramente é possível individualizar atributos específicos. Neste sentido, a nossa descrição dos «arquétipos planetares» tem como finalidade ajudar o leitor a distinguir as características específicas dos dinamismos planetares, permitindo assim um estudo funcional do cosmograma.

Marte

Símbolo: um círculo (vida consciente) encimado por uma cruz, muitas vezes sob a forma de uma seta, representação tradicional da vida das sensações e do espaço-tempo. Enquanto que em VÊNUS a vida consciente permite «uma gestão racional das sensações e das necessidades», em MARTE surge um dinamismo aparentemente irracional, uma forte pulsão de crescimento e expansão que parecem pôr em causa o equilíbrio dinâmico conseguido em VÊNUS. A harmonia venusiana é «brutalmente» rompida por um desejo incontido de individuação e de auto-afirmação, o que levou a tradição a associar este planeta à «cólera», à «violência» e à «guerra»...

É certo que a esfera das sensações volta a predominar em MARTE, não como um conjunto de pulsões que submergem o EU, mas como um factor imperativo de crescimento e de desenvolvimento pessoais. Muitas vezes, sob a sua forma **dissonante**, as energias individualizadoras de MARTE afirmam-se como uma necessidade de satisfazer fortes desejos e objectivos pessoais, quase sempre de uma forma excessiva! Esta tendência menos construtiva, levou a tradição a considerar MARTE como um planeta «maléfico»...

Estes desejos imperiosos de natureza negativa e imperfeita podem assumir a forma de uma forte necessidade de satisfação física, sexual ou de poder pessoal, tudo isto à custa da dominação (por vezes rude e brutal) exercida sobre as pessoas que lhe possam saciar esta auto-satisfação primária.

Já na expressão evoluída de MARTE (aspectos harmónicos) predomina uma sã necessidade de progresso e aperfeiçoamento individual, de transformação auto-consciente e disciplinada da esfera das sensações, frequentemente através de muta-

ções bruscas e de uma certa «audácia» e «violência», sobretudo contra tudo o que seja obstáculo (objectivo e subjectivo) às forças de transformação marciais. Sem a acção individualizadora de MARTE, não haveria indivíduo nem vida individual, nem tampouco o prazer da aventura que a eles conduz.

É graças à acção de MARTE que o ser humano exterioriza a sua vontade de individuação e crescimento (físico, moral e espiritual) e prepara novos ciclos de expressão e expansão da individualidade (em Peixes).

Júpiter

Símbolo: um semicírculo emerge para o alto, a partir do braço esquerdo da cruz, descrevendo uma espécie de número quatro. É um símbolo de reabertura em direcção ao infinito, portanto de introdução de um princípio de ordem cósmica no Seio do espaço-tempo, da criação (cruz): correspondência universal, hierarquização, ritmo organizador.

JÚPITER é uma força planetar que exprime a acção organizadora, hierarquizadora, sistematizadora. Com JúPITER a solidariedade e a hierarquia dos valores e fundações adquirem sentido. Transposto do plano biológico para o plano humano, o «princípio de organização» conduz à manifestação de individualidades autoconscientes, conscientes de si-mesmas como membros do organismo social, que coordenam e sistematizam as suas energias e recursos, não por um esforço de vontade egoísta, mas por um sentimento espontâneo de hierarquização e ordem estrutural, de intuição dos valores e da necessidade de uma orientação comum.

Com JúPITER surge a acção organizadora, o sentido da ordem, da coesão estrutural e hierarquizada. As forças jupiterianas tendem a arrancar o indivíduo à situação de se fechar sobre si próprio ou de se exteriorizar egocentricamente, operando nele uma profunda socialização e uma sã filosofia de vida. Com JúPITER a nossa consciência pessoal comunica activamente com a consciência dos grupos em direcção aos quais nos voltamos: acção dos grupos sobre o indivíduo e acção do indivíduo sobre os grupos, através da tolerância e do respeito pela ordem e pela lei, por exemplo.

JÚPITER inspira a **acção organizadora** sobre o meio ambiente imediato (família, lar, cidade, sociedade, etc.) ou sobre a sociedade em geral (administração, Igreja, fábrica, estabelecimento de ensino, legislação, filosofia, etc.).

Portanto: JúPITER confere a capacidade de iniciativas sociais e administrativas, executadas com sobriedade, moralidade e justiça; acção de tendência pacífica, sensível, devotada, generosa, interessada por tudo e por todos. A acção é também optimista e entusiasta, tendendo a conformar-se aos princípios morais e cívicos justos, ao sentido de ordem, hierarquia e justiça.

Se a acção de JúPITER é dissonante, esta acarreta reacções do meio, falta de método e direcção, mesmo naquilo que interessa socialmente o indivíduo; neste sentido, a acção é de tipo sem bússola, sem sentido interior de ordem, inclinando o indivíduo para a fruição duvidosa e impulsiva das sensações provocadas pela vida dos grupos (família, fábrica, multidões, etc.).

V.Q.



Canibalismo? Isso nunca existiu!...

Um estudante diz-lhe um dia: «Quero estudar o fenómeno do canibalismo.» William Arens, professor da Universidade de Nova Iorque, procura durante meses documentação concreta, testemunhos e provas. Em vão: o canibalismo não existe!

Um livro que escreveu sobre o assunto, «The Man-Eating Myth», foi abominavelmente criticado pelos meios antropológicos. E, contudo, o único «crime» de Arens foi ter revelado as conclusões a que chegara.

Generalizações romaneadas e fantasistas e encontrou aos montes:

«Hoje, cruzámo-nos com um grupo de canibais de dentes muito aguçados.» Espírito científico, quer testemunhos mais directos: a descrição do «cozinheiro» de um missionário, um jantar humano, qualquer coisa de concreto. Em vão.

Os documentos em que os antropólogos se baseiam, quando falam de canibalismo, não passam de rumores, afirma. Tanto basta para que o ridicularizem.

Continua a procurar uma simples prova, durante meses. E acaba por concluir que a pretensão dos antropólogos, de que terá havido povos para quem seria normal comer, por exemplo, os seus inimigos, não

tem qualquer fundamento.

Mais ainda: Arens afirma no seu livro que os nossos próprios antepassados se acusavam reciprocamente, com uma facilidade impressionante, de actos de antropofagia. E recorda, no seu livro, a «má fama» dos judeus, ainda hoje não dissipada totalmente.

O medo do Ogre

Assim nasceu e se consolidou o mito.

Para Arens, a chave do problema reside «no medo do Ogre: Era uma vez uma imensa floresta, onde existia um ogre que devorava os seus próprios filhos...» Daí até todos os povos e raças terem passado, alguma vez ao longo da sua história, por canibais, vai um passo.

Para Arens, comer um outro ser humano constitui um «tabu» muito poderoso em toda a espécie. Porquê? Tal como o incesto, tratar-se-ia de um medo que nos vem «de muito longe».

Mas se a antropofagia não é mais do que uma impostura, resta saber porque motivo os antropólogos continuam a laborar nessa mistificação.

«Inconscientemente — considera Arens — isso justifica a sua existência: se houver algumas pessoas que comem outras, elas são de tal modo diferentes de nós, que só isso justificará a despesa de exploração.»

Percebe-se, ao ler afirmações deste teor, o furor dos investigadores. Arens chegou mesmo a ser considerado um «perigoso indivíduo»...

Que se trata de uma visão tipicamente racista e, vamos lá!, ocidental, não restam dúvidas. Se olharmos para a história, não é verdade que todos os povos ditos «canibais» foram exterminados?

Muitos africanos acreditaram durante séculos que os brancos devoravam todos quantos metiam nas galeras dos negreiros, e que nunca mais eram vistos. Ora digam lá: não era lógico, este raciocínio?...

Subitamente... uma nova onda de entusiasmo. Bjorn Borg redescobriu o triunfo, a determinação que o tênis lhe forneceu durante mais de 10 anos. Mas tudo isto à custa de uma nova carreira: a moda masculina. O dinâmico sueco prepara-se para o «assalto» dos mercados italiano, francês e britânico. No fundo, é um novo caso em que a personalidade de um indivíduo conduz ao êxito nos negócios.

BORG

novamente

Wimbledon já vai longe. Não obstante são ainda os famosos «courts» que dominam a linha de vestuário masculino a que Borg devota agora a quase totalidade do seu tempo: de blusas e blusas à sapatilhas e raquetes, é variadíssima a linha de produção do ex-homem-maravilha do tênis mundial.

«Foi uma companhia sueca, a Elser, que me abordou. Percebi imediatamente que tinha muito em comum com a proposta, concluindo os modelos cujo lançamento me era proposto», diz Borg.

É evidente que o dinheiro também teve uma enorme influência — embora nada tenha sido divulgado, os rumores que correm sobre o montante do contrato concluído com a Elser são de molde a fazer corar qualquer cidadão, mesmo que dos mais afortunados.

Será que foi um bom negócio? Para Borg, sem dúvida. Para a Elser, ver-se-á. O mercado mundial está em recessão, sobretudo o mercado da moda masculina

onde a competição atingiu um nível sem precedentes. O papel que os Estados Unidos desempenham neste mercado é particularmente determinante e a posição alcançada por aquele país parece, de momento pelo menos, dominante.

E, no entanto, a linha «Borg» tem boas condições para sobreviver, não só porque a ela está ligado um nome que continua a gozar

de enorme prestígio internacional, como também por que, pela descrição e sobriedade do desenho, a linha apresenta boas condições para sobreviver muito além de outras bem mais ousadas.

Como dizia um especialista, a «moda Borg» está perfeitamente de acordo com a personalidade pouco exuberante do antigo campeão mundial e como tal, aparentemente destinada a sobreviver quase tanto tempo como ele nos primeiros lugares do «ranking» internacional.



A foto faz parte da propaganda divulgada sobre a «linha Borg». Depois do desporto, a moda.



«Sweater» em algodão com riscas cinzentas e creme: a nova «pose» do campeão

Ídolo de multidões «virou» manequim

SAÚDE

Um novo tratamento
muito controverso

Dissolver o enfarte em pleno coração

Atacar o enfarte em pleno coração, no seio das artérias coronárias, local da lesão inicial. Há alguns anos um novo tratamento espectacular (a trombolise intracoronária) foi experimentada na maioria dos grandes serviços de cardiologia europeus e americanos. Realizada graças aos progressos obtidos em diferentes disciplinas, essa terapêutica é eficaz? Ninguém, entre os numerosos especialistas que acabam de se reunir em Nice, no quadro da Sociedade francesa de cardiologia, ousou afirmá-lo. Tal como acontece muitas vezes em matéria de inovação terapêutica, depois de um período inicial de entusiasmo, a fase da avaliação do método e dos resultados levanta dificuldades de ordem ética. Também reserva algumas decepções.

O enfarte do miocárdio: julga-se que é bem conhecido. Não é verdade. Com efeito nada mais complexo do que o mecanismo fisiopatológico dessa afecção frequente e muitas vezes mortal, na qual uma parte — mais ou menos importante — do músculo cardíaco, é destruída.

Sabe-se que essa necrose dos tecidos se deve a uma privação de sangue e de oxigénio, privação essa responsável pelos sintomas mais frequentemente observados (dor violenta e angustiante no peito, que vai do maxilar aos braços, numa pessoa activa que geralmente já ultrapassou os quarenta anos). Em contrapartida, manteve-se aberto o debate sobre as origens precisas da interrupção da irrigação sanguínea do território muscular afectado.

Principal acusado: um coágulo ou trombo de sangue que formaria, de diversas maneiras, uma «rolha» numa ou em várias artérias coronárias. No entanto, se um trombo é encontrado com frequência — como o vem recordar uma série de trezentas e dez autópsias feitas no hospital Broussais, de Paris, — «o eterno problema», repetiu-se em Nice, «está em saber se ele é a causa ou a consequência do enfarte do miocárdio».

Ao lado dos mecanismos obstrutivos ou placa de ateroma solto da parede de um vaso), também se suspeita, há já vários anos, dos mecanismos bioquímicos e funcionais (fornecimento insuficiente de oxigénio, diminuição do caudal sanguíneo, «espasmo» das artérias coronárias, etc).

Pergunta-se, pois, se o enfarte do miocárdio não será uma entidade multifacetada se não convirá encarar, segundo os casos, causas totalmente diferentes. Estas questões não têm nada de académico, porque podem guiar e melhorar as práticas terapêuticas.

Assim, se nos inclinarmos para os mecanismos obstrutivos, é lógico propor, de qualquer modo, uma dissolução do trombo. Se, pelo contrário, se pensa que este último é de formação secundária, este gesto perde muito significado. Questões tanto mais difíceis quanto se pode observar, de um modo natural, um fenómeno rápido e precoce de retracção do trombo.

Agressão e stress

Actualmente o tratamento habitual do enfarte do miocárdio compreende, no essencial, um repouso no leito

e medicamentos anticoagulantes. O objectivo é limitar a extensão da trombose. No entanto, há alguns anos, um novo tratamento experimental foi proposto por certas equipas: a trombolise intracoronária. Ela consiste em colocar, um cateter (sonda canelada) desde a virilha ao coração através da artéria ilíaca, depois da aorta (ver esquema). Simultaneamente, se visualiza as artérias coronárias através da injeção de um produto rádio-opaco (coronariografia). Após a localização do território atingido, injectar-se, na proximidade do trombo, um produto fibrinolítico, isto é,

capaz de dissolver a fibrina que se formou.

Muito frequentemente, a dissolução do trombo e o restabelecimento da circulação sanguínea são obtidos e confirmados pela coronariografia. A injeção, contínua ou fraccionada, da substância fibrinolítica dura de trinta a cento e vinte minutos. Quanto mais antiga é a formação do coágulo mais difícil é a sua dissolução. As modalidades práticas (colocação do cateter no coração, natureza do produto, doses, etc) diferem muito segundo as equipas.

A «agressão» que a trombolise intracoronária repre-

senta comporta riscos que não são de desprezar. Assim, os resultados preliminares de um estudo multicêntrico francês, apresentado em Nice pelo professor Michel Bertrand referem, em perto de quinhentos casos, uma mortalidade global de 10 %. Perturbações do ritmo cardíaco (19%) e acidentes vários (hematomas, hemorragias, acidentes vasculares cerebrais, etc) são assim observados. Em segundo este estudo, em 17 % dos casos, as artérias coronárias abertas estão de novo obstruídas um mês depois. Como essa abertura (ou recanalização) só se obtém duas vezes em três, «os primeiros resultados», explica o professor Bertrand, não parecem ser muito diferentes dos que se observam espontaneamente, dados os riscos que se correm».

Algumas equipas, tendo em conta o elevado custo da técnica (disponibilidade contínua dos homens e do material), o stress e os riscos para os doentes, abandonaram definitivamente a via intracoronária para se limitarem à injeção de medicamentos trombolíticos por via endovenosa. «Não nos enganemos», explica o professor Morand, «é uma intervenção difícil, que exige cuidados imediatos, que necessita de uma equipa médica e de um laboratório de hemostase e de bioquímica disponíveis de dia e de noite».

Emprego limitado

Para além da generalização da prática da trombolise intracoronária, é um amplo problema: a saúde pública que é colocado, por causa do custo directo da técnica mas também daquilo que ela implica: equipamento diverso de serviços muito especializados de cardiologia; diagnóstico imediato do enfarte; recepção urgente de todos os doentes suspeitos de enfarte.

Perante a multiplicidade e a diversidade dos protocolos terapêuticos, deve notar-se um facto importante: a ausência em França de estudos feitos em paralelo com um grupo testemunha (grupo de doentes tirados à sorte e tratados de modo convencional). Foi feito um estudo deste tipo no Thorax Center, de Rotterdam (entre Junho de 1981 e Outubro de 1982) numa centena de doentes. Uma primeira análise dos resultados foi apresentada em Nice pelo professor P.G. Hugenholtz: no grupo tratado por trombolise foram registados seis mortes, no grupo testemunha, três.

Para o professor Hugenholtz «esta técnica parece, como muitas outras, dever ser reservada a um grupo restrito de doentes seleccionados». Poder-se-á conti-

nuar a experimentar às cegas? «Se assim acontecesse», sublinha o professor Bertrand, «receio muito que daqui por dez ou quinze anos ainda estivéssemos no mesmo ponto de incerteza. Mas é muito difícil fazer compreender a certos colegas que num primeiro tempo se deve fazer com que os nossos doentes não beneficiem de um novo tratamento que podia ser-lhes nocivo.» Na ausência de conclusões francesas claras quanto à confiança que uma tal técnica inspira e ao lugar que lhe deve ser reservado, os ensinamentos virão do estrangeiro.

Assim, nos Estados Unidos foram empreendidos vários estudos. Um deles, cujos resultados acabam de ser publicados no New England Journal of Medicine (de 2 de Junho) leva a lógica ao máximo. A equipa dirigida pelo doutor Fareed Khaja (do hospital Henry Ford, de Detroit) tratou quarenta doentes voluntários.

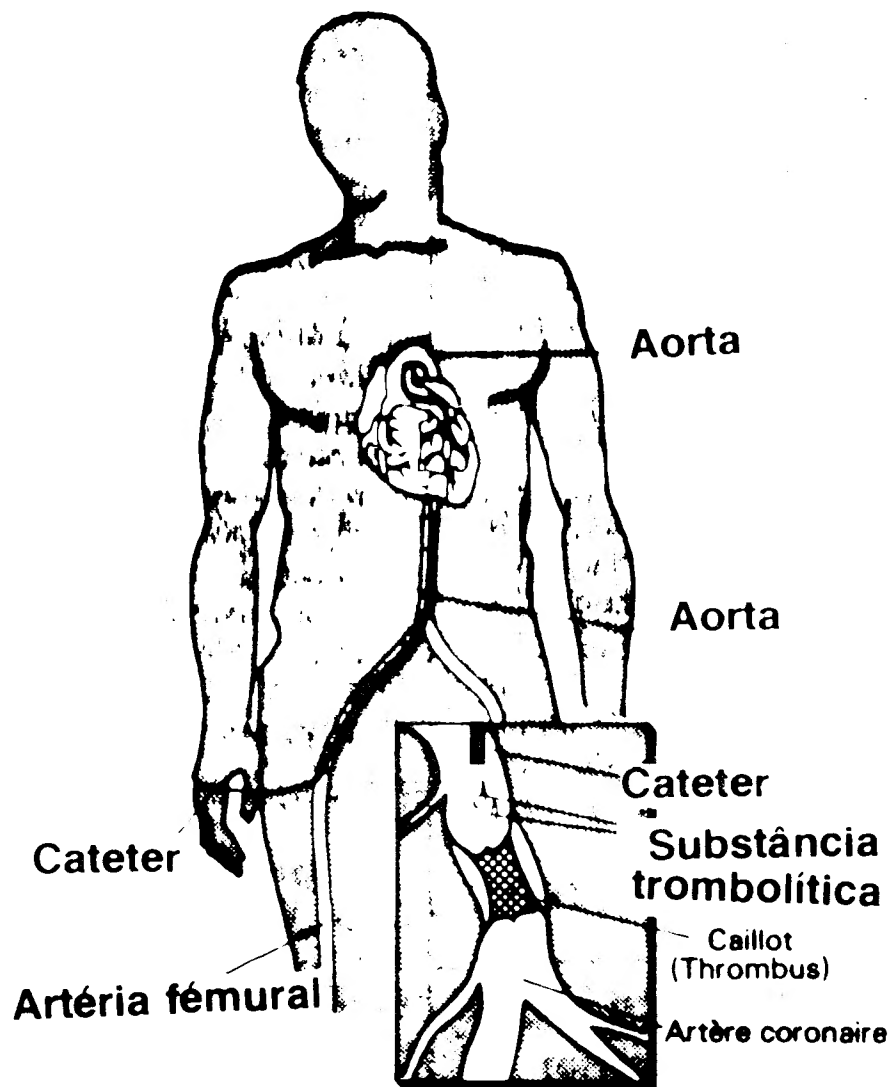
Metade deles beneficiaram de uma trombolise intracoronária. Quanto à outra metade, esse tratamento foi simplesmente fingido: uma sonda chegava ao coração, mas o produto era dextrose. Conclusão da equipa: se o fluxo sanguíneo foi restabelecido doze vezes em vinte no primeiro grupo contra duas vezes no segundo, o certo é que os resultados na função cardíaca, cinco meses mais tarde, não são significativamente diferentes. Em contrapartida, nas cinco mortes registadas, quatro ocorreram entre os doentes tratados com a dextrose. Haverá aqui um problema ético?

A evolução das novas tecnologias médicas passa sempre por uma fase em que o entusiasmo inicial dos profissionais diminui quando o estudo feito em grande número de doentes começa a situar os verdadeiros limites da prática. Assim, a acreditar em John B. McKinlay que divide a inovação médica em sete estádios, a trombolise coronária situa-se no estádio 5, em que é difícil fazer experiências controladas, por causa da ética e do alto custo. Segundo o autor, o estádio seguinte é o da denúncia profissional da experiência controlada. Quanto aos seus resultados, continua ele, estão em contradição com os hábitos médicos; então os grupos de interesses protegem o seu domínio de actividade.

A questão está hoje em saber se a apreciação das consequências sobre a organização do sistema de tratamentos da trombolise intracoronária poderá preceder a avaliação objectiva da sua eficácia.

Jean Yves Nau

A trombolise intracoronária



ALTERNATIVA

Bio-energias: presente e futuro

Como o próprio termo indica, as bioenergias são «energias vivas». Segundo algumas previsões, elas deveriam, se devidamente incrementadas e orientadas, substituir uma parte importante dos gastos em petróleo até ao ano 2000.

A bioenergia consiste na utilização da **célula viva**, como fonte de energia. Um exemplo actual e polémico, diz respeito à produção de combustível para automóvel a partir da beterraba e da cana-de-açúcar, tal como já acontece no Brasil.

Há algumas décadas atrás, poucas pessoas pensariam que a célula viva pudesse ser fonte de energia e rivalizar com os meios tradicionais de produção de energia: água, carvão, petróleo, átomo, etc. No entanto, hoje em dia o número de alternativas em matéria de energia e a sua exploração racional e ecológica, constitui um investimento económico e social de

crescente importância.

Biologia e história

Desde a mais elementar das células vivas, a bactéria, até à complexa associação de células no mamífero superior, a vida resulta de uma permanente circulação de energia. A energia inicial, ao contrário do que muitas pessoas pensam, vem do Sol, pois toda a **energia viva**, sem excepção, vai buscar de uma forma directa ou indirecta a sua energia ao astro-rei.

Em termos esquemáticos, a **vida** é constituída por uma estrutura complexa de compostos «inertes», que a energia anima e põe em movimento. Como todas as criaturas vivas, o homem, para viver, foi «programado» para funcionar com uma certa quantidade de energia, que é por ele absorvida sob a forma sólida, líquida e gasosa e tãez não só.

Com esta energia absor-



O biogás na China, uma fórmula simples e eficaz

vida e transformada, o ser humano é capaz de se mover, de se reproduzir e de sonhar com o que está além do horizonte, fazendo música como Bach ou ciência como Einstein, mas também é capaz de

chacinar os seus semelhantes e colocar a ferro e fogo o «seu» planeta!

O ser humano é por natureza um devorador de energia, se comparado aos outros seres vivos! A sua própria

energia é-lhe insuficiente e por isso pode dizer-se que a história do Homem é a história das suas renovadas tentativas de captar e utilizar cada vez mais energia: o fogo, o escravo, a água, a vela, o vapor, o operário, o carvão, o petróleo, o átomo...

Vida e energia

Todas as espécies, excepto o Homem, captam, transformam e restituem a energia que utilizam, com o máximo de economia. Tudo indica que a natureza criou um ciclo de energia relativamente curto e estável, que por razões sociais teve de se tornar mais extenso e elaborado, embora dentro de certos limites.

Como dizia alguém, um «camelo não prepara as tamaras que vai comer, nem constrói uma tenda ou cultiva a terra...». Mas na mesma paisagem o homem irriga, constrói, fabrica, cozinha, forja, mata o seu se-

melhante e muitas coisas mais! A guerra do fogo nunca cessou...

As bioenergias são o último capítulo desta guerra da energia, também ela, com os seus riscos: as monoculturas energéticas, as manipulações genéticas, a exploração indiscriminada da biomassa, as armas biológicas, etc. Tal como aconteceu com outras formas de energia, também esta já promete, se indevidamente utilizada, novos crimes contra o planeta vivo e portanto, contra a Humanidade.

A menos que o ser humano desperte do seu sonho de lucro e poder e faça uso de uma nova inteligência e de uma nova sensibilidade quanto à utilização da sua própria energia e das energias do delicado ecossistema em que vive, a manipulação abusiva da «energia viva» pode ter riscos e consequências neste momento incalculáveis!

A Índia e o «Gobargás»

Desde 1940 as experiências de reciclagem da bosta de vaca e de produção de biogás a partir de todo o tipo de materiais orgânicos, sofreu um grande incremento num país vasto, pobre e superpovoado como a Índia. Durante mais de 20 anos a «Gobar Gas Research Station d'Ajital» pesquisou nesta direcção e lançou as bases de uma popularização sem precedentes do biogás ou «gobargás», como passou a ser conhecido neste país.

Desperdício e calorías

Nas regiões rurais ainda não electrificadas, os camponeses pobres aquecem-se, cozinham e iluminam as suas casas com bosta de vaca. Queimado directamente, este combustível tem um baixo rendimento: 11% do valor calórico. O restante perde-se completamente. Mas transformado pela fermentação anaeróbia, que produz o gás metano, esta matéria-prima tem um rendimento muito superior:

60%. Este facto é tanto mais importante, quanto se sabe que a quantidade de bosta queimada oscila de 1 a 3 milhões de toneladas anuais, o equivalente de 65 a 70% das necessidades de petróleo da Índia, nesse mesmo período de tempo!

Mas os pequenos «digestores» rurais só começaram a ter uma alargada aplicação, a partir de 1975/76, ou seja, no momento em que a crise do petróleo e dos fertilizantes se agudizou. A partir desse momento, três tipos de desperdícios orgânicos passaram a ser utilizados na produção de biogás: domésticos, águas de esgoto e excrementos.

Apesar de uma grande criatividade no emprego de materiais locais baratos e de uma série de astúcias baseadas em antigas tradições de construção (a utilização de bambu, p. ex.), foi necessário moderar o optimismo: enquanto que o governo previa um incremento de 100 000 unidades para o ano de 1978, em 1980 o seu número não excedia as 36 000

unidades. Segundo o critério de rentabilidade da OCDE, cada unidade rural de produção de biogás era ainda demasiado cara para o nível de vida da Índia, além de que haviam outros problemas: manutenção, avarias e baixa produção no Inverno, sobretudo no norte do país.

Energia e sociedade

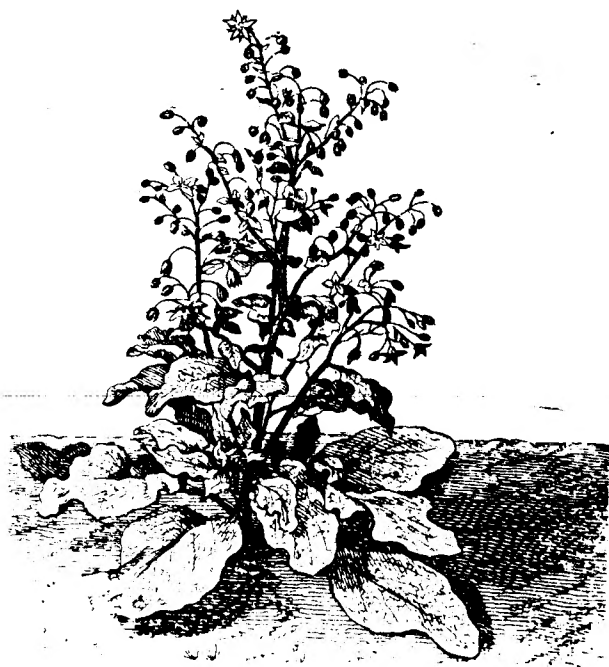
Na realidade o aparente insucesso dos «biodigestores» na Índia está baseado num cálculo muito simples: possuir seis vacas! Ora neste país, nem todas as famílias rurais podem ter este número mínimo de animais e as que o podem ter, fazem parte de uma camada social que não sendo propriamente privilegiada, poder ser considerada remediada...

Com 1 ou 2 animais, a operação não é rentável e o gás produzido é insuficiente para cobrir as necessidades energéticas de uma família, que portanto tem que recorrer a um derivado do petróleo. O ideal é ter tantas vacas quantas as pessoas que utili-

zarão o biogás produzido. Mas isto é uma fórmula perfeitamente ideal!

É preciso não esquecer que um vasto programa de reciclagem deste tipo, necessita um forte apoio governamental, ou seja, vontade política e um conjunto de infra-estruturas adequadas de apoio técnico e financeiro realista e de autêntico alcance social. Isto para não falar, na necessidade de uma profunda transformação das mentalidades e dos padrões de organização social.

No caso indiano (e talvez um dia em Portugal), além dos factores atrás mencionados, torna-se necessário fixar novos objectivos em matéria de biotecnologia: o tipo de «biodigestor» a utilizar, a escolha dos materiais a reciclar, o recurso ao tijolo e ao plástico quando necessário e dadas as semelhanças climáticas com a China, ver o que por lá se passa: 20 milhões de unidades rurais de produção de biogás em 1980 e 70 milhões previstos para 1985!



A doce borragem

Planta anual de 30 a 60 cm de altura, flores com cinco pétalas de um azul vivo e vistoso, folhas espessas e aveludadas, hastes revestidas de pelos brancos, frequente em quase todas as regiões de Portugal. Espécie provavelmente originária do Norte de África, tornou-se comum em toda a Europa e América, seja cultivada, seja em estado espontâneo.

De cultura muito fácil, cresce até mesmo em terrenos secos, ainda que prefira uma boa terra, com regas e cavas frequentes. A flor da Borragem é procurada pelas abelhas e produz um mel particularmente perfumado.

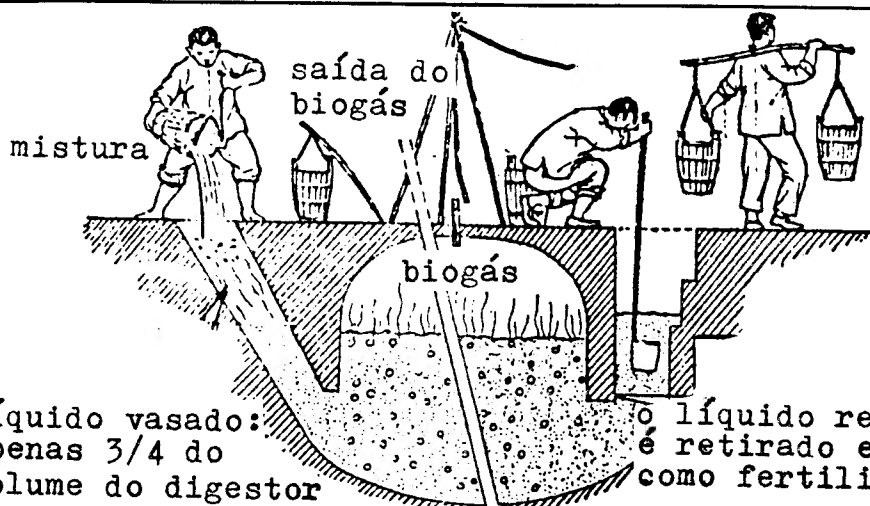
As folhas e as flores são as partes mais utilizadas: procede-se à colheita das folhas na Primavera e das flores, os meses de Junho e Julho, devendo estas encontrar-se ligeiramente abertas.

As propriedades terapêuticas da Borragem são diversas: expectorante, sudorífica, sedativa, diurética, depurativa, calmante nos casos de reumatismo e inflamações diversas.

Infusão: um pequeno punhado de flores num litro de água, em rápida infusão, pois se assim não for, a tisana perde a sua bela cor azul! Tomar 3 a 4 taças por dia no tratamento da tosse, do reumatismo e da expectoração.

Decocção: as mesmas quantidades.

Cataplasmas: a planta fresca picada, sobre as queimaduras. Sobre as articulações dolorosas dos gotosos: um pano de linho ou de algodão embebido numa decocção muito concentrada de flores e folhas (dois punhados por litro de água).



Coordenação de Vitor Quelhas



Os modernos "Ben Hur"

Com o rugido de uma moto, perdido nos fumos do escape, Ben Hur entrou no século XX. As modernas quadrigas são motorizadas, impulsionadas não por quatro mas por oito «cavalos». «Charimo» é o nome com que as modernas quadrigas foram baptizadas pelo seu «inventor», Steve Lawson, que gastou três anos a aperfeiçoar os veículos, além de qualquer coisa como 24 mil contos. Um dos sócios de Steve, aliás o financiador do projecto, Arnold Cockle,

pensa que corridas com estes veículos vão ser um êxito que lhe permitirá reembolsar o capital empatado.

«Parecem-se com as quadrigas romanas e, como elas, não têm travões e são controladas por rédeas. É uma sensação diferente conduzir estes carros», diz Arnold.

«Charimos» é impulsionada por um motor de oito cavalos e as rédeas são usadas quer como volante quer como acelerador. Podem circular em qualquer espécie de terreno, incluindo o corta-

-mato. «O seu perigo depende da forma como se conduz», diz Arnold. «Tivemos alguns acidentes sem importância durante a fase experimental. A velocidade não é grande — o máximo são 64 quilómetros-hora —, só ocorrendo momentos de certo perigo quando se tenta «saltar» um obstáculo.

At'agora foram organizadas corridas de «Charimos» um pouco por toda a Inglaterra, vestindo-se os condutores à maneira dos romanos para dar mais colorido ao

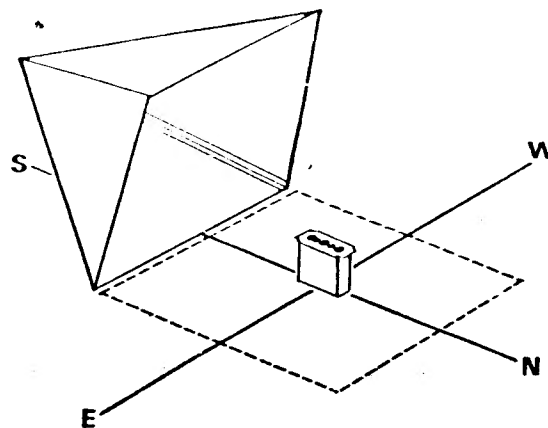
acontecimento. «É fantástico», diz o condutor Chris Wilkes, «principalmente quando nos lançamos num salto e descobrimos que quase somos capazes de voar».

Depois de comercializados, os «Charimos» deverão custar cerca de 240 contos cada. «Não é caro», conclui Arnold, «sobretudo se atendermos a que se trata de um desporto espectacular que proporciona sensações inolvidáveis aos condutores e aos espectadores».



INSÓLITO

O segredo da Pirâmide



Desde há alguns anos para cá, muita tinta correu sobre os misteriosos poderes da **pirâmide**. Por um lado, sobre as pirâmides de pedra do antigo Egipto e, por outro, sobre os modelos mais reduzidos que se fabricam por esse mundo fora, nos mais diversos materiais e com as mais variadas finalidades.

Por detrás desse interesse geral e renovado pelo enigma da pirâmide, esconde-se afinal o desejo do homem moderno descobrir e utilizar novas formas de energia, talvez não tão novas como se diz, visto que algumas civilizações antigas parecem tê-las descoberto e usado com sucesso.

Em tempos recentes, tudo começou em 1959 quando alguém na cidade de Praga (Checoslováquia) registou uma invenção algo insólita: um modelo reduzido da pirâmide de Quéope destinada a afinar lâminas de barbear — Acessórios indispensáveis: uma bússola e uma caixa de fósforos. O primeiro para orientar o engenho e o segundo, para servir de pedestal (5 cm de altura ou seja, 1/3 da altura da pirâmide) a colocar no centro da pirâmide...

Mas para funcionar, o invento de Praga deve estar afastado de qualquer aparelho eléctrico e ter rigorosamente orientada uma das suas medianas no sentido Norte-Sul. No centro, perpendicular ao vértice da pirâmide, a caixa de fósforos deve também ser orientada no sentido norte-sul. (ver figura).

Coloca-se então a lâmina de barbear (já gasta) sobre a caixa de fósforos, ficando as arestas cortantes voltadas para Este e Oeste. Seis dias depois retira-se a lâmina: verifica-se então que ela está perfeitamente afiada, sobretudo se o aço é de tipo azul.

O mistério de Quéope

A razão porque isto acontece, ninguém parece sabê-la. Sabe-se apenas que o engenheiro que inventou (?) a pirâmide de Praga se inspirou numa obra-prima da matemática, realizada há cinco mil anos pelos arquitectos-astrólogos do antigo Egipto...

E sabe-se também que esse engenheiro chamava-se Karel Drbal e que após ter colaborado na criação da rede de televisão checoslovaca, passou tranquilamente para a reforma. Músico, espírito curioso, homem de grande cultura, é o género de pessoa atenta e interessada pela Parapsicologia e estudos afins.

Mas a descoberta de Karel tinha alguns antecedentes, entre os quais a intrigante constatação do francês M. Bovis, quando alguns anos antes, ao visitar a grande pirâmide de Quéope, reparou que na câmara mortuária (aliás bastante húmida), os cadáveres de gatos e outros pequenos animais que aí tinham morrido por se terem perdido nas galerias, não apresentavam sinais de decomposição e estavam naturalmente mumificados —

Uma ideia atravessou-lhe o espírito: serviria a forma, orientação e arquitectura do túmulo faraónico para auxiliar a conservação do corpo mumificado do soberano egípcio? Teriam elas o poder de modificar o processo natural da decomposição da matéria orgânica? Bovis concluiu que o poder da pirâmide residia na sua forma: depois de orientar um modelo reduzido segundo o Norte magnético e de ter colocado a 1/3 da altura o cadáver de um gato, este ficou mumificado algum tempo depois!

«Qualquer coisa»

A curiosidade do pesquisador francês, levou-o a fazer experiências de conservação com estruturas orgânicas de rápida decomposição (sobretudo vísceras), verificando-se em todas elas um acelerado efeito de desidratação (uma média de 66% . Havia, portanto, «qualquer coisa» na forma da pirâmide que detinha o natural processo de decomposição e provocava uma rápida dissecação.

Também Karel Drbal, a partir das suas próprias experiências, pôde estabelecer uma primeira hipótese de trabalho: «Toda a evolução física, química e biológica da matéria realizada num determinado espaço, avaria segundo a forma desse espaço...» Porquê? Sabe-se apenas que certas formas retardam ou aceleram esses processos.

Mas Karel Drbal não se inspirou apenas nas pesquisas de Bovis: os estudos do abade Moreux sobre a misteriosa ciência dos faraós e os do engenheiro Turenne sobre as «ondas de forma» foram fundamentais para ele concluir que nem todas as formas exercem a mesma influência sobre o homem e sobre a matéria orgânica. Curiosamente, também o arquitecto Buckminster Fuller, criador dos «geodes» ou estruturas arquitectónicas, tinha chegado a conclusão semelhante.

Foi graças a este tipo de pesquisas, que a forma da pirâmide e as lâminas de barbear se associaram para lançar as bases de uma nova tecnologia, ainda de contornos indefinidos. O que é certo é que a lâmina gasta (deformação temporária) tende a retomar, sob o efeito da pirâmide, a sua estrutura original. Porque é que isso acontece? Todas as respostas permanecem em aberto...

N.Q.

(Continua)